



CATOLICA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

---

LISBOA · PORTO · VISEU

O SUCESSO DOS ALUNOS SURDOS  
NO ENSINO SUPERIOR

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em  
Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos

Por

André Eduardo Ferreira da Maia

Lisboa - 2016



CATÓLICA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

---

LISBOA · PORTO · VISEU

O SUCESSO DOS ALUNOS SURDOS  
NO ENSINO SUPERIOR  
SUCCESS OF DEAF STUDENTS IN HIGHER EDUCATION

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em  
Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos

Por

André Eduardo Ferreira da Maia

Sob a orientação de Prof. Doutor José Afonso Nunes Baptista

Lisboa- 2016

## **Dedicatória**

Aos meus pais *pela vossa força e dedicação que me conduziu ao mais além na construção do meu Ser.*

À minha esposa *“as mais lindas palavras de amor são ditas no silêncio de um olhar.”*

*(Leonardo da Vinci)*

Aos meus avôs João e Rosa, *in memoriam.*

## **Agradecimentos**

À Universidade Católica Portuguesa, na pessoa da professora Doutora Ana Mineiro, pela coordenação do mestrado, desta forma foi-me possível adquirir mais conhecimentos na área.

Aos professores das unidades curriculares do mestrado, por todos os ensinamentos.

Destacar o Professor Doutor José Baptista por ter surgido durante este percurso, no qual lecionou uma das cadeiras do mestrado. Tornando-se uma peça crucial para o desenvolvimento desta dissertação. Por todo o acompanhamento, os meus sinceros agradecimentos, pela seriedade, confiança e cooperação incansável durante a evolução desta dissertação. Por ter estado presente nas minhas dúvidas, por ser célere nas respostas e me orientar neste caminho de uma forma inigualável. As minhas palavras neste momento são escassas para agradecer a sua dedicação. Agradeço-lhe por se ter cruzado no meu percurso e ter entrado no meu coração como amigo.

À minha colega de trabalho, Joaquina Caeiro pela disponibilidade na tradução e correção da língua inglesa.

Aos meus sogros pelo apoio e afeto. Ao sogro pelos momentos de diversão durante a prática de Geocaching, que me fez aliviar do trabalho e à sogra pela ajuda constante nas tarefas da casa, que nos possibilitou maior disponibilidade para a realização do trabalho.

À minha esposa Cláudia, pelo companheirismo e apoio constante, estímulo, compreensão, disponibilidade e paciência incessantes, particularmente nos momentos mais difíceis, os quais disse “*Não desistas, tu consegues!*”. Foram as tuas palavras e sorriso que me levantaram o ego para a conclusão da dissertação.

Aos meus pais Eduardo e Ivone que sempre estiveram disponíveis em várias batalhas durante o meu desenvolvimento e as quais foram ultrapassadas. Pelo apoio constante, compreensão, carinho e consolo, por estarem sempre presentes nas fases mais difíceis. E principalmente, pela paciência durante a minha ausência. Foi por causa de vocês, que ao longo da vida contribuíram para que não me faltasse peças no meu Puzzle, tornando-me a pessoa que sou hoje. A minha gratidão será inevitavelmente até ao fim da minha existência.

Agradecer ainda aos inquiridos Surdos que contribuíram com os questionários para a realização da dissertação, pois sem eles este estudo não seria concretizável.

## **Resumo**

O tema desta dissertação de mestrado é a educação das pessoas Surdas, particularmente focada no seu percurso escolar.

O objetivo principal é identificar os maiores problemas, dificuldades e obstáculos que os Surdos encontram no seu percurso acadêmico, desde o pré-escolar até ao ensino superior.

Para esse efeito utilizámos dois métodos diferentes, mas complementares. Por um lado, analisamos três narrativas biográficas de Surdos profundos congénitos, procurando descobrir aí as dificuldades de percurso. Trata-se de duas Surdas notáveis no mundo da Arte – Teatro e Cinema – sendo a terceira narrativa a do próprio autor desta dissertação, também ele Surdo profundo. Por outro lado, recorreremos a um inquérito por questionário dirigido a Surdos diplomados ou a frequentar o ensino superior.

Nos dois estudos quisemos conhecer o sentir e o pensar dos próprios Surdos.

Os resultados são esclarecedores. Tratando-se de Surdos que viveram a transição dos métodos orais de aprendizagem da língua falada, língua de ensino, para os métodos assentes nas Línguas Gestuais, agora reconhecidas como línguas naturais e oficiais dos Surdos, verifica-se que a escolaridade deste grupo minoritário mudou radicalmente para melhor. Hoje já vemos com naturalidade os Surdos no ensino superior. Mas o império dos métodos oralistas deixou marcas que ainda não se extinguiram totalmente.

**Palavras-chave:** Surdos, Educação, Superior, LGP, Comunicação

## **Abstract**

The theme of this master's dissertation is the education of the Deaf, with a special focus on their schooling path.

Our main goal is to identify the major problems, difficulties and obstacles that deaf people face in their academic path, from preschool to university education.

To accomplish this goal we have used two different methods, albeit complementary. On one hand, we have analyzed the biographical narratives of three persons suffering from congenital profound deafness, trying to detect their daily constraints. Two of them have outstanding places in the world of Art – Theatre and Cinema – and the third one is the very author of this dissertation, who is also profoundly deaf. On the other hand, we have resorted to an enquiry directed to deaf people who are graduated or still university students.

The conclusions are enlightening. Because these Deaf underwent the transition from the oral methods of learning a spoken language, which was the teaching language, to the methods based on Sign Languages, now accepted as natural and official languages of the Deaf, we can conclude that the schooling process of this minority group has changed radically for the better. Nowadays, we welcome deaf people in higher education in a natural way. However, the empire of the oral methods has left traces that have not completely vanished yet.

**Keywords:** Deaf, Education, Higher, PSL, Communication

## Índice

Dedicatória .....	III
Agradecimentos .....	IV
Resumo .....	VI
Abstract .....	VII
Índice .....	VIII
Índice de figuras .....	IX
Índice de quadros .....	X
<b>PARTE TEÓRICA</b> .....	1
Introdução .....	1
<b>Capítulo 1:</b> Dificuldades escolares dos Surdos .....	5
<b>Capítulo 2:</b> Os caminhos do sucesso dos Surdos .....	13
<b>PARTE EMPÍRICA</b> .....	19
<b>Capítulo 3:</b> Metodologia da Investigação .....	19
1. Introdução .....	19
2. Objetivos .....	20
3. População-alvo .....	21
4. Instrumentos de Recolha de dados .....	21
5. Procedimentos .....	22
<b>Capítulo 4:</b> Narrativas biográficas de Pessoas Surdas .....	23
1. Emmanuelle Laborit .....	23
2. Marlee Matlin (Sarah Norman) .....	31
3. André Maia .....	34
4. Análise e interpretação dos dados recolhidos nas narrativas biográficas de pessoas surdas .....	39
<b>Capítulo 5:</b> Análise e interpretação dos dados recolhidos através do Inqué- rito por Questionário .....	49
Conclusões .....	93
Bibliografia .....	99
Anexos .....	103
I - Questionário aos Surdos .....	103
II – Respostas ao inquérito por questionário .....	107

## Índice de figuras

Figura 1 – Género dos inquiridos .....	50
Figura 2 – Tipo de surdez .....	52
Figura 3 – Grau de surdez .....	52
Figura 4 – Familiares Surdos .....	54
Figura 5 – Identificação dos familiares Surdos .....	54
Figura 6 – Comunicação em LGP na família .....	56
Figura 7 – Comunicação com a família em LGP .....	56
Figura 8 – Aprendizagem precoce da Língua Gestual .....	61
Figura 9 – Frequência da Creche .....	63
Figura 10 – Frequência do Jardim de Infância .....	64
Figura 11 – Escrita e leitura .....	69
Figura 12 – Aquisição da língua falada .....	76
Figura 13 – Bilinguismo supera as dificuldades? .....	77
Figura 14 – Eficácia das EREBAS .....	78
Figura 15 – Discriminação no percurso escolar .....	80
Figura 16 – Comunicação com a comunidade ouvinte .....	81
Figura 17 – Utilidade das tecnologias de apoio .....	85
Figura 18 – Preparação dos professores .....	87
Figura 19 – Acompanhamento de intérprete nas várias disciplinas .....	87

## **Índice de quadros**

Quadro 1 – Idade dos inquiridos .....	49
Quadro 2 – Profissão/ocupação dos inquiridos .....	50
Quadro 3 – Localidade dos inquiridos .....	51
Quadro 4 – Diagnóstico da surdez .....	53
Quadro 5 – Aprendizagem da Língua Gestual Portuguesa .....	54
Quadro 6 – Idade de aquisição da LGP .....	55
Quadro 7 – Descoberta da surdez .....	57
Quadro 8 – Idade no 1ºCiclo .....	66
Quadro 9 – Idade no Ensino Secundário .....	67
Quadro 10 – Sonhos explícitos .....	82
Quadro 11 – Idade do uso de tecnologias de apoio .....	84
Quadro 12 – Habilitações académicas .....	85
Quadro 13 – Cursos de Ensino Superior .....	86

# PARTE TEÓRICA

## **Introdução**

O tema desta dissertação de mestrado é a educação das pessoas Surdas, focada no seu percurso escolar em geral, mas com especial incidência no ensino superior.

Em Portugal, nos últimos anos, tem vindo a crescer o número de alunos Surdos profundos a ingressar no Ensino Superior, apesar de continuarem a encontrar barreiras e limites devido à sua dificuldade na comunicação oral e acesso restringido da Língua Gestual Portuguesa nas escolas portuguesas.

É notória a inexistência de políticas em relação às necessidades específicas dos alunos Surdos. Estas políticas são fundamentais, para que do seu processo educativo advenha uma instrução de qualidade que respeite os seus direitos, para que possam participar na sociedade em que se inserem, de forma ativa e equitativa. A Declaração de Salamanca preconiza que os ministérios da educação e as escolas devem assegurar a educação de pessoas com deficiência garantindo a igualdade entre cidadãos. Esta igualdade deve ser garantida ao nível do processo de aprendizagem, mas também das oportunidades ao longo da vida, desde o ingresso e sucesso educativos, às oportunidades de emprego e inserção no mercado de trabalho.

A educação inclusiva tem vindo a ser um dos temas mais mencionados nas Escolas de Referência. Estas são responsáveis por assegurar todos os tipos de recursos específicos aos alunos. Contudo, estes são normalmente alvos de marginalização e de exclusão.

Esta dissertação pretende evidenciar a integração dos alunos Surdos profundos no Ensino Superior, procurar as principais chaves dos problemas de adaptação, dos processos de aprendizagem e das características que proporcionam o sucesso, sendo fundamental referir que o Ensino Superior ainda não está preparado para receber alunos Surdos e que essa falta de preparação pode resultar em insucesso na vida académica do Surdo.

O objetivo principal é identificar os maiores problemas, dificuldades e obstáculos que os Surdos encontram no seu percurso acadêmico, desde o pré-escolar até ao ensino superior, de forma a compreender qual a chave para o sucesso nas escolas regulares e nos cursos académicos ao mais alto nível.

Este estudo é constituído por uma parte teórica e uma parte empírica. A parte teórica compreende uma introdução geral e dois capítulos.

O primeiro capítulo identifica e analisa as dificuldades escolares dos Surdos profundos e o segundo põe em relevo os caminhos do sucesso.

A parte empírica é constituída pelos capítulos 3 a 5, seguidos das conclusões. O capítulo 3 desenvolve a metodologia da investigação; o capítulo 4 apresenta três narrativas biográficas de Pessoas Surdas e o 5º faz a análise e interpretação dos dados recolhidos através do Inquérito por Questionário.

As narrativas de pessoas Surdas que apresentamos no capítulo 4 referem-se a personalidades do mundo das artes e da cultura que são testemunhos autênticos dos problemas e dificuldades no seu percurso escolar e profissional. Entre elas, distinguimos uma narrativa sobre Emanuelle Laborit, laureada em França no mundo do Teatro, e outra sobre Marlee Matlin, sobretudo no seu papel como Sarah Norman, a personagem do filme “Filhos de um deus menor”, igualmente premiada pelo seu desempenho neste filme.

A narrativa autobiográfica sobre o autor deste trabalho é a reflexão de um Surdo profundo sobre o seu próprio caminho, na família e na escola, até ao ensino superior.

O objetivo deste capítulo é o de mostrar que os Surdos, ancorados na sua língua natural, podem ter um desenvolvimento cognitivo e um percurso profissional que os conduz ao sucesso e à glória como os melhores ouvintes. Por caminhos diferentes.

Na Conclusão, tentarei captar e sintetizar o pensamento e a experiência vivida dos próprios Surdos sobre o seu percurso académico e a sua formação profissional. Não é que pretenda pôr em causa o pensamento dos ouvintes. Mas para nós, Surdos, é a nossa experiência vivida e sentida que é importante, é o modo como nos acolhem ou nos discriminam que pretendemos pôr em destaque. Os ouvintes não gostariam que fossem os Surdos a definir o seu caminho. Nós, Surdos, também gostaríamos de definir o nosso!

Em anexo, apresentamos o inquérito por questionário que serviu para a recolha de dados (Anexo 1), e os resultados obtidos por esse questionário (Anexo 2).



## **Capítulo 1**

### **Dificuldades escolares dos Surdos**

Os alunos Surdos encontram-se bastante limitados em relação à dificuldade do uso da língua oral e à falta de condições e recursos para a aprendizagem e prática da Língua Gestual, o que dificulta o seu processo de desenvolvimento linguístico e cognitivo e impossibilitando uma aprendizagem normal.

Ainda existem poucas alternativas para o estudante Surdo que quer receber educação na sua língua ao longo dos vários ciclos escolares até ao ensino superior. Este é o maior obstáculo para o seu desenvolvimento:

“Muito se fala em inclusão de estudantes surdos no ensino regular, mas é no Ensino Superior que podemos ver como a sociedade ainda não está preparada para essa inclusão”. (Jorge, 2007: 336).

É de salientar que o processo de transição dos alunos Surdos para o Ensino Superior continua ineficaz devido às dificuldades de adaptação a novos contextos académicos e à falta de autonomia das escolas para as superar.

A transição para o ensino superior depende da qualidade das características pessoais, das proficiências linguísticas e valores transmitidos na família e do ensino escolar. De acordo com Almeida et al. (1999) e Pinheiro (2003), se alguns alunos se adaptam ao novo contexto educativo, outros há que se mostram pouco competentes e capazes de lidar com as novas exigências e desafios.

Todas as estratégias de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo ao longo da vida dos estudantes Surdos podem influenciar a transição ao ensino superior, como refere Jorge (2007: 341):

“o conceito de transição nos remete para a ideia de passagem, sofrendo a influência de situações anteriores e prefigurando situações futuras, importa uma análise dos fatores pessoais e contextuais que podem facilitar ou dificultar esta transição académica e de vida, assim como toda a adaptação, aprendizagem, sucesso e desenvolvimento daí decorrentes.”

As dificuldades na transição dos alunos Surdos para o ensino superior devidas às barreiras linguísticas têm sido agravadas por discriminações dos Surdos pelos ouvintes, por falta de apoios às suas necessidades específicas, contrariando as suas expectativas e impedindo a qualidade da educação.

A maior parte dos alunos Surdos desconhecem os seus direitos educacionais e as instituições mostram-se ineficazes a dar respostas às suas necessidades e a integrar e articular as aprendizagens específicas que permitam o desenvolvimento das competências de comunicação e de aprendizagem.

Para muitos alunos, as dificuldades de leitura e escrita acabam desviando a energia e a atenção (e diminuindo o prazer) da construção de conhecimentos nas áreas da matemática, história, geografia, ciências, etc. (Virole, 2005). Contudo, Dorziat (1999) alerta que as crianças surdas geralmente ingressam na escola com pouco conhecimento do mundo devido a restrições linguísticas que há na própria família, no caso de pais ouvintes.

Muitas vezes, no Ensino Superior, existem problemas de adaptação à vida académica e à natureza dos trabalhos que são exigidos, o que leva à desistência e fracasso escolar de muitos estudantes Surdos.

O estudo de Foster, Long e Snell (1999) revela que há muitos professores que não demonstram a preocupação com as adaptações conformes às necessidades dos alunos Surdos, contribuindo também para o seu fracasso.

Como referem os autores citados anteriormente, Foster, Long e Snell (1999: 225-235), existem outros problemas da parte dos alunos Surdos: “demora no recebimento das informações (tempo entre o que é falado e a tradução); quebra de contato visual enquanto o professor escreve no quadro, caminha pela sala ou lê um documento, o que impede a leitura labial; perda de informação quando é preciso escolher entre olhar para o intérprete ou observar o professor enquanto este manuseia um objeto em laboratório ou trabalha com imagens”.

Uma das maiores dificuldades manifestadas pelos alunos no Ensino Superior em relação ao trabalho dos intérpretes é a sofisticação e assuntos específicos nas distintas áreas devido ao uso excessivo de datilologia e gestos próprios conforme a área de conhecimento (Bisol, Valentini, Simioni e Zanchin, 2010: 161).

Muitos jovens demonstram as suas dificuldades na leitura e na escrita devido ao baixo nível de vocabulário. Como afirmam Sampaio e Santos (2002), a maioria desses jovens chega ao Ensino Superior com grandes deficiências de compreensão no ato de ler, em grande parte porque é escasso o hábito da leitura. Para ler bem é preciso ler muito. O mesmo acontece com a escrita.

Os estudos realizados por Chamblee (1998), e de Spires, Williams, Jackson e Huffman (1999) revelam que muitos estudantes tiveram pouca experiência escolar em relação à leitura e escrita.

Segundo Bisol, Valentini, Simioni, Zanchin (2010: 147-172), as instituições de ensino superior demonstram as suas dificuldades ligadas à diferença cultural e linguística e às estratégias utilizadas nos processos de aprendizagem a que os alunos Surdos estão habituados, uma vez que nos ensinos regulares tinham professores que ensinavam através da língua gestual e com estratégias de ensino específicas, adaptadas a quem vê e não ouve.

Em vez de haver diferenças culturais e linguísticas, os colegas e docentes demonstram dificuldades de se relacionarem com os Surdos devido à ignorância da língua gestual e às especificidades relacionadas com a surdez.

Ao longo das aulas, os docentes apresentam textos complexos, com novos vocábulos, muitas vezes abstratos, e fazem com que os alunos sintam dificuldades em compreender as ideias que os textos referem, e muitas vezes nem a presença dos intérpretes ajuda a superar as dificuldades de compreensão.

Há uma grande parte dos Surdos que possui baixo nível de domínio da língua portuguesa, usam a sua estrutura de frases específicas ou frases idênticas à estrutura da língua gestual, o que faz aumentar as dificuldades no desempenho dos docentes nas correções e atividades curriculares. Neste caso, a falta de conhecimento da LGP por parte dos docentes também contribui dificultar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos Surdos (Vasconcelos, 2011: 12).

E a mesma autora refere que muitos estudantes não dominam a língua portuguesa e possuem uma grande aptidão de estrutura de frases próprias da

Língua Gestual. O ensino bilíngue é muito importante para o sucesso dos Surdos, mas é fundamental que os professores de Surdos também sejam bilíngues. Têm de conhecer a língua natural dos Surdos.

Em virtude das dificuldades referidas anteriormente, os Surdos apresentam poucas capacidades para gerir as vivências e tarefas próprias do Ensino Superior, devido à falta de experiências escolares anteriores e por estarem limitados às vivências do ensino bilíngue, como explica Daroque (2011: 23):

“Estes alunos chegam à universidade desconhecendo também como lidar com suas dificuldades dentro deste novo espaço - o espaço universitário. Muitas vezes o aluno surdo chega à instituição de ensino superior sem ter tido vivências escolares significantes e de qualidade anteriormente e quando ingressa na universidade, queixa-se da falta de ações inclusivas e da necessidade de mudanças que ele mesmo, por vezes, desconhece.”

Apesar de haver uma forte possibilidade de ingresso no Ensino Superior, existem estudantes que apresentam grandes dificuldades nos conteúdos académicos devido à falta de organização no ensino básico e secundário e à falta de preparação especializada da parte dos docentes.

Ainda segundo Daroque (2011: 23), os Surdos pertencem à sociedade minoritária e o acesso ao Ensino Superior ainda é bastante restringido devido à falta de oportunidades de domínio da língua, o uso de intérpretes de língua gestual e qualidade de aprendizagem ao longo do ensino. Para além disso, a maioria dos docentes dos institutos do Ensino Superior, não estão preparados para receber os alunos com surdez.

Durante grande parte da vida académica, os estudantes Surdos foram “marginalizados” dos conteúdos de qualidade e submetidos a rotinas de formação de conhecimentos inapropriados, com grandes dificuldades de aquisição de novos conhecimentos, quer na leitura e na escrita.

“Desde a sua infância até o ES, o aluno passa por todas as etapas da educação sem que sua condição sociolinguística seja respeitada, nem que sejam oportunizadas metodologias que levem em conta questões curriculares e adaptações educacionais significativas para o atendimento das necessidades da pessoa surda” (Daroque, 2011: 74).

As dificuldades dos estudantes Surdos dentro das salas de aula também se devem ao funcionamento e procedimentos inadequados do sistema educativo (Daroque, 2011: 27).

O que é pertinente, segundo Saviani, é que:

“Os problemas dos alunos das camadas populares nas salas de aula implicam redobrados esforços por parte dos responsáveis pelo ensino, por parte dos professores, mais diretamente. O que ocorre, geralmente, é que, as condições de trabalho, o próprio modelo que impregna a atividade de ensino, as exigências e expectativas a que são submetidos os professores e alunos, tudo isso faz com que o próprio professor tenda a cuidar mais daqueles que têm mais facilidade, deixando à margem aqueles que têm mais dificuldade. E é assim, que nós acabamos, como professores, no interior da sala de aula, reforçando a discriminação e sendo politicamente reacionários (2001: 56).”

O estudante Surdo só conseguirá aceder aos conhecimentos com a presença do intérprete. Quando não há intérprete, o que muitas vezes acontece, isso vai prejudicar a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos da parte dos estudantes Surdos, nomeadamente as informações transmitidas pelos docentes nas salas de aula, que não são competentes em LGP.

Segundo Gurgel (2010), citado por Daroque (2011: 31):

“a ausência de uma língua comum entre o professor ouvinte e o aluno surdo traz dificuldades na interação que ocorre na sala de aula: o aluno surdo muitas vezes fica desmotivado, o que prejudica seu processo de aprendizagem e, portanto, de elaboração conceitual.”

Para Machado (2008), dentro do espaço académico existem grandes dificuldades em lidar com diferentes formas e ritmos de aprender dos alunos Surdos e isso se agrava quando professor e aluno não têm língua em comum.

O que acontece na realidade, é que a maioria dos docentes universitários e dos institutos superiores desconhecem as dificuldades linguísticas e da surdez, como desconhecem o modo de aprendizagem dos alunos Surdos. Os direitos dos surdos não são reconhecidos nem observados. Os professores de LGP nem sequer têm direito a ver reconhecido o estatuto de professor. São técnicos, provisórios, colocados tardiamente, deixando os alunos sem aulas

muitas vezes até ao Natal. Os professores das outras disciplinas não são bilingues, não conhecem a língua dos alunos, as dificuldades de comunicação e de interação aumentam. As desigualdades em relação aos ouvintes são por demais evidentes. No ensino superior este problema agrava-se. Só nos últimos anos começaram a surgir algumas universidades e escolas superiores de educação com cursos específicos para alunos Surdos: Universidades de Lisboa e Porto, Universidade Católica Portuguesa, Escolas Superiores de Educação de Coimbra e Setúbal. Mas a generalidade dos professores das várias disciplinas científicas ignora por completo a LGP, deixando os Surdos sempre numa situação de desigualdade.

Segundo Skliar (1998: 50), os Surdos sentem-se como se fossem “estrangeiros, forasteiros, exilados e o facto de que entre alunos e professores não se compartilhem nem as modalidades, nem as linguagens, é uma das ambiguidades mais notórias na educação dos surdos”.

Muitos alunos sentem-se sob pressão e é notório o aumento das dificuldades quando os docentes optam por dar aulas através do método expositivo. Ao mesmo tempo, os intérpretes traduzem de forma rápida e os alunos, mesmo com atenção redobrada, muito dificilmente conseguem tirar os apontamentos dos conteúdos apresentados pelos docentes.

A legislação sobre a educação dos alunos Surdos melhorou muito nas últimas décadas como resultado da investigação nesta área e do reconhecimento da LGP como língua natural dos Surdos. O problema está em que o próprio estado não cumpre a lei nem dá às escolas a autonomia e os meios para a cumprir. Como consequência, uma grande parte dos Surdos não têm EREBAS ao seu alcance, ficam de fora por falta de cobertura a nível nacional. Veja-se a Recomendação n.º 1/2014 do Conselho Nacional de Educação sobre Políticas Públicas de Educação Especial:

“A atual legislação deixa desamparado um conjunto considerável de alunos e alunas que manifestam necessidades educativas especiais e para os/as quais não é possível construir respostas educativas ajustadas, pela limitação imposta pelo quadro legal. Por outro lado, a ênfase na dimensão de “permanência” das necessidades educativas especiais poderá significar que a ausência de resposta a alunos/as conduza à acu-

mulação de necessidades transitórias, que, carecendo *comprovadamente* de uma intervenção especializada, se converta em dificuldades crônicas e, portanto, permanentes”.

No caso das crianças surdas, a situação é particularmente grave quando as impede de aprender a sua língua natural desde os primeiros meses e anos de vida, por incapacidade dos pais e por falta de meios do estado, como bem refere o mesmo parecer do CNE:

“Quanto ao enquadramento legal e a operacionalização do Sistema Nacional de Intervenção Precoce, estes são considerados adequados, de uma forma geral. No entanto, verifica -se que, em algumas zonas do país, este sistema não está implementado, o que põe em causa a garantia da equidade”.

Por isso mesmo também não têm acesso à LGP nem a profissionais especializados, que aliás também escasseiam nas EREBAS. Algumas não implementam o ensino da LGP por falta de docentes ou técnicos desta disciplina curricular. Existe uma “Clara desadequação do quadro normativo à real disponibilização de recursos, quer em quantidade quer em qualidade” (Id., ib.). Para terminar esta rápida passagem pela Recomendação n.º 1/2014 do CNE, veja-se como remata:

“A segunda constatação é a de que existem zonas do País sem respostas para alunos/as com NEE, nomeadamente equipas de intervenção precoce, unidades de ensino estruturado ou de multideficiência e inexistência de parcerias com Centros de Recursos para a Inclusão. Esta assimetria de respostas não permite afirmar que esteja garantida a equidade no atendimento às/os alunas/os com NEE. Nestas circunstâncias, apesar da política pública de educação especial, nas suas grandes linhas de orientação, ser coerente com os princípios da inclusão educativa, as condições em que se realiza a educação de alunos/as com NEE carecem de melhorias significativas”.

Esta não é ainda a educação que os Surdos precisam, que merecem e a que têm direito. A inclusão ainda não se cumpre.



## **Capítulo 2**

### **Os caminhos do sucesso**

Marcos Antônio, presidente da Federação Nacional de Educação de Surdos do Estado de Minas Gerais (Brasil), escreveu:

“Nas escolas regulares, nas escolas inclusivas, todas as pessoas ouvintes têm oportunidades de usar sua própria língua. A língua portuguesa está presente desde que saem de casa, chegam na sala de aula, nos intervalos, nos recreios, na vida esportiva, ao voltar para casa, encontrar a família, ao interagir com os amigos. Têm à sua disposição tudo “traduzido”, tudo “legendado”, tudo acessível. Não é um tremendo “ghetto” essa sociedade ouvinte? (...) Tivemos até que mendigar durante anos para que os próprios ouvintes nos “ouvissem” (...) e criar leis que nos protegessem de vocês mesmos. Leis para OBRIGÁ-LOS A CONVIVER CONNOSCO NAS ESCOLAS” (Souza, 2013: 9).

Este depoimento traduz bem as dificuldades que os Surdos tiveram de enfrentar no seu processo histórico de emancipação. Mas a pouco e pouco, à medida que os movimentos dos Surdos se impõem e a investigação comprova a justeza da sua luta, a situação vai melhorando.

A escola é descrita como o local de aquisição de conhecimentos e da formação científica, da construção da personalidade inspirada em valores sociais, morais e éticos. À escola incumbe formar cidadãos autônomos e livres em plena situação de igualdade. Este é o quadro que encaminha o processo educativo. Apesar das desigualdades educativas que ainda persistem, existem já muitos Surdos que conseguiram transpor as dificuldades e ter sucesso escolar.

As instituições de ensino superior têm o dever de promover a educação de forma a possibilitar a igualdade dos Surdos comparativamente com os alunos ouvintes na construção do seu ser e na concretização de saídas profissionais. Na realidade, existem poucos Surdos que tiveram a possibilidade de entrar no ensino superior, de permanecer e de chegar à sua conclusão. Para ter sucesso, os professores precisam de administrar bem o processo de aprendizagem e não podem permitir que as dificuldades possam imiscuir-se no seu desempenho.

“O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino, como comumente se deixa que aconteça” (Mantoan, 2003: 70) citada por Pires (2008: 14).

Os professores têm que procurar e modificar informações que sejam adequadas para lidar com as dificuldades didáticas de forma a simplificar a aprendizagem dos alunos Surdos. Estas estratégias devem ser preparadas previamente e necessita ter esforço da parte das escolas e dos professores para melhorar o acesso e estratégias de ensino aos alunos. Para conseguir essas adaptações, os professores, em vez de alterar e simplificar informações e métodos precisam de receber diretrizes e ter competências em relação às características dos alunos como referem Sousa e Prieto:

“Refere-se às condições requeridas por alguns alunos que demandam, em seu processo de aprendizagem, auxílios ou serviços não comumente presentes na organização escolar. Caracterizam esta condição, por exemplo: a oferta de materiais e equipamentos específicos, a eliminação de barreiras arquitetônicas e mobiliárias, as de comunicação e sinalização e os currículos, a metodologia adotada e, o que é fundamental, a garantia de professores especializados bem como de formação continuada para o conjunto de magistério” (Sousa e Prieto, 2002: 124), cit. in Pires (2008: 29).

Muitos deles, obrigam a escola às mudanças pedagógicas quanto à comunicação, metodologia e avaliação. Para dar a garantia pedagógica aos alunos Surdos, seria fundamental que os docentes tenham conhecimento das suas necessidades. O ensino bilingue, hoje consagrado na lei (DL 3/2008, de 7 janeiro), implica que a LGP seja reconhecida como a língua natural dos surdos e a Língua Portuguesa, a segunda língua. Mas não pode haver ensino bilingue sem professores bilingues. Por outro lado, importa tomar consciência daquilo que o *Programa de Português Língua Segunda para Alunos Surdos. Ensinos Básico e Secundário* (Baptista et al., 2011) designa como “pedagogia da surdez”, ou seja, a adequação das estratégias de ensino e de aprendizagem às características sensoriais dos Surdos. O que poderíamos chamar uma “pedagogia do olhar”.

É notório que muitos Surdos necessitam uma alternativa de comunicação, utilizando a Língua Gestual Portuguesa como instrumento de acesso à

educação, como refere o reconhecimento da Constituição da República em 1997, I Série A – n.º 218 – 20/09/1997:

Artigo 74.º - alínea h) - Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades.

É fundamental que as crianças sejam diagnosticadas logo à nascença, para aprenderem a Língua Gestual o mais cedo possível, a língua natural dos Surdos, para o normal desenvolvimento linguístico e cognitivo. A Língua Portuguesa, como segunda língua, sobretudo na modalidade escrita, surgirá dentro de um processo natural de escolarização, como acontece com os ouvintes. O modelo bilingue é feito atualmente nas escolas de referência, as EREBAS, o que tem vindo a ultrapassar o conceito de deficientes e a olhar os Surdos como pessoas normais *ao nível da participação e da atividade* a que se refere o Decreto-lei 3/2008, de 7 de janeiro. A língua gestual superou a deficiência.

O surgimento das línguas gestuais nas escolas e nas formações para os profissionais ou professores tem levado os Surdos aos mais altos níveis académicos, como refere Baptista (2016: 24): “As línguas de sinais guindaram os surdos aos mais elevados títulos académicos anteriormente inacessíveis, permitindo-lhes aceder a profissões altamente prestigiadas e a cargos de alta responsabilidade”.

Quando há Surdos com sucesso escolar e com licenciatura, significa que ultrapassaram os obstáculos impostos ao seu sistema escolar. Neste caso, conforme o contexto social e histórico de cada pessoa, como refere Lima (2006: 114) “é do contexto histórico e social que emergem as possibilidades, os modos e alternativas da identidade social do homem”. Para conseguirem ter sucesso, os Surdos terão de lutar, adaptar e criar outras expectativas e adaptar-se aos estilos de funcionamento de cada instituto onde estão inseridos. Do mesmo modo, Pires (2008: 58) refere que “O sucesso escolar de uma pessoa surda depende não só dessas adaptações, mas de todo um contexto sociocultural”.

A família é fundamental para o desenvolvimento social e percurso escolar dos seus filhos Surdos, dando valores morais e culturais, quer na construção da identidade quer no cumprimento de regras que muitas vezes levam ao

sucesso escolar. Também é de realçar que a relação entre os Surdos e os seus familiares está alicerçada nos diálogos, motivações, nos compromissos e apoios morais, mais que nos apoios e financeiros.

Os membros da família, principalmente os progenitores, devem fazer parte da ligação entre a sociedade e os filhos Surdos. O caminho do sucesso poderia ser feito se os mesmos procurassem estratégias de orientação, motivação, paciência, empenhamento e ter modelo mais próximo da sociedade para alcançar os melhores percursos e necessidades mais adequadas com a ajuda dos profissionais da educação. Segundo Declaração de Salamanca (1994):

- Nº 59 – “A educação das crianças com necessidades educativas especiais é uma tarefa compartilhada por pais e por profissionais. Uma atitude positiva por parte dos primeiros favorece a integração social e escolar, mas eles precisam de apoio para assumir as funções de progenitores duma criança com necessidades especiais. O papel das famílias e dos pais pode ser valorizado se lhes forem transmitidos os esclarecimentos necessários numa linguagem simples e clara, pelo que responder às necessidades de informação e de treino das suas capacidades educativas é tarefa de especial importância, principalmente nos ambientes culturais que carecem duma tradição escolar. Tanto os pais como os educadores podem precisar de apoio e encorajamento para aprenderem a trabalhar em conjunto, como parceiros”.

- Nº 60 “Os pais são parceiros privilegiados no que diz respeito às necessidades educativas especiais dos seus filhos e, na medida do possível, deve-lhes ser dada a escolha sobre o tipo de resposta educativa que pretendem para eles”.

O espaço afetivo, que é particularmente determinante no ambiente familiar, é o espaço privilegiado da autoconfiança e constrói-se quando os pais ouvintes auxiliam os filhos Surdos na criação de linguagem, muitas vezes na criação de sinais domésticos que tornam possível a comunicação. É este espaço de afetividade e autoconfiança que põe em destaque Regina Souza (2013: 10), ao referir o impacto linguístico desses sinais na entrada dos surdos na sua comunidade natural.

É ainda restrito o número de escolas superiores que sirvam de referência, como a Universidade Gallaudet, para o sucesso comprovado que os Surdos atingiram no ensino superior, nas suas carreiras de advogados, médicos, veterinários, enfermeiros, cientistas, professores, padres, agentes FBI, atores,

comediantes na televisão, malabaristas profissionais, artistas, músicos, escritores, poetas, empresários, psicólogos, etc. Como relata o próprio ex-presidente da Universidade Gallaudet, Jordan (2005), “As pessoas surdas podem fazer tudo, menos ouvir”. O sucesso dos Surdos, de acordo com as carreiras anteriormente referidas, deve-se ao uso da ASL (American Sign Language) como língua de comunicação e de ensino. Como refere Baptista (2016: 18):

“...em Portugal ainda não se atingiu o mesmo nível da Universidade Gallaudet, mas o PowerPoint de Jordan e a sua Universidade comprovam as plenas capacidades dos surdos. Se entre nós ainda não atingimos este nível, conclui Baptista, é porque começamos mais tarde, [...]”

Mesmo em Portugal, já abriram cursos para Surdos, nas Universidades de Lisboa e Porto, na Universidade Católica Portuguesa e nas Escolas Superiores de Coimbra, Porto e Setúbal, as quais têm vindo a aumentar o número dos Surdos licenciados, mestres e até um doutor, o primeiro Surdo a doutorar-se numa universidade portuguesa. Muitos deles adquiriram competências de linguagem, cognitivas e de comunicação tal como as pessoas ditas normais - os ouvintes. Digamos que, graças ao aparecimento da Língua Gestual Portuguesa nas nossas escolas, ficou assegurado o sucesso escolar dos Surdos também em Portugal.

Pelas razões supracitadas considero fundamental que as crianças surdas recebam a sua educação na sua língua natural, de forma a acederem plenamente a todos os conteúdos programáticos e de forma, a igualá-las com as restantes crianças da mesma faixa etária. Para além disso, é crucial que as suas famílias trabalhem em conjunto com a escola de forma a superar todas as barreiras existentes e apoiando a criança em todas as etapas da sua vida. A presença dos pais é fundamental no desenvolvimento social e emocional da criança.

Concluindo, os Surdos não têm limitações significativas ao nível da atividade e da participação, como afirma o DL 3/2008, de 7 de janeiro, a menos que o meio e a escola, a família e a sociedade não lhes proporcionem as condições e recursos para o seu desenvolvimento. Uma família atenta, instruída e responsável, um sistema de intervenção precoce eficaz, uma escola com os recursos adequados desde o pré-escolar até ao superior, com professores bem

formados e bilingues, comunicando na língua natural dos Surdos, são condições básicas indispensáveis para que os Surdos sejam tão competentes como os ouvintes. Nestas condições o Surdo não tem limitações, superou a deficiência de comunicação e pode *participar em atividades* as mais diversas e criativas. Apesar da lei.

# PARTE EMPÍRICA

## Capítulo 3

### Metodologia da Investigação

#### 1. Introdução

#### ***Destaque:***

*“Ter bilingue e intérprete de L.G.P. Se o professor de qualquer disciplina fosse bilingue seria perfeito para os alunos surdos”.*

*Resposta de um inquirido ao questionário escrito*

A parte empírica do nosso trabalho vai ao encontro das pessoas Surdas, num diálogo, oral e escrito, que permita compreender melhor os problemas, as dificuldades e os caminhos do sucesso, não pela voz dos ouvintes, mas dos próprios Surdos. Durante longos séculos os surdos foram impedidos de ir à escola. O direito de frequentar a escola pública só foi reconhecido na segunda metade do século passado, mas quase sempre para frequentar a escola dos ouvintes na língua dos ouvintes, com todas as consequências que hoje conhecemos. O acesso ao ensino superior é um tema recente na escolaridade dos Surdos, sendo hoje um tópico primordial a desenvolver em Portugal. Numa sociedade em que os Surdos tinham pouco acesso à escolaridade, importa perceber como esse percurso foi sendo alterado e quais as dificuldades que os Surdos tiveram de ultrapassar para conseguir atingir esse patamar. São notórias as alterações ao longo dos anos e são cada vez mais os surdos que ingressam no ensino superior e terminam o seu curso com sucesso. É a partir das respostas de cidadãos Surdos que se procurará compreender de forma mais concreta os percursos académicos.

É essencial mostrar o modo de combater as barreiras comunicacionais, a inadaptação dos Surdos à escola dos ouvintes e o conseqüente insucesso na educação.

O desenvolvimento deste tema poderá fomentar novas preocupações com a educação e com a utilização de métodos adequados de forma a solucionar

problemas comunicacionais no contexto educativo durante o percurso educativo de cada criança.

A nossa investigação visa perceber o percurso académico e o sucesso académico dos cidadãos Surdos no Ensino Superior, sendo fundamental encontrar a resposta para esta questão: “Como ter sucesso académico com obstáculos comunicacionais?” De facto, observamos que é a barreira comunicacional que apresenta os maiores entraves que levam ao insucesso escolar e esta situação merece toda a atenção dos responsáveis pelas políticas educacionais, quer ao nível do governo e do ministério da educação, quer das escolas e dos professores.

Como refere o “Manual de Apoio à Prática para a Educação Bilingue de Alunos Surdos” (Almeida et al., 2009):

“O professor ouvinte não pode ensinar um surdo como ensina um ouvinte. Quando ensinamos uma criança surda ou um jovem surdo, temos de utilizar o olhar. A pedagogia tem de utilizar fortemente o olhar. Todo o processo de ensino aprendizagem do surdo deve, de uma forma natural, funcionar com esta sua potencialidade extraordinária, adequando o nosso olhar ao seu” (Almeida *et al.*, 2009: 39).

## **2. Objetivos**

Este estudo tem como objetivos:

- Analisar se através da Língua Gestual Portuguesa o percurso académico é percorrido com maior facilidade;
- Identificar os principais problemas e dificuldades que atingem os alunos Surdos ao longo do percurso escolar;
- Aferir as soluções que fomentem a superação das dificuldades sentidas pelos estudantes.
- Compreender quais as circunstâncias que proporcionam aos alunos Surdos o mesmo sucesso que aos ouvintes.
- Averiguar as condições fundamentais para terminarem o ensino superior com sucesso.
- Compreender as motivações dos estudantes para se tornarem casos de sucesso.

### **3. População-alvo**

Os inquiridos escolhidos para este estudo foram Surdos licenciados e/ou a frequentar um curso superior em Portugal Continental e Ilhas, sendo que foram enviados 76 (setenta e seis) questionários. Destes 76 (setenta e seis), apenas 28 (vinte e oito) responderam ao questionário enviado e cumprem os requisitos inicialmente estabelecidos. Destes 28 (vinte e oito), 25 (vinte e cinco) completaram o ensino superior e 3 (três) dos inquiridos se encontram ainda a frequentar.

### **4. Instrumentos de Recolha de dados**

Qualquer investigação empírica pressupõe uma recolha de dados, por conseguinte a escolha dos instrumentos de recolha desses dados (observação direta, documentos oficiais, entrevistas, questionários escritos) é um passo importante num trabalho de investigação.

Bogdan & Biklen (1994:149) referem:

“Tal como um mineiro apanha uma pedra, perscrutando-a na busca de ouro, também o investigador procura identificar a informação importante por entre o material encontrado durante o processo de investigação. Num certo sentido, os acontecimentos vulgares tornam-se dados quando vistos de um ponto de vista particular – o investigador”.

Para esta investigação recorreu-se ao questionário escrito como forma de recolha de dados, sendo esta investigação quantitativa e descritiva.

Uma das maiores preocupações foi a escolha dos instrumentos de recolha de dados que melhor se adequasse aos objetivos indicados neste estudo. Há vários tipos de instrumentos aos quais se recorre para recolher e analisar dados no âmbito da investigação qualitativa. Moresi (2003, 64) define técnica de recolha de dados como "o conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registro das informações, o controle e a análise dos dados".

Fortin (2009) refere que cabe ao investigador determinar o tipo de instrumento que melhor se adequa ao estudo, às suas questões de investigação ou às suas hipóteses. Analisando o processo de recolha de dados, a mesma

autora afirma que consiste em recolher de uma forma sistemática a informação desejada junto dos participantes. Desta forma, a recolha de dados é uma das fases de um trabalho de investigação. Assim, tornou-se necessária a elaboração de um instrumento que permitisse a recolha de dados conforme os objetivos da pesquisa e características do estudo. O questionário é constituído por questões fechadas relativas às diferentes variáveis sociodemográficas (género, idade, profissão e naturalidade) e questões abertas relacionadas com a Surdez, Língua Gestual Portuguesa, Percurso Escolar, Comunicação, Projeto de Vida, Tecnologias de Apoio e Ensino Superior).

## **5. Procedimentos**

A recolha de dados decorreu entre janeiro e maio de 2016, sendo que os questionários foram enviados através da Internet, recorrendo ao e-mail e à rede social “Facebook” para contactar os Surdos que iriam participar na investigação, contactando assim os setenta e seis (76) inquiridos com grau de ensino superior e a frequentar o mesmo em diferentes áreas geográficas. Este questionário foi realizado através da ferramenta Google Docs. Foram prestados esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e solicitando-se o seu preenchimento, salvaguardando sempre as questões de confidencialidade e anonimato no processo de investigação.

Esta recolha e o tratamento de dados foram feitos pelo autor deste estudo.

## Capítulo 4

### Apresentação e análise dos resultados

#### 4. Narrativas de Surdos célebres

##### 4.1. Biografia de Emmanuelle Laborit<sup>1</sup>

Foi um familiar, um tio, que alertou para a hipótese: “A Emmanuelle grita porque não ouve a própria voz”. Aos 9 meses, a mãe levou-a a um especialista que diagnosticou surdez profunda, mas pensou que havia algum engano. “Foi um erro no diagnóstico. É impossível”. Por isso, decidiram consultar outro especialista que confirmou o diagnóstico. Os pais culpabilizaram-se, tentam descobrir o que aconteceu e o que causou a surdez mas, “ninguém deve fazê-lo. No que me diz respeito, não se sabe nada. Possivelmente não se saberá nunca.”

Aos 9 meses “tiveram de me pôr um aparelho”, *“deram-nos esperanças: com a reeducação e os aparelhos, vais acabar por ser uma “ouvinte”. Com atrasos, evidentemente, mas hás-de conseguir”*. Existia a esperança de um dia conseguir ouvir, *“mas isso não tinha a menor lógica. Seria como um golpe de magia”*. Para as crianças surdas a utilização de aparelhos auditivos como tecnologia de apoio é o que as difere das demais. *“Foi a partir do uso da aparelhagem, mas ignoro quando é que comecei a fazer a distinção entre as pessoas que ouvem e os surdos.”*

Cerca de 95% das crianças Surdas são filhas de pais ouvintes, pais que nem sempre aceitam ou são capazes de lidar com a surdez dos filhos. Isso faz com que estes tenham contacto tardio com a língua gestual e por isso, geralmente, há atrasos na linguagem, tal como afirma Emmanuelle: *“As crianças que aprendem muito cedo a língua gestual ou que têm pais surdos, é diferente. Essas fazem progressos notáveis. Quanto a mim, estava nitidamente atrasada, só aprendi essa língua aos 7 anos”*.

---

<sup>1</sup> Com base na leitura da obra da autora (2000), *O Grito da Gaiivota. Biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês*. Lisboa: Caminho. Título original (1993): *Le cri de la mouette*. Paris: Laffont.

Por outro lado, a família tem grandes expectativas em relação aos filhos e *“a minha mãe queria que eu fizesse um esforço para falar (...), para pedir para fazer chichi, apontava a casa de banho, para comer indicava o que queria e punha a mão na boca.”* É notório que as crianças mesmo não possuindo uma linguagem desenvolvida, principalmente ao nível da produção oral, tentam comunicar por outros meios, nomeadamente através da mímica. Com tudo isto, a linguagem vai ficando atrasada em relação a outras crianças da mesma faixa etária. *“Até á idade de sete anos não existem na minha cabeça nem palavras nem frases”*.

A comunicação é essencial ao ser humano e fundamental no processo de sociabilização. Muitas vezes surgem obstáculos que tornam este processo mais difícil para as pessoas Surdas. Como refere, *“era difícil quando havia mais pessoas: perdia a comunicação (...), sentia-me só no meu planeta (...)”*. *“Quando há visitas olho muito para as suas caras. Observo todos os tiques, todas as manias. Tenho olhos para ouvir mas, há um limite”, “apercebo-me de que comunicam uns com os outros através da boca; e é aí que eu sou diferente.”* A comunicação com uma pessoa Surda deve ser unidirecional, para que seja mais fácil esta compreender a informação através da leitura labial, quando não há a possibilidade de utilizar a língua gestual como forma de estabelecer a comunicação. Mas, a informação poderá não chegar completa, visto que a comunicação através da oralidade não é cem por cento eficaz.

O médico considerava que o contacto com adultos Surdos não seria aconselhável. Pertence a uma geração que não conhece a reeducação precoce. Para Emmanuelle seria imprescindível uma vez que, sem contactar com adultos surdos, tinha uma visão pouco real da sua situação e evolução. *“Não me imaginava como adulta, via-me sempre como criança. Toda a vida. Julgava-me limitada ao meu estado actual. E sobretudo achava que era única, só no mundo. Só a Emmanuelle é que é surda, mais ninguém. Emmanuelle é diferente. Emmanuelle nunca há-de crescer.”*

Torna-se essencial que a criança Surda contacte com outros Surdos crianças mas também adultos, de forma a perspetivar aquilo que será o seu futuro, para esclarecer as suas dúvidas. Verificando isso através das palavras da própria, *“Sei agora porquê: nunca tinha visto um adulto surdo. Só tinha visto*

*crianças surdas na aula de ensino especial que eu frequentava no infantário. Portanto aquilo que eu achava era que as crianças surdas não cresciam.”*

Emmanuelle Laborit frequentou o infantário, integrada com outras crianças Surdas. Sendo estes os seus primeiros colegas, ali começou a sua socialização com os pares. A mãe contou-lhe que por volta dos dois anos de idade, a professora estava a *“contar histórias às crianças para elas aprenderem a falar. Tu estavas a um canto, sozinha, sentada a uma mesa, sem prestar a menor atenção, a desenhar. Não parecias lá muito feliz.”* Desta altura não existem grandes recordações. *“Quanto aquele infantário, com a sua aula supostamente destinada à integração, esqueci-o por completo. Ou prefiro esquecer. Poderá realmente ser considerado integração todos aqueles miúdos sentados em círculo à volta de uma professora que lhes conta uma história?”*, É notório que o ensino não estava direcionado para as crianças Surdas, uma vez que o modelo de organização da escola era baseado no método do oralismo.

*“Na infância, um surdo é ainda mais vulnerável. É-se ainda mais sensível do que qualquer outra criança.”* E existem bastantes entraves à comunicação e sociabilização da criança, sente-se *“fúria quando à mesa ninguém se preocupa em comunicar (...) Estou saturada de ser prisioneira daquele silêncio que ninguém se dá ao trabalho de romper. É evidente que a criança é persistente, mas os adultos não acompanham. “Eu esforço-me todo o tempo, eles nem por isso. Os que podem ouvir não se esforçam o suficiente”.*

Com 5 ou 6 anos frequentou a escola integrada com crianças Surdas. A professora estava sensibilizada para o facto de os alunos serem Surdos, e por isso não se sentia sozinha. Sentia prazer em ir à escola. Comunicava com o seu colega Surdo: *“temos gestos e mímicas pessoais”*, por isso, considerava a comunicação mais fácil.

Com sete anos de idade, *“estou ao nível de um infantário”*, nessa altura o seu pai tomou conhecimento de uma notícia que o deixou em estado de choque. *“Um surdo capaz de fazer estudos universitários, quando em França mal conseguem atingir a primeira classe do secundário!”* O pai médico de profissão ficou revoltado com a situação, mas ao mesmo tempo contente, confiou nos colegas médicos que diziam que *“só a aprendizagem da língua falada me poderia ajudar a sair do isolamento. Mas ninguém lhe deu qualquer informação*

*acerca da língua gestual. É a primeira vez que ouve falar disso e ainda por cima, através de um surdo.”*

Essa notícia trouxe grandes mudanças e Emanuelle afirma: “*creio que foi a primeira vez que aceitou verdadeiramente a minha surdez*”.

Todo o seu mundo se altera no momento em que conhece um adulto Surdo, todas as possibilidades e todas as portas do mundo se abrem para ela. A solidão que existia foi desvanecendo, “*aquilo que eu compreendi de imediato foi que não estava só no mundo*”. “*Esta lógica cruel dura enquanto as crianças surdas não se cruzam com um adulto surdo. Necessitam de identificação com o adulto (...) É preciso convencer todos os pais de crianças surdas que têm que as pôr em contacto com adultos surdos o mais cedo possível (...) o desenvolvimento da criança surda far-se-á mais depressa e muito melhor. Vai crescer livre daquela solidão angustiante de quem se julga só no mundo, sem pensamento construído e sem futuro.*”

Sem dúvida que um dos itens para o sucesso das crianças Surdas será este contacto inicial, ver outros surdos, adultos neste caso, vingarem na vida, terem objetivos que os possam levar a percorrer um caminho que termine com objetivos cumpridos e sucesso.

Outra lacuna é o vocabulário e para isso uma estratégia adotada era escrever a palavra “*num papel várias vezes, como nas cópias da escola*”, mesmo com o nome da sua irmã, ela executava esta tarefa.

Um outro obstáculo que surge é a humilhação, “*as pessoas em França têm um certo pudor. Preferem esconder-se como se tivessem algum defeito vergonhoso. Vi surdos sentirem essa humilhação durante toda a sua infância e ainda hoje não conseguiram ultrapassar completamente esse problema, falando a sua própria língua*”.

Em Washington “*a língua é praticada normalmente, sem complexos. Ninguém se esconde, ninguém tem vergonha. Pelo contrário, os surdos têm até um certo orgulho, têm a sua cultura e a sua língua própria como qualquer pessoa.*” O orgulho e a identidade estruturada podem ser um fator chave para alcançar o sucesso.

Ficou um mês em Washington, numa residência perto da Universidade Gallaudet, *“a universidade acolhe médicos surdos, advogados surdos, professores de psicologia surdos... Todas as pessoas tiraram cursos superiores; aos meus olhos são génios, são deuses! Em França não há nada semelhante”*. Neste momento compreende que ela também poderá alcançar os seus objetivos, *“agora sei o que fazer”, “Vou estudar, trabalhar, viver, falar, pois eles fazem-no também! (...) vou ser feliz, pois eles também o são”, “Tenho pois dons subitamente revelados, capacidades, possibilidades, esperança”*.

Com a língua gestual novas portas se abriram, novo mundo foi descoberto. *“Com a descoberta da minha língua encontrei a chave da porta maciça que me separava do mundo”*.

A família teve um grande contributo, *“graças aos meus pais não estou atrasada na escola, fiz muitos progressos”*. Aos 11 anos, profissionais do ensino recusaram a sua entrada no Colégio Molière para o sexto ano, apesar de ter passado no exame de admissão. O facto de ser Surda condicionou a entrada, os profissionais não consideravam possível. Nesse momento faz o exame de admissão à única escola especializada no ensino de Surdos mas, *“esta escola ensina pelo processo oral. Não há apoio em língua gestual”*, teria de seguir as aulas através da leitura labial e proibida de utilizar a língua gestual.

Com 11 anos apercebe-se da injustiça em que vivem os seus colegas, proibidos de utilizar a língua gestual como forma de comunicação. *“É o cúmulo! A língua que me franqueou o mundo e me permitiu compreender os outros, a língua dos meus sentimentos, das situações, é-lhes interdita?”*, *“Aquele injustiça é como uma pedrada no meu coração”*.

Na sua opinião *“o insucesso escolar deve-se à estúpida lei que proíbe a LSF”*.

Aos 13 anos é notória a sua revolta com o sistema em que são educados os Surdos. *“Sou contra o sistema, contra a maneira como as pessoas que ouvem gerem a nossa sociedade de surdos. Tenho a sensação de ser manipulada, que querem à força apagar a minha identidade como pessoa Surda”*.

Conhece um rapaz Surdo, passa o seu tempo com outros Surdos, sente-se bem em poder perguntar-lhes tudo, *“a comunidade de colegas surdos ofe-*

*rece-me essa liberdade. Com eles sinto-me em casa, no meu planeta.” Aos poucos vai-se afastando dos seus pais, com “sede de independência”, “queimar todos aqueles anos em que dependi deles para tudo.” Estar com outros Surdos “É uma necessidade. A enorme necessidade de nos encontrarmos uns com os outros, iguais, surdos e livres de o ser.”*

Mais tarde, adquire um Minitel, *“um objecto mágico. A comunicação sem intermediários. Choro de emoção. Mais uma forma de liberdade, um tesouro de liberdade aos quinze anos!”*

Deixa de ir à escola, *“foi a oralização que me pôs em fuga”,* a desmotivação é motivo para o insucesso escolar de muitos alunos Surdos, *“parem de proibir a minha língua, que as crianças surdas tenham o direito à educação completa, que seja fundada para elas uma escola bilingue.”*

Outros impedimentos surgem como obstáculo aos Surdos. *“A língua gestual corresponde à voz, os meus olhos são os meus ouvidos. Sinceramente, não me falta nada. A sociedade é que me torna deficiente, é que me torna dependente daqueles que ouvem: a necessidade de pedir a alguém que telefone, a impossibilidade de contactar directamente com o médico, precisar de legendas na televisão (...) com mais um pouco de Minitel, mais algumas legendas, eu, nós, os surdos, poderíamos mais facilmente ter acesso à cultura. Não haveria mais deficiências, mais bloqueios, mais fronteiras entre nós”.*

Emanuelle refere que *“acredita firmemente na possibilidade de diálogo entre os dois mundos, as duas culturas. Vivo com pessoas que ouvem, comunico com elas, vivo com surdos e ainda comunico melhor, é natural. Mas o esforço que é necessário fazer para se conseguir essa comunicação, somos sempre nós que o fazemos”,* seria fundamental que as duas partes, pudessem comunicar e se compreender, que o esforço fosse das duas partes.

Na realidade, sempre *“gostei foi da arte e da criatividade”, “tive sempre o sonho de ser actriz de teatro. Esse desejo entrou na minha vida absolutamente por acaso, quando era ainda pequena. Com oito ou nove anos fiz um estágio que durou quinze dias.”* A minha «carreira» no teatro começou (...) com uma peça pequenina intitulada *Viagem ao fim do Metro.*

Com 17 anos, resolve voltar a estudar no Instituto Morgan, onde deveria concluir três anos.

Entretanto, a mãe diz-lhe que existem vagas para figurante numa peça de teatro. “O meu papel durou trinta segundos. Eu ouvia o relato dos direitos do homem, um intérprete traduzia, e à minha volta os surdos diziam: «É formidável, somos todos iguais, finalmente temos direitos.»

Apesar de ter oportunidade de participar em peças de teatro, decide continuar com o liceu. *“Alguns surdos conseguem ir até à universidade. Uma das minhas amigas conseguiu-o. É muito difícil, o trabalho é multiplicado por dez. Um seu colega que ouve toma notas, e depois ela faz fotocópias. Quando não é um colega amigo que toma as notas, ela tem que se arranjar de outro modo. O colega dela fez disso o seu emprego, agora serve de apoio aos estudantes surdos.”* O professor falar, ao mesmo tempo que os Surdos precisam de tomar notas, poderá ser um obstáculo à aprendizagem e evolução na área do conhecimento. *“Ao voltar para casa, a minha amiga vai estudar. Mas as notas tiradas por outras pessoas são mais difíceis de apreender, se tivesse sido ela a “ouvir” a lição, saberia melhor quais os apontamentos que lhe interessaria fazer (...) Se lhe escapa alguma coisa tem que se desembrulhar sozinha. O que é uma perda de tempo.”*

Existem outras estratégias de aquisição de conhecimentos: *“gravar as aulas. Depois o pai ou a mãe, que ouvem, traduzem a fita por escrito.”*

*“Com os gestos comecei a falar muito melhor (...). Em seguida tive acesso a informações importantes: os conceitos, a reflexão. A escrita tornou-se mais simples e a leitura também. Fiz tais progressos que considero uma injustiça privar uma criança de ter essa oportunidade. (...) Em língua gestual, quando apreendi o sentido, passei a verbalizar com muito mais facilidade, a escrever com muito mais facilidade!” “O facto de ser bilingue ajuda-me imenso”.*

É importante que a criança Surda tenha acesso à leitura e incentivos para a escrita para enriquecer a sua língua e compreender melhor tudo aquilo que a rodeia: *“Tenho que ler o mais possível, escrever o mais possível.”*

Acreditam que a criança Surda, ao utilizar a língua gestual, será prejudicada no seu desenvolvimento, e sobretudo que nunca conseguirá falar, algo que para os pais é fundamental, Emmanuelle Laborit mostra-nos isso através de um episódio que aconteceu com uma amiga sua. *“Consideravam-na uma deficiente, uma doente. A filha deles nunca será «normal», a não ser que consiga*

*esconder a surdez e é por isso que a obrigam a falar. Pensam, como muita gente, que se a criança se habitua a falar por gestos nunca virá a falar. Ora isso não tem nada a ver.”*

*A verdade é que “O surdo tem uma qualidade de vida. Uma adaptação a esta vida. Desabrocha com a língua gestual. Consegue falar, escrever, conceptualizar com a ajuda de duas línguas diferentes.”*

*A presença de um intérprete de língua gestual é crucial para a aquisição dos conhecimentos, funciona como ponte de comunicação entre as duas línguas e torna-se fundamental, para qualquer Surdo que esteja a tentar percorrer o seu caminho no ensino. “(...) para o exame de francês, expliquei ao professor que era surda. Pedi a presença de um intérprete, ao qual tenho normalmente direito. Mas não mo concederam facilmente, tive que lutar para que viesse.”*

*Mas nem sempre, estes recursos existem, e dificultam o progresso e sucesso dos alunos Surdos. “Acabo o liceu! E ainda por cima com boa classificação!”, com 20 anos.*

*Continua a representar, “É a primeira vez que uma atriz surda é nomeada para um Prémio Molière. E fui eu a contemplada. Mesmo que não ganhe, já terei ultrapassado um obstáculo imenso.”*

*É notória a importância de lutar contra as dificuldades, tentar superá-las, apesar de, por vezes, não termos os resultados esperados. No momento em que alcançamos a nossa meta, todos os nossos sentimentos estão à flor da pele, é inexplicável, mostrar aos outros que a comunidade surda é capaz. “A emoção sobe-me à garganta, numa bola, prestes a explodir. Não quero chorar, não quero, mas aquilo sobe, invade-me, transborda.” Emmanuelle Laborit ganhou o prémio e sentiu-se emocionada. “É difícil para mim dizê-lo por gestos. Pela primeira vez um surdo é reconhecido como ator profissional e recebe um Prémio Molière. Estou felicíssima por todos os outros surdos.”*

## 4.2. Análise de Sarah Norman

Filhos de um deus menor

Minutos	Unidades de análise	Comentários levantados no filme
12m	Data de entrada na escola	Aos cinco anos entrou para escola. “Foi uma das melhores alunas”
18m	Obstáculos do oralismo	O professor Leeds começa a falar com ela oralmente e ela não responde, apenas imita os seus comportamentos.
18:42	Modalidade de comunicação	O professor utiliza a Língua Gestual e ela responde.
19:20	Recusa do oralismo	Não quer oralizar, nem aprender a falar.
20:32	Tipo de Surdez	“A Sarah tem surdez profunda” diz diretor quando professor pergunta “Alguma vez tentou falar?”
20:35	Diagnóstico da surdez	“Já nasceu assim”.
20:53	Afetos	“Teve uma infância infeliz”, diz diretor.
20:55	Estereótipos da Comunidade Ouvinte	“Consideraram-na deficiente até aos sete anos”.
20:57	Apoio escolar e adaptação	“Só connosco percebeu que era inteligente. Educámo-la” diz diretor.
24:12	Resistência. Modelo de escola	Quando o professor insiste em ensinar a falar, ela sai da sala.
31:15	Falta de objetivo profissional	O professor pergunta-lhe se gosta de ser empregada de limpeza.
31:49	Sentido apurado	Sente a música através das vibrações e quer dançar.
35:24	Integração	“Não gostavas de te integrar no mundo?” Pergunta o professor.
35:40	Receio de falhar	“Nunca fazes nada que não consigas fazer bem” (professor a repetir o que ela diz)
37:58	Falta de apoio familiar	“Não vê a Sarah há oito anos?” (O professor foi falar com a mãe de Sarah).

38:02	Relação cortada	“Sarah não me quer ver” responde a Sra. Norman
38:05	Obstáculos de comunicação	“Não comunicamos muito bem”
38:10	Língua Gestual como a aproximação da filha à família	Professor pergunta: “Aprendeu linguagem gestual?”
38:21	Culpa da família	A mãe culpa-se por não conseguir falar com a sua filha: “Culpem-me”
38:36	Trauma/discriminação que leva a não querer falar	Professor pergunta: “O que aconteceu quando Sarah tentou falar?”
38:41	Dificuldades e falta de autoconfiança	“Foi horrível” “O som era terrível” Responde a Sra. Norman
38:46	Discriminação	“As pessoas troçaram dela”
39:04	Recusa de oralismo	“E deixou de tentar falar”
39:14	Socialização	Começaram a convidá-la para sair, quando ela ia a casa/amigos da irmã.
40:41	Afastamento da família devido à outra identificação	O professor pergunta “Porque deixaste de ir a casa?”
41:38	Falta de sensibilização e dominação ouvinte	“Nunca se preocuparam em aprender a minha linguagem”. Esperavam sempre que eu aprendesse a falar” - Sarah
1:01:40	Frustração	Sarah chora com frustração depois de ver os Surdos “cantarem”.
1:15:03	Interpretação para Língua Gestual e oral	O professor está a traduzir o telefone.
1:19:14 a 1:22:20	Sucesso e esforço	A Sarah refere que a Marian que é surda com duas licenciaturas e não fala e célebre na Comunidade Surda.

1:23:45	Comunicação gestual	Professor na festa... onde todos os Surdos comunicam em gestos.
1:24:37	Identificação – identidade Surda	Referência a uma surda economista em Washington.
1:24:46	A dificuldade dos ouvintes perante uma língua diferente (no papel que normalmente acontece com a Sarah)	O professor diz “Sinto-me como se todos falassem um dialecto estranho.”
1:25:17	Admiração – identificação	Sarah olha com admiração para Marian.
1:25:49	O desejo de ter um futuro	Sarah diz que Marian “tem tudo. Instrução, um bom emprego, dinheiro...”
1:27:16	Modelo surdo e exemplo	Vê a Marian como um modelo.
1:29:27	Imposição de si própria/ confiança	“Nunca mais ninguém vai falar por mim (...)”
1:29:35	Desejo de ser livre e decidir sozinha	“Todos me disseram quem eu era e permiti. Ela quer, ela pensa.”
1:29:42	Estereótipos em relação aos surdos	A maior parte das vezes estavam enganados (...)
1:29:43	Estereótipos	(...) Não sabiam o que eu dizia, queria ou pensava.
1:36:16	Início de relação familiar / apoio familiar	Sarah diz que precisa de um emprego e que não há nada. A mãe diz que vai ajudá-la e a Sarah responde que ela nunca ajudou.
1:36:47	Problema familiar	“Eu não sabia como cuidar de ti.”
1:36:55	Falta de apoio familiar	“O teu pai não conseguia aceitar-te.”
1:37:00	Falta de confiança/apoio dos pais	“Sentiu que tinha falhado.”
1:43:04	Ensino Superior	A mãe diz que está a trabalhar e poupar: “Quer ir para a Universidade.”
1:51:52	Revolta	Tens estado zangada com o mundo desde menina – Professor a repetir o que ela diz.

### **4.3. Narrativa autobiográfica do autor (André Maia).**

#### **Memórias contadas do meu percurso escolar**

Segundo me dizem, a minha avó materna alertou os meus pais para a possibilidade de eu ser surdo. Nessa altura, por volta dos dois anos e meio, os meus pais decidiram consultar um audiologista.

Fomos ao Porto, para realizar os exames necessários, o exame deu negativo, afinal não era surdo. Contudo, a minha história não ficou por ali, os meus pais quiseram outra opinião. Desta vez, rumámos a Lisboa, à Widex, onde sou seguido desde o momento em que disseram que eu era Surdo. A surdez foi detetada, Surdo profundo neurossensorial bilateral, e nessa altura comecei a utilizar próteses auditivas.

Os meus pais decidiram também que eu deveria frequentar a terapia da fala, comecei a ter sessões privadas, pois apesar de ter a linguagem atrasada, os meus pais consideravam esta aprendizagem imprescindível para o meu futuro.

Comecei a frequentar a creche aos dezoito meses de idade para me ajudar a desenvolver, a nível social e a nível das aprendizagens.

Entretanto, em casa, a minha mãe colocou papéis a identificar todos os objetos que me rodeavam, para facilitar a aquisição de vocabulário e ao mesmo tempo a associação da palavra ao objeto.

No ambiente familiar, comunicavam comigo através da oralidade, mas na creche, e posteriormente no Jardim de Infância, utilizava a mímica para me expressar, recorria a expressões e gestos para que me compreendessem. Sempre fui muito comunicativo e o facto de ser Surdo nunca me inibiu de tentar comunicar com os outros. Sempre tive colegas ouvintes com os quais brincava, a minha socialização nunca esteve comprometida. Quando surgiam barreiras, ao nível da comunicação, arranjava estratégias para que me compreendessem, apontando diretamente para o objeto ou exemplificando a atividade.

Numa criança Surda, a interação da família é muito importante, para além de contato direto com os pais, outros familiares são importantes para a

vida da criança, no meu caso específico, os meus familiares tentavam comunicar comigo com paciência e amor, contribuindo para o meu desenvolvimento no que se refere a novos conhecimentos e também socialização.

Sempre fui muito curioso. Quando criança perguntava sobre tudo o que me rodeava, tentava perceber as expressões nos rostos das pessoas, era uma necessidade que sentia, apercebia-me das coisas com os olhos. Os meus olhos, em muitas situações, foram o principal meio de comunicação, a luz da minha vida e o que controlava o meu “eu” e a minha interação com os outros. A escuridão sempre foi o sinónimo da solidão e silêncio, era isso que sentia quando não entendia o que me queriam transmitir. Queria sentir a luz como os ouvintes sentem a informação através do som.

Durante a minha infância, fui uma criança feliz e sempre fui tratado como outra criança qualquer, julgo que esse aspeto me tenha ajudado a superar as dificuldades que iam aparecendo. Apesar da surdez, nunca fui visto pelos meus pais como diferente ou inferior, estimulavam as minhas capacidades como fazem, naturalmente, com as crianças ouvintes.

É chegada a altura de frequentar a escola primária. Os meus pais e o audiologista que me seguia não estavam de acordo. O audiologista era de opinião que devia atrasar na entrada na escola, tal como acontecia com a maioria dos Surdos. A minha mãe, professora, achava que mesmo que as coisas pudessem não correr bem, deveria iniciar o 1º ano na idade própria, tinha capacidades para tal, e que poderia desenvolver durante esse ano, em pé de igualdade com as crianças ouvintes.

Durante o ensino primário, todas as professoras compreenderam a minha surdez e as minhas dificuldades e fizeram todos os possíveis para eu acompanhar a matéria tal como os colegas da turma. Aprendi a construir frases, criar composições, a ler e escrever pelo método utilizado pelas outras crianças. Também lia alto para a turma e quando era a vez dos outros, as minhas colegas da mesma carteira apontava o dedo sob as palavras no mesmo livro para eu poder acompanhar o ritmo. Quando desconhecia a palavra ou significado da frase, pedia à professora para explicar ou dar exemplos até ficar esclarecido. Para além das aulas, tive apoios à parte para poder acompanhar

melhor a matéria. Lá conheci dois colegas Surdos de níveis de ensino diferentes, um mais velho e um mais novo. A minha comunicação com eles foi diferente, fazendo mímica e gestos próprios, pois compreendi que eles também eram como eu, apesar das dificuldades que permeavam.

Tinha sempre trabalhos de casa, em algumas situações, pedia à minha mãe para explicar o significado das questões ou o objetivo destas. Graças ao esforço e dedicação tanto das minhas professoras como dos meus pais tive um progresso acelerado.

Os meus pais costumavam comprar alguns livros de banda desenhada e outros de histórias infantis para eu poder apreciar a leitura e me ajudar a conhecer novas palavras. Quando tinha dúvidas numa palavra ou no sentido da frase, questionava alguém para me esclarecer ou consultava o dicionário. Após perguntar o sinónimo, dava-lhes outros exemplos com a palavra referida, e estes confirmavam ou corrigiam para adquirir novos vocábulos.

Na altura em que transitei para o segundo ciclo, senti uma grande mudança, deixei de ter apenas uma professora que utilizava um método, para ter vários professores e diferentes métodos. Foi uma adaptação difícil, a nova escola e professores, mas com esforço consegui adaptar-me às novas exigências.

Sempre fui um aluno dedicado e sempre que não entendia alguma coisa, pedia aos professores para me explicarem novamente, ou falarem com mais calma, não esquecendo que não deviam virar as costas enquanto me respondiam, ou não deviam tapar a boca. Tive apoio, dos professores, de forma individualizada, para me esclarecerem dúvidas, para me ajudarem nas temáticas onde tinha mais dificuldades.

Chegado ao ensino secundário, apercebi-me que era um ensino ainda mais exigente. A diferença é que tinha mais três alunos Surdos na minha turma, todos com diferentes conhecimentos e formas de comunicação. Não tive dificuldade em comunicar, nem em compreendê-los, já tinha contactado com uma adulta Surda, também ela utilizava a oralidade e leitura labial para comunicar. O facto de não ser uma novidade, ver outros surdos, facilitou o contacto com os meus colegas.

Não tínhamos intérprete de Língua Gestual Portuguesa, o ensino sofreu várias alterações desde a minha altura até à atualidade. Tínhamos de estar

atentos, lendo os lábios dos professores, pedíamos para escreverem no quadro, para ler do livro, para fazermos mais exercícios. Neste método, a sensibilidade dos professores é muito importante, tivemos também uma professora do ensino especial que nos acompanhava nas aulas mais difíceis.

Foi no ensino secundário, que contatei pela primeira vez com um formador de Língua Gestual Portuguesa, que fazia sessões de sensibilização aos funcionários e a uma colega Surda, que não oralizava. Apercebi-me que seria fundamental aprender esta língua, a que nos unia, falei com a professora do ensino especial, estava curioso em conhecê-la e aprender esta língua. Comecei a frequentar as aulas de língua gestual, duas horas por semana, aprendi vocabulário e técnicas/estratégias de comunicação. Nesse momento tive pena, de não ter mais aulas, estava com curiosidade e muita vontade de aprender.

A minha maior dificuldade sempre foi a Matemática. A falta de resultados positivos aliada ao facto de não gostar da disciplina, fizeram com que fosse difícil prosseguir com um sonho profissional que tinha. Apesar de todas as dificuldades, empenhei-me, a média final de secundário era importante para a minha entrada na Universidade, um plano que tinha para o futuro. Nunca devemos desistir, apesar das barreiras que possam surgir, o facto de sermos Surdos não nos impede de levantar asas e poder voar.

Frequentei explicações, para alcançar melhores resultados nos exames nacionais, estudei com antecedência, fator essencial, para mim e para os Surdos, no geral. Um sonho prestes a ser realizado, os exames nacionais correram bem, foi uma felicidade. Entrei na Universidade em Bragança, num curso que achava que iria gostar, mas que se revelou uma desilusão. Não era o que eu pretendia.

Eu e os meus pais, tivemos uma conversa acerca do meu percurso escolar, decidimos aguardar um ano para me poder matricular novamente em outro curso. Não iria ficar tanto tempo sem fazer nada, surgiu a oportunidade de conhecer melhor a Associação de Surdos do Porto, a qual conhecia através do meu formador, nesse momento fiquei por lá, a aprender mais sobre a Língua Gestual Portuguesa e a sua Linguística. Adquiri novos conhecimentos e progredi tanto na língua como nos conhecimentos sobre a Cultura Surda.

Mais tarde, fui questionado sobre o meu interesse em frequentar o Curso de Formação de Formadores de Língua Gestual. Apesar de continuar a sonhar com o percurso pela Universidade, decidi adiar. Este curso poderia ser importante para mim, uma vez que queria enveredar pela área da Língua Gestual Portuguesa.

Frequentei este curso, que teve a duração de dois anos. Neste período, tive acompanhamento de intérprete de Língua Gestual Portuguesa e conseguia compreender tudo aquilo que era dito, sem a preocupação de me escapar alguma informação, o que acontecia com a leitura labial. Contatei com outros Surdos e pude verificar a verdadeira importância desta língua, a sua força e o seu valor. No final desta época e com os exames nacionais a chegar, decidi frequentar explicações, de forma a preparar-me.

Fui colocado na Escola Superior de Educação de Coimbra, na Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa – vertente Lecionação. Nesta nova fase, as maiores dificuldades eram seguir as aulas e fazer apontamentos ao mesmo tempo, a um ritmo alucinante para mim. Não conseguia estar atento às intérpretes e fazer os apontamentos.

Então, comecei a pedir às colegas ouvintes que me emprestassem os apontamentos que faziam. Passava todos os apontamentos, para melhor apreender os conteúdos. Durante as aulas, sempre que tinha dúvidas, pedia esclarecimentos aos professores.

Estudava com antecedência e de forma sistematizada. O facto de ser Surdo, não impedia a aquisição de conhecimentos, o esforço sempre foi uma característica minha. Se os ouvintes têm de se esforçar, os Surdos devem fazê-lo em dobro.

Ao longo do ensino superior mostrei as minhas capacidades, esclareci as minhas dúvidas e o facto de ter, em todas as aulas, intérprete de Língua Gestual Portuguesa facilitou o processo.

Os meus pais e familiares ficaram orgulhosos por ter concluído a licenciatura, objetivo ao qual me propus. Fui trabalhar numa escola onde ensinava os alunos Surdos, mostrando-lhes que apesar de Surdos, podem chegar onde chegam alunos ouvintes. Com o passar do tempo, apercebi-me que necessi-

tava de tirar outro curso, desta vez pós-graduação para adquirir novos conhecimentos e mais aprofundados para facilitar e melhorar estratégias do ensino dos alunos.

Mas não fiquei por aí, já concluí uma segunda pós-graduação e neste momento encontro-me no Mestrado. Tudo isto, foi graças ao meu próprio esforço, enquanto Surdo, e aos meus progenitores, que fizeram todos os possíveis para chegar a esta etapa profissional, tornando-me um cidadão autónomo e participativo na sociedade.

#### **4.4 Análise e interpretação dos dados recolhidos nas narrativas biográficas de pessoas surdas**

Neste capítulo apresentam-se três narrativas de Pessoas Surdas. A primeira diz respeito a Emmanuelle Laborit, a primeira atriz Surda a vencer em França o prémio Molière da revelação teatral, pela sua representação na peça *Les enfants du silence*. É autora da obra *O Grito da Gaivota*<sup>2</sup>, uma obra autobiográfica traduzida em nove línguas, fonte utilizada para esta narrativa.

A segunda narrativa refere-se a Marlee Matlin, atriz celebrizada por uma carreira bem conhecida no mundo do cinema, especialmente, para os Surdos, pelo filme *Filhos de um deus menor*, no papel de Sarah Norman, que correu mundo, e também ela galardoada com o Prémio da Academia para a Melhor Atriz.

Finalmente apresentamos a narrativa autobiográfica do autor desta dissertação, André Maia. Referiremos os sujeitos destas narrativas como SN1 (Emmanuelle Laborit), SN2 (Marlee Matlin) e SN3 (André Maia).

Não ficaria bem ao autor deste trabalho associar-se a duas atrizes de renome mundial. A verdade é que têm em comum o facto de serem surdos profundos que tiveram de enfrentar uma sociedade organizada para os ouvintes e de travar uma luta heroica para construir um projeto de vida contra todas as adversidades. Uma luta de sucesso num mundo de exclusão dos Surdos.

---

<sup>2</sup> Gaivota, em francês mouette, foi o nome familiar que os pais puseram a Emmanuelle Laborit devido aos gritos indecifráveis que emitia em criança.

Como linha condutora desta análise, procuraremos seguir as categorias adotadas para o inquérito por questionário utilizado no capítulo 5.

#### **4.4.1. Caracterização dos Sujeitos das Narrativas (SN)<sup>3</sup>.**

A **idade** dos sujeitos é relativamente próxima: SN1 nasceu a 18 de outubro de 1971, SN2 a 24 de agosto de 1965 e SN3 a 30 de março de 1985. Um intervalo de 20 anos que se situa num período anterior à emergência e afirmação das línguas gestuais e que tiveram de enfrentar uma escola nas línguas faladas dos respetivos países, como aconteceu com a maioria dos respondentes ao inquérito por questionário. A escola dita oralista foi a escola madrasta dos Surdos profundos, ou porque os recusou ou porque os levou à exaustão e à desistência. Nesta fase, só com muito apoio, muita vontade e muita capacidade de resistência é que os surdos poderiam subir os degraus da escola. Como afirmou Laborit, nesta fase, em França, os Surdos raramente iam além do ensino primário.

No que diz respeito a **habilitações literárias**, os três sujeitos destas narrativas conseguiram resistir e ultrapassar todas as barreiras. SN1 concluiu o ensino secundário com sucesso, SN2 concluiu estudos de graduação em Justiça Criminal e SN3 concluiu um curso de formação de formadores de LGP (2 anos) e está a concluir, com esta dissertação, o mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. O denominador comum do sucesso foi a língua gestual, a Langue des Signes Française (SN1), a American Sign Language (SN2) e a Língua Gestual Portuguesa (SN3), respetivamente LSF, ASL e LGP.

A mesma força que levou os três sujeitos ao sucesso académico, foi a que lhes permitiu realizar o sonho da **profissão** que escolheram: duas atrizes de teatro (SN1) e de cinema (SN2) e um professor de Língua Gestual Portuguesa (SN3), designação profissional legitimada pelo título académico e formação profissional adequada, mas que o estado português/ministério da educação continua a designar como “técnico de LGP”.

---

<sup>3</sup> Adota-se esta designação para simplificar e evitar imprecisões.

#### 4.4.2. Surdez

SN1 e SN3 têm **surdez profunda congênita**, SN2 tem surdez profunda adquirida aos 18 meses. Nenhum dos sujeitos tem familiares Surdos, o que poderá ter pesado no diagnóstico tardio e nos atrasos inevitáveis no desenvolvimento linguístico e comunicativo.

#### 4.4.3. Língua Gestual

O contexto de aprendizagem da língua gestual foi a escola e ou a comunidade Surda. SN2 frequentou a escola desde os cinco anos, uma escola de Surdos que a afastou da família, incapaz de comunicar com ela e que a considerou deficiente até aos sete anos. SN1 descobriu a LSF aos sete anos, por acaso:

"No dia seguinte o meu pai leva-me a Vincennes. ... Conversa com duas pessoas que ouvem. Dois adultos sem aparelho e que portanto, para mim, não são surdos. Naquele tempo eu só identificava os surdos através dos seus aparelhos auditivos. Ora, acontece que um era surdo e o outro não. Um chama-se Alfredo Corrado e o outro Bill Moody, uma pessoa que ouve e sabe interpretar a língua gestual. Vejo Alfredo e Bill fazerem gestos entre si, que não me dizem nada,.. mas são espantosos, rápidos, complicados... Mãos e dedos a mexer, o corpo também, a expressão dos rostos... Quem é o surdo? Quem é o que ouve? Um verdadeiro mistério". (52)

"Alfredo chega à minha frente e diz: «Sou surdo como tu, uso os gestos. É a minha língua». Usando a mímica perguntei: «Porque é que não usas aparelho auditivo?» (53) Ele sorriu. Para ele é evidente que um surdo não precisa de aparelho... Compreendi de imediato que não estava só no mundo. Revelação que foi um choque. Um deslumbramento... descobro que tenho um futuro possível, uma vez que Alfredo é adulto e é surdo" (Laborit, 2000).

SN3 descobriu a LGP ainda mais tarde:

"Foi no ensino secundário, que contatei pela primeira vez com um formador de Língua Gestual Portuguesa. Comecei a frequentar as aulas de língua gestual, duas horas por semana. Contatei com outros Surdos e pude verificar a verdadeira importância desta língua, a sua força e o seu valor".

A importância que os três sujeitos atribuem à língua gestual está intimamente ligada ao seu sucesso acadêmico, mas está bem patente nas posturas e atitudes que tomam. Laborit tornou-se com os anos numa grande defensora da LSF, reclamando que seja inscrita na Constituição francesa como língua da França.

A minha expressão passa pela língua de sinais, afirmava. Para Laborit, o insucesso decorre da proibição da LSF. Foi a oralização e a proibição da LSF que a afastaram da escola.

Não menos significativa é a atitude da personagem Sarah (SN2) quando recusa a língua falada, só responde na ASL e abandona a escola quando a forçam a falar a língua dos ouvintes.

SN3 chegou muito tarde à LGP. O seu sucesso escolar teve muito a ver com o grande apoio familiar e com uma força enorme para superar as dificuldades. Mas foi a descoberta da LGP que acabou por marcar o seu caminho e definir o seu rumo profissional.

#### **4.4.4. Apoio familiar**

O apoio familiar foi determinante em SN1 e SN3. Laborit e Maia encontraram nas respetivas famílias o apoio incondicional para o equilíbrio afetivo e para o sucesso escolar e profissional. A mãe professora foi determinante nos dois casos. Laborit passou por uma adolescência rebelde no encontro da comunidade Surda, com quem se identifica, e como recusa de uma família e de uma escola que não falam a sua língua. Mas o pai médico e a mãe professora de educação especial foram o amparo incondicional, antes e depois de descobrirem a língua de sinais, inclusivamente proporcionando-lhe uma visita à Universidade Gallaudet, que a deixou em êxtase ao descobrir que afinal tinha um futuro possível.

Maia é um exemplo raro de Surdo profundo congénito que pensa e fala na língua portuguesa. Isso só foi possível graças ao apoio permanente da mãe professora, que logo em criança se dava ao cuidado de escrever nos objetos os seus nomes para facilitar o seu conhecimento organizado.

Com Matlin (SN2) tudo foi diferente. O pai nunca aceitou a filha “deficiente” e afastou-se. A mãe nunca conseguiu comunicar com a filha nem conquistar o seu afeto. “Não a vejo há oito anos”, respondeu quando questionada pelo professor Leeds. A rebeldia da personagem Sarah é porventura uma consequência desta falta de afeto familiar e configura bem o que se designa por “orgulho surdo”, traduzido na recusa terminante de usar a língua dos ouvintes. Ao contrário de SN1 e de SN3 que procuram a conciliação dos dois mundos, Surdo e ouvinte, Sarah parece alimentar uma rotura intencional e militante como afirmação do mundo Surdo.

#### **4.4.5. Percurso escolar**

Quando se chega ao ensino superior e se conclui com sucesso, ou mesmo o ensino secundário, é porque o caminho não foi muito sinuoso e se percorreram com alguma normalidade todas as etapas deste percurso.

Laborit (SN1) frequentou o pré-escolar e o ensino primário com os incidentes próprios de um sistema que não fala a linguagem dos Surdos e desconhece os princípios básicos da “pedagogia da surdez”, concentrada no olhar e não no ouvido. Por isso a contestação a este modelo de educação dos Surdos foi crescendo com a idade, ao ponto de romper e de abandonar antes de concluir o ensino secundário, que retomou depois de amadurecer um pouco e de optar pela sua conclusão antes de abraçar definitivamente a carreira do teatro. E não seguiu para o superior por isso mesmo: a paixão pelo teatro foi mais forte do que uma carreira académica de maior duração. Mas Laborit foi clara; foi a proibição da LSF e a imposição da língua falada que ditou o rumo.

No plano das estratégias de sobrevivência num modelo de ensino adverso, em que os professores falam como se não houvesse Surdos, muitas vezes de costas voltadas e impedindo a leitura labial, ou impedindo que os alunos pudessem simultaneamente ver o professor tomar notas, a solução, também comum a SN3, foi a de copiar ou fotocopiar os apontamentos tirados pelos ouvintes.

Laborit, que como adulta e profissional de sucesso tem dedicado um grande apoio à causa da educação das crianças Surdas, é uma grande defensora do ensino bilíngue e uma das notas curiosas da sua experiência como aluna foi a importância decisiva da LSF<sup>4</sup> para melhorar as suas competências de leitura e de escrita, propondo-se a certa altura ler e escrever muito como estratégia de comunicação com os dois mundos, Surdo e ouvinte.

Se foi discriminada na escola? Sim, na medida em que a escola oralista é o modelo errado para os Surdos e os coloca em situação de desvantagem em relação aos ouvintes. Ao usar a língua dos ouvintes e colocando os Surdos a fazer desenhos à parte, fora do circuito de comunicação, automaticamente se discriminam e excluem os Surdos. Quando declara que com sete anos de idade, “estou ao nível de um infantário”, esse é o resultado da discriminação e da exclusão, não pelos professores em si, mas pelo sistema de ensino e pelo modelo de escola.

Maia (SN3) fez o seu percurso escolar dentro de toda a normalidade desde o pré-escolar até ao ensino superior. Sem a rebeldia da adolescência que vimos em Laborit, foi conseguindo superar os atrasos próprios da surdez na escola dos ouvintes, graças ao grande apoio familiar e com recurso a “explicações” nos momentos mais difíceis e nas situações mais complexas, como a Matemática. Recorrendo também aos apontamentos dos colegas ouvintes pelas razões já referidas. Mas foi o sonho que o levou longe, o sonho de chegar à universidade e de tirar um curso superior, numa vontade indomável de vencer. Foi esta vontade e esta força que lhe permitiram apropriar a Língua Portuguesa, falada e escrita, mesmo não sendo a sua língua natural. A LGP, que chegou tarde, foi o impulso para ir mais longe, foi também o suporte para aprofundar o conhecimento da Língua Portuguesa, que é afinal, a língua dos exames e das provas escritas.

Esta descoberta tardia leva-o a defender a aprendizagem precoce da LGP e defender o modelo da educação bilíngue como o mais adequado para as crianças surdas. As escolas de referência são um modelo teórico que representa

---

<sup>4</sup> Langue des signes française

um grande avanço, embora na prática tenham ainda muitas deficiências, nomeadamente a sua falta de autonomia para recrutar professores em tempo útil e num regime contratual mais estável.

O percurso escolar da Matlin (SN2) fica menos claro pela visualização do filme “Filhos de um deus menor” na personagem de Sarah. Para além dos breves depoimentos do diretor e das investigações do professor Leeds, o que mais se destaca é a sua recusa radical da escola oralista, que fala a língua dos ouvintes e ignora a dos Surdos. Quando a pressionam com a língua falada vira costas e chega mesmo a sair da escola. Mas esta é porventura a mensagem intencional do filme, a de mostrar que os Surdos têm uma língua própria e que a escola não tem o direito de lhes impor outra língua antes e em vez da sua.

De resto, sabemos que Matlin já frequentava a escola aos cinco anos, que concluiu um curso superior na área do Direito – Justiça Criminal – e que realizou com sucesso o seu sonho precoce de ser atriz, relegando para segundo plano a sua formação académica.

O seu papel de defensora do “orgulho Surdo” não é muito compatível com a orientação da escola bilingue, que se afirmaria mais tarde como modelo de escola de Surdos. Mas o seu sucesso académico passou também pelo domínio suficiente da língua escrita.

Resumindo, não é possível ter pessoas Surdas de sucesso sem uma escolaridade bem sucedida e as três pessoas Surdas que estudámos correspondem plenamente a esse perfil. O que significa que os Surdos têm todas as capacidades para atingir estudos académicos ao mais alto nível, desde que a escola não ignore a sua língua e as suas características sensoriais.

#### **4.4.6. Que modelo de escola para Surdos?**

Laborit e Maia frequentaram escolas regulares de ouvintes com integração de alunos Surdos. Matlin, no papel de Sarah, frequentou uma escola de Surdos na língua dos ouvintes. Nos três casos uma escola “oralista” ou “ouvintista”, que impõe aos Surdos a língua dos ouvintes e proíbe a língua dos Surdos. Este não é o modelo de escola que hoje se aconselhe a alunos Surdos,

sobretudo depois da emergência e afirmação das línguas gestuais. Os Surdos têm o direito a frequentar uma escola na sua língua natural, que alguns países já puseram em prática e outros recusam. Levantam-se aqui duas questões da maior importância.

A primeira tem a ver com o modelo de educação bilingue e esse parece incontornável. Se os Surdos têm de conviver com a comunidade surda e com a comunidade ouvinte, o modelo bilingue é o que melhor se adequa a esta realidade. Sem esquecer que a língua natural dos Surdos é a Língua de Sinais, a sua primeira língua, e que a língua escrita, visual, se aprende melhor depois de consolidar a apropriação da Língua Gestual. Em termos teóricos, as EREBAS correspondem a este modelo, em termos práticos, a LGP não está assegurada em plenitude, nem como língua de ensino e muitas vezes nem como disciplina curricular por falta de “técnicos” especializados. As EREBAS poderiam ser um bom modelo de escola se funcionassem de facto de acordo com o modelo teórico.

Alguns países mantêm as escolas de Surdos como escolas especializadas para este grupo minoritário. Têm a grande vantagem de ser pensadas para os Surdos e para as suas características sensoriais. Todas as pessoas falam a língua natural dos Surdos, todos os serviços estão organizados nesta língua, sem impedir o modelo de educação bilingue. Com a diferença de que aqui todos os professores são de facto bilingues.

Nenhuma das escolas dos sujeitos em análise corresponde ao modelo bilingue nem privilegia a língua natural dos Surdos como primeira língua, pela simples razão de que anteriores a este debate. As atitudes e comportamentos dos sujeitos em estudo parecem ir ao encontro da escola bilingue, sobretudo salvaguardando a Língua de Sinais como língua natural dos Surdos e como língua de ensino e de aprendizagem.

#### **4.4.7. Comunicação**

Todos os sujeitos nasceram em famílias ouvintes, sem outros Surdos na família, e com exposição plena à língua falada. Os atrasos foram evidentes, mas os níveis de aceitação e de desenvolvimento foram diferentes. Maia (SN3)

e Laborit (SN1) sobreviveram e em grande parte superaram. Sem impedimento de Laborit se sentir aos sete anos como se estivesse no infantário. Conhecia e tinha consciência do mundo à sua volta, mas num pensamento caótico, desorganizado, que só se disciplinou com a LSF.

No tempo em que viveram e em que ingressaram na escola tiveram de se confrontar com a língua dos ouvintes, que foram aprendendo e em que tiveram de comunicar com falantes que desconheciam outra língua. Logo que tiveram a possibilidade de conhecer e apropriar a Língua de Sinais, esta passou a ser a sua língua de comunicação com a comunidade Surda e a sua língua natural, apesar de tardia. Mesmo quando chegam tarde, a opção dos Surdos é sempre pela língua gestual.

A personagem Sarah (SN2) assumiu sempre o seu papel de Surda, recusando sistematicamente a língua dos ouvintes.

#### **4.4.8. Projeto de vida**

Os três sujeitos sonharam e todos realizaram os seus sonhos, que no plano pessoal e, melhor ou pior, também no plano académico. Na escola atingiram os níveis mais elevados no ensino superior (SN2 e SN3), sendo que SN1 optou pelo teatro como alternativa ao ensino superior.

A nível profissional, todos cumpriram o sonho de ingressar na vida artística ao mais alto nível (SN1 e SN2) ou de completar o curso e atingir o objetivo sonhado (SN3).

Sonhos cumpridos graças à emergência das línguas de sinais, a ponte para o desenvolvimento e o sucesso plenos.

#### **4.4.9. Tecnologias de apoio**

Laborit e Maia usaram aparelho e prótese, respetivamente, desde tenra idade, desde que lhes foi detetada a surdez e assentaram na esperança de poder ouvir. «Com a reeducação e as próteses auditivas, ela há-de vir a falar...», afirmava a mãe de Laborit (2000: 57). Para Laborit, o aparelho era o

emblema da identidade da pessoa surda e só quando conheceu adultos Surdos tomou consciência de que havia alternativa ao aparelho e às tecnologias, afirmando mesmo: “O implante para mim é como uma violação” (2000:182).

“Se recuso esta «técnica cirúrgica», afirma, é porque sou adulta e tenho o direito de dizer não. Ao contrário um bebé de três ou quatro anos a quem impõem «aquela coisa», não pode dar a sua opinião” (2000: 180).

A verdade é que muitos Surdos crescem, atingem a fase da língua de sinais e renunciam às tecnologias.

#### **4.4.10. Ensino superior**

O único sujeito que podemos interpelar neste item é Maia (SN3). Laborit não frequentou o ensino superior e Sarah (SN2) nada nos diz sobre o percurso de Matlin neste nível de ensino, que concluiu com sucesso.

Maia refere que não podia estar atento aos intérpretes e fazer os apontamentos. Durante as aulas pedia insistentemente esclarecimentos aos professores, depois pedia os apontamentos aos colegas ouvintes e copiava tudo. Por outro lado, afirma, “frequentei explicações, para alcançar melhores resultados nos exames nacionais”. Ainda segundo Maia, “O professor falar, ao mesmo tempo que os Surdos precisam de tomar notas, poderá ser um obstáculo à aprendizagem e evolução na área do conhecimento”.

No curso de formação de formadores LGP, tive acompanhamento de intérprete de Língua Gestual Portuguesa.

Ao longo do ensino superior mostrei as minhas capacidades, esclareci as minhas dúvidas e o facto de ter, em todas as aulas, intérprete de Língua Gestual Portuguesa facilitou o processo.

Concluiu uma pós-graduação e afirma: “mas não fiquei por aí, já concluí uma segunda pós-graduação e neste momento encontro-me no Mestrado”.

Com as condições e meios favoráveis os Surdos podem chegar ao mais alto nível.

## Capítulo 5

### Análise e interpretação dos dados recolhidos através do Inquérito por Questionário

#### Apresentação e análise dos dados

Os dados recolhidos são apresentados em três formatos diferentes: 1) através de quadros numéricos com quantificação dos resultados; 2) através de figuras com resultados estatísticos; 3) através da apresentação organizada dos depoimentos e testemunhos transcritos dos inquéritos dos inquiridos.

#### 1. Idade dos inquiridos

Responderam a esta questão 24 (vinte e quatro) inquiridos assim distribuídos:

Quadro 1- Idade dos inquiridos

Idade dos inquiridos	Nº de inquiridos
22	1
24	1
25	1
28	1
29	1
30	2
31	4
32	2
33	2
35	1
37	1
38	2
40	1
42	1
45	1
48	1
64	1

O quadro 1 mostra que as idades dos inquiridos variam entre os 22 e os 64 anos. A média de idades é de 34,54.

## 2. Género dos inquiridos

Responderam a esta questão 27 (vinte e sete) inquiridos. Os resultados apresentam-se na figura seguinte:

**Género** (27 respostas)

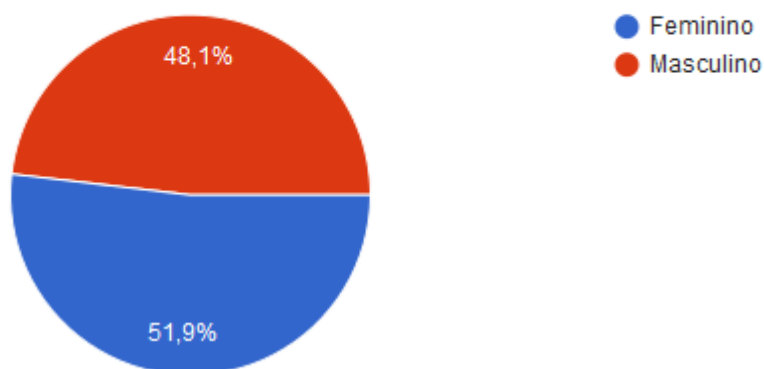


Figura 1 – Género dos inquiridos

## 3. Profissão/ocupação dos inquiridos

Quadro 2 – Profissão/ocupação dos inquiridos

Docente/Formador de LGP	8
Desempregado	3
Estudante	3
Docente	1
Colaboradora de empresa	1
Assistente técnica	1
Artista plástica, designer e animadora	1
Empregado de Escritório	1
Gestor de atividades associativas e formativas	1
Jurista	1
Funcionário	1
Funcionário do Continente	1
Educadora Social	1
Freelancer	1
Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa (sic)	1
Técnica de Backoffice Farmácia	1

Responderam a esta questão 26 (vinte e seis) inquiridos. O quadro 2 revela uma grande diversidade de ocupações, sem podermos propriamente falar de profissões, dado o seu caráter provisório.

Em alguns casos temos ocupações em regime de acumulação, como é o caso dos docentes/formadores de LGP.

Neste quadro aparecem 3 desempregados e 3 estudantes, que não são ocupações profissionais e uma resposta diz respeito à formação académica, a licenciatura em LGP, que não traduz uma atividade profissional.

#### **4. Localidade**

Quadro 3 – Localidade dos inquiridos

Águas Santas	1
Aveiro	1
Braga	1
Coimbra	1
Ermesinde	1
Funchal	1
Lamego	1
Leiria	2
Lisboa	5
Montijo	1
Ponta Delgada	1
Porto	6
Póvoa de Varzim	1
Seixal	1
Vila Nova de Gaia	1
Viseu	1

Responderam a esta questão 26 (vinte e seis) inquiridos. As respostas revelam uma grande dispersão geográfica, com maiores índices de concentração no Porto e em Lisboa.

## 5. Tipo de surdez

Tipo de Surdez (28 respostas)

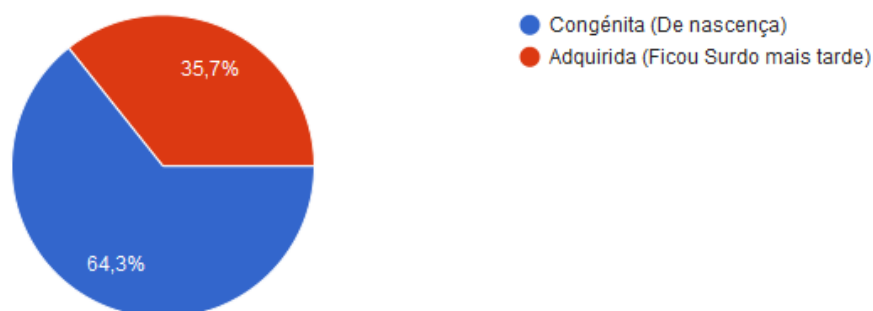


Figura 2 – Tipo de surdez

As 28 (vinte e oito) respostas a este item mostram o predomínio da surdez congênita, com 64,3%, sobre a surdez adquirida, com 35,7%.

## 6. Grau de Surdez

Grau de Surdez (28 respostas)

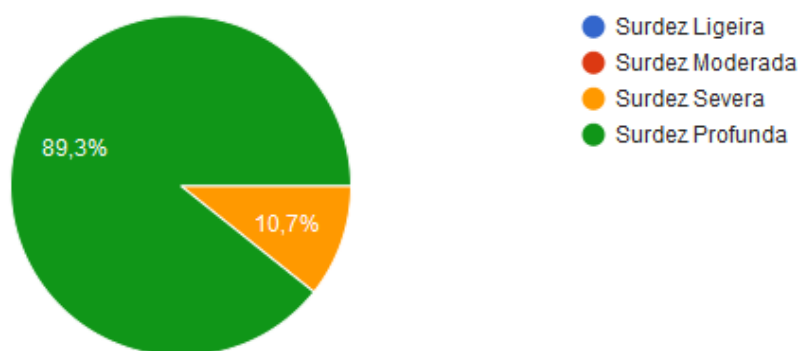


Figura 3 – Grau de surdez

A figura 3 mostra que a surdez profunda é dominante, com 89,3%, contra apenas 10,7% de surdez severa. A surdez ligeira e a moderada não estão aqui representadas.

## 7. Com que idade foi identificada a surdez

Quadro 4 – Diagnóstico da surdez

À nascença	2
3 meses	2
6 meses	1
7 meses	1
12 meses	2
18 meses	1
2 anos	7
3 anos	5
4 anos	1
7 anos	2
13 anos	1
Não sabe	1

Reponderam a este item 26 (vinte e seis) inquiridos. O quadro 4 foi construído com base em respostas ora expressas em meses, ora em anos, ora com um “por volta de”, que traduzimos uniformizando a linguagem dos respondentes.

Algumas respostas parecem referir-se, não ao diagnóstico, mas ao momento do ensurdecimento, como aconteceu com o inquirido que ficou surdo aos 7 anos na sequência de um acidente.

Este quadro mostra que uma boa parte dos inquiridos ensurdeceu em fase pré-linguística, antes dos 24 meses, outra parte depois de aprender a falar, ou seja, com 3 anos ou mais, havendo uma zona intermédia, a dos dois anos, em que a linguagem não está ainda consolidada.

## 8. Tem familiares surdos?

As respostas a esta questão, sintetizadas na figura 4, revelam que a maioria dos Surdos não tem familiares Surdos. Nesta amostra, neste particular constituída por 28 (vinte e oito) respondentes, 60,7% não têm familiares Surdos, mas 39,3% declaram ter familiares Surdos. Na figura 5 pode ver-se que o pai e a mãe são os familiares menos representados, com apenas 8,3%, estando os irmãos representados por 41,7%, verificando-se a mesma percentagem em outros familiares.

Tem familiares surdos? (28 respostas)

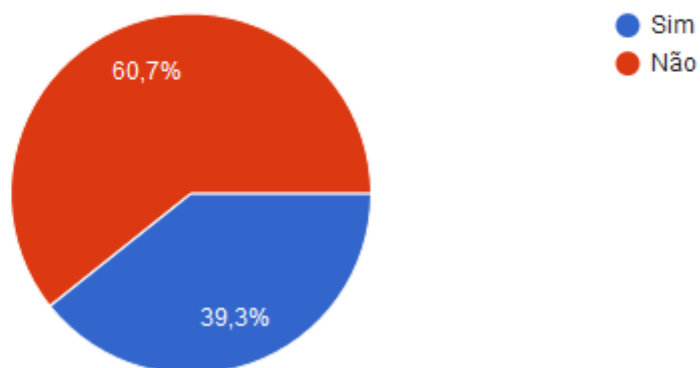


Figura 4 – Familiares Surdos

Quem? (12 respostas)

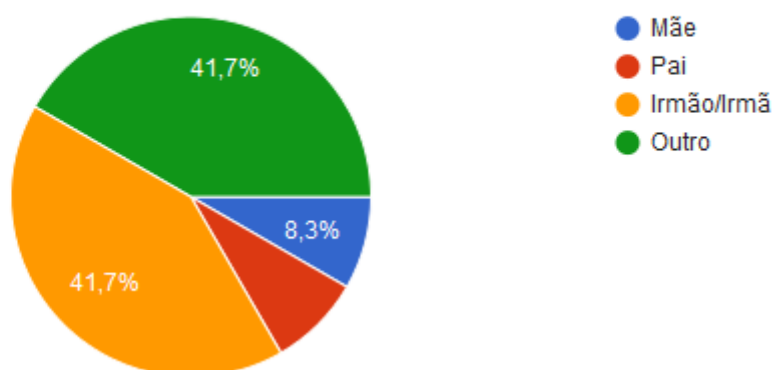


Figura 5 – Identificação dos familiares Surdos

## 9. Língua Gestual Portuguesa

Quadro 5 – Aprendizagem da Língua Gestual Portuguesa

Em que contexto aprendeu a LGP?	
Na Escola	15
No Colégio interno tinha menos de 1 ano	1
Na Associação APS e escola	1
Na Associação de Surdos de Évora	1
Dentro do movimento associativo	1
Na Associação	1
Em casa	2
Com amigos	4
Com a minha mãe	1
Licenciatura de LGP	1

Esta questão obteve 28 (vinte e oito) respostas. A grande maioria dos respondentes aprendeu LGP na escola (15) ou no colégio (1), ou ainda nas associações (3) e no movimento associativo de Surdos (1). Alguns puderam aprender em casa (2) ou com a mãe (1), o que poderá ser a mesma coisa. Muito significativo é o número de inquiridos que aprendeu com amigos (4). Esta questão traduz bem a falta de apoio institucional às famílias de Surdos, que ficam assim impedidas de ensinar os filhos a comunicar na sua língua natural nos primeiros anos de vida.

#### 10. Com que idade aprendeu LGP? (28 respostas)

Quadro 6 – Idade de aquisição da LGP

Bebê (antes dos 3 anos?)	2
Colégio (antes dos 3 anos?)	1
2 anos	1
3 anos	3
4 anos	2
5 anos	1
6 anos	1
7 anos	1
8 anos	1
9 anos	1
10 anos	2
12 anos	1
13 anos	1
14 anos	1
15 anos	2
16 anos (depois da LIBRAS)	1
18 anos	1
19 anos	2
21 anos	1
22 anos	2

O quadro 6 é particularmente revelador da diversidade de situações de aquisição da LGP, a língua natural dos Surdos, e da heterogeneidade dos alunos à entrada na escola. Em 28 (vinte e oito) respondentes, apenas 10 (dez) iniciaram a escolaridade obrigatória com alguma iniciação à LGP. A maior parte (18) chega à escola sem LGP e muitos certamente sem língua, sobretudo os Surdos profundos pré-linguísticos.

A aquisição tardia da língua não pode deixar de refletir-se negativamente no desenvolvimento cognitivo das crianças e no insucesso escolar. Esta

será sem dúvida a primeira razão para a exclusão precoce de gerações e gerações de Surdos, situação que está longe de estar normalizada.

### 11. A sua família comunica consigo em LGP?

A sua família comunica consigo em LGP? (28 respostas)

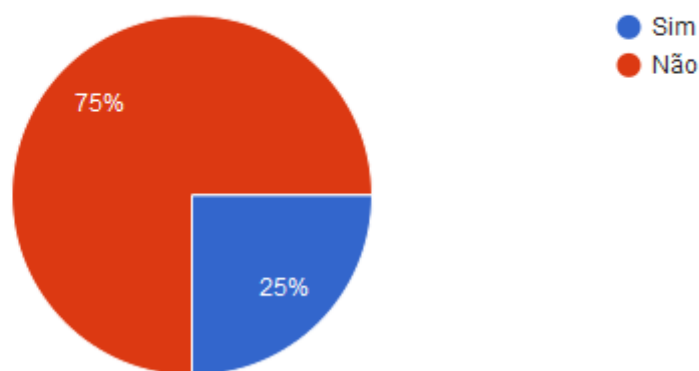


Figura 6 – Comunicação em LGP na família

Que familiar comunica consigo em LGP? (16 respostas)

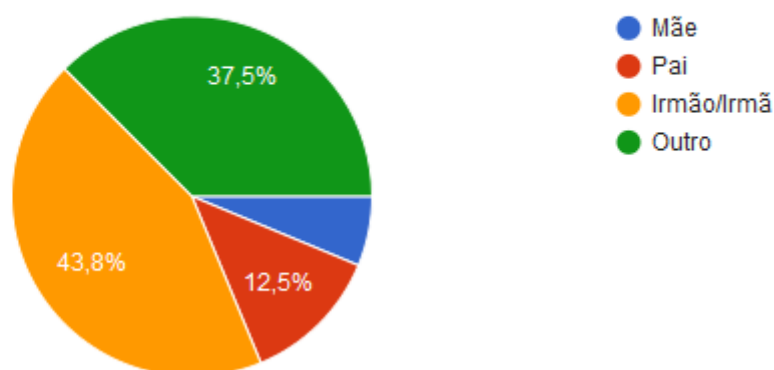


Figura 7 – Comunicação com a família em LGP

As figuras 6 e 7 confirmam as dificuldades dos pais em comunicar com os filhos Surdos. Na família, são os irmãos que mais contribuem para a comunicação dos Surdos, ficando os pais reduzidos a escassos 12,5% nos níveis de comunicação com os filhos Surdos.

Esta dificuldade constitui-se como uma barreira na relação afetiva pais/filhos. A experiência mostra que esta situação gera situações de afastamento, com o sofrimento dos pais por não poderem manter um convívio próximo com os próprios filhos e estes a refugiarem-se nos seus pares Surdos com quem comunicam e se identificam. Há sempre um dia em que o filho Surdo descobre o seu “povo” e recomeça aí o seu caminho.

## 12. O que fez a sua família quando descobriu a surdez? (28 respostas)

Quadro 7 – Descoberta da surdez

Ajuda médica	15
Escola	8
Apoio dos professores	2
A família é toda surda	1
Associação de pais das crianças surdas na altura	1
Procura de informação	1

Responderam a esta questão 28 (vinte e oito) inquiridos.

A procura de informação parece ser a primeira preocupação e faz-se junto de familiares, amigos, médicos, professores.

A ajuda médica (15) surge como primeiro recurso, anterior à escola, no tempo e nas preocupações, o que naturalmente remete a surdez para o campo da doença e da deficiência, com os efeitos negativos que isso produz.

A ajuda médica aparece muito ligada à terapia da fala, às próteses e implantes cocleares e à preocupação da reabilitação do ouvido e da fala. É o peso da tradição e da escola oralista.

Aparecem a seguir 8 referências à escola, incluindo escola de Surdos, escola de referência, escola especializada, infantário. A escola aparece assim como local de abrigo e de acolhimento.

As associações de Surdos são também um porto de abrigo para os pais ouvintes e sem informação.

Saliente-se uma referência à família toda Surda, o que torna a surdez uma questão normal, não problemática.

### 13. Como foi a relação com os seus pais, durante o seu percurso escolar?

Responderam a esta questão 27 (vinte e sete) inquiridos.

A palavra *relação*, que aparece na pergunta, é uma das palavras-chave nas respostas a essa questão. De um modo geral, esta relação é considerada boa, normal, normalíssima, nada alarmante, “nunca tive problemas”.

Nas raras exceções, um inquirido refere que “Não houve relação, (a família) não me deixou LGP”. Outro afirma: “Sempre aprendi sozinho e tinha muita autonomia e às vezes eles ajudaram-me um pouco, mas não conhecem bem o que é ser surdo”. Outro ainda refere-se a uma relação “Constante, sempre houve altos e baixos”.

Outras respostas referem separações forçadas: “Eu fiquei no colégio até quase aos 12 anos e depois, em 1969, primeira vez, contatei meus pais e a seguir todos os verões (julho a setembro), viajei para Angola até 1975”.

Noutro depoimento pode ler-se: “Os meus pais não sabiam como comunicar comigo, e também se preocupavam muito comigo. Aos 4 anos, levaram-me ao colégio *Araújo do Porto*, que são só para as pessoas Surdas. Aprendi muito pouco de Língua Portuguesa, por isso tenho dificuldades de português. Nas tarefas, eu arrumava tal como, cozinha, limpar a sala de aula, etc. Quando passei para o 5º ano, fui a escola normal como ouvintes e tive aula de apoio (Português, Matemática, História, etc.) e fazia os trabalhos de casa na biblioteca na escola com os meus colegas. Estudei até ao superior e tirei o curso de Educação Social. Na faculdade, estive sempre perdida da matéria pois foi sempre atrasada de uma aprendizagem porque a intérprete de Língua Gestual Portuguesa só regressava em janeiro... Mas esforcei-me muito e até consegui fazer tudo”.

A palavra mais frequente nos depoimentos dos inquiridos é a palavra *ajuda* e o verbo da mesma família *ajudar*, que aparece 12 (doze) vezes, assim como sinónimos ou formas explícitas de ajudar:

- “*Motivaram-me* para enfrentar o obstáculo, que mostra que não sou coitado”;
- “Foram decisivamente pró-ativos para *incentivar* e promover o mundo de conhecimento para *acompanhar* e ensinar diversos vocabulários, além de

horário escolar, sobretudo, *apoio familiar* foi fundamental para meu percurso acadêmico”;

- “*apoiaram-me* e ainda *apoiam*, principalmente a mãe que esteve comigo a “ensinar-me” tudo o que ela sabia para que eu tivesse um bom futuro”;
- “Os meus pais ajudaram-me nos trabalhos escolares na altura do ensino Secundário. Antes disso, foi a *minha avó* que me dava apoio. Motivaram-me de forma a conseguir sempre atingir patamares mais elevados. Para isso sempre colaboraram comigo nas mais variadas formas: sempre que tinha dúvida com uma palavra esclareciam-me de imediato, levando-me a melhorar muito o meu português”;
- “Meus pais sempre me ajudaram, apoiaram e participaram, principalmente a minha mãe, com mímicas, escrita e leitura labial”.

A comunicação é também um termo que aparece de forma recorrente, revelando bem que é aqui que está a chave do problema. Aparecem também referências à leitura labial, às mímicas e à terapia da fala.

#### **14. Percurso Escolar**

##### **Que papel teve a LGP no seu sucesso escolar? Teria chegado onde chegou sem a Língua Gestual?**

Responderam a esta questão 24 (vinte e quatro) inquiridos e as respostas revelam um campo muito dividido entre os que não tiveram acesso precoce à LGP e aqueles que tiveram sucesso graças à LGP. Vejamos alguns depoimentos dos que não tiveram acesso ou não cresceram na LGP:

- “Não tive LGP na escola”;
- “Nenhum. Lgp não interferiu no meu sucesso escolar”;
- “Aprendi a compreender as coisas inicialmente, depois tive terapia da fala e eu e a minha mãe fomos deixando a LGP e falar mais oralmente”;
- “...a minha primeira língua foi oral e não LGP”;
- “Foi indiferente”;

- “Sim. Eu tinha estudando na escola secundária e a interprete de LGP só acompanhava me algumas disciplinas... Antigamente não havia intérprete de LGP e professores de LGP”;
- “Sempre integrei com ouvintes, através da Oralidade...”;
- “Aprendi LGP na escola o que me ajudou a abrir muitas portas, mas teria chegado ainda abrir mais portas sem LGP e com Língua Portuguesa escrito”.

Para muitos outros, a LGP foi a chave para o desenvolvimento e para o sucesso:

- “Muito importante. Sem lgp n teria chegado agora”;
- “Muito interessante”;
- “Nos primeiros anos depois de ficar surdo não tinha nenhuma LGP e só comunicava com os colegas na mimica e na oralidade pela minha escola era proibida de aprender a LGP. Mais tarde fui para outra escola e vi vários surdos a comunicar através a LGP e não conseguia aproximar deles e mais tarde aos 14 olhei para a minha identidade e percebi o que ser surdo e depois esforcei me muito e aprendi rápido”;
- “Definitivamente o bilinguismo (LGP e língua portuguesa) forma-se como essência do sucesso escolar. Ou seja, não imagino sem LGP para chegar onde se conhece as idiossincrasias culturais-linguísticas que permitiu-se uma "voz gestual" para expressar e para comunicar”;
- “A LGP teve um impacto positivo em mim, foi com ela que eu pude aprender imensa coisa valiosa, a cultura surda da qual me identifico”;
- “Sou CODA sou L1 também L materna”;
- “Só tive acesso a LGP a partir do 12º ano. Se tivesse acesso a LGP ao longo do percurso escolar, teria chegado com maior sucesso, em relação aos conhecimentos gerais e informações”;
- (A LGP) tem “papel muito importante, contudo penso que chegaria onde cheguei mas implicando, quase de certeza, o dobro do tempo. Mas, considero também muito importante a presença de intérpretes de LGP”;
- “Foi fundamental. Não conseguiria licenciar-me se não fosse a LGP”;
- “Foi importante, na faculdade percebi melhor através de intérprete, provavelmente sem intérprete, teria muito mais dificuldade”;

- “No tempo em que estava a estudar não tinha intérprete, mas se tivesse podia até tirar melhor notas porque tive muitas dificuldades em compreender a aula devido a não perceber o que a professora dizia”;
- “Acho que não (teria chegado onde cheguei). A língua gestual ajudou-me muito no meu percurso escolar. Sem a intérprete, não conseguiria acompanhar as aulas”;
- “Teria chegado de qualquer forma, a LGP sempre é a minha língua, mesmo que eu não seja surdo”.

Esta diversidade de situações e de pontos de vista dos Surdos relativamente à LGP mostra bem como é difícil encontrar estratégias e modelos de escola bem aceites por todos. Contudo, a investigação sobre as línguas gestuais e sobre o seu papel no desenvolvimento e educação dos Surdos mostram que a LGP, em Portugal, deve ser o caminho obrigatório para o sucesso.

## 15. Aprendizagem precoce da LGP

A grande maioria dos inquiridos, e certamente também dos surdos em geral, considera importante a aprendizagem precoce da LGP. A figura 8, que sintetiza os pontos de vista de 28 inquiridos, revela que 92,9% reconhece a importância da aprendizagem precoce das línguas de sinais.

**Considera importante a aprendizagem precoce da Língua Gestual?**  
(28 respostas)

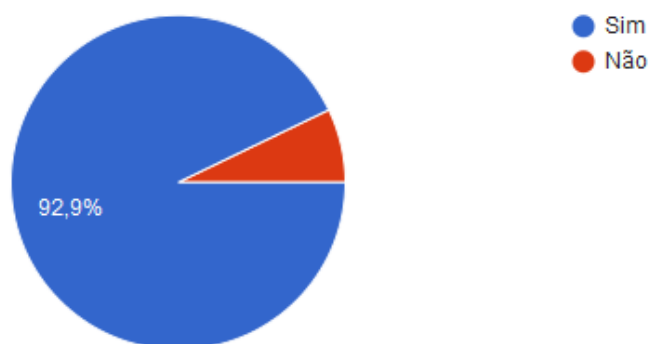


Figura 8 – Aprendizagem precoce da Língua Gestual

## **Justificação**

Dos 28 respondentes à questão anterior, 21 justificaram assim a sua resposta:

1. “Melhor aprendizagem de contextos, noções do dia a dia, comunicação principal;
2. O esforço desde criança me levou aonde estou agora, igualando desta forma a minha escrita em Português com a maioria das pessoas ouvintes;
3. Porque acho que é fundamental começar falar em LGP para aprender melhor as coisas ou seja compreender melhor;
4. Compreender conceitos abstratos, conseguir comparar duas línguas: lp e lgp;
5. Em toda circunstância alguma todos deveriam ter a Língua Gestual;
6. Não ouviu nada mas não consegui converver (convencer?) as pessoas ouvintes que não sabem LGP;
7. A aprendizagem da Língua Gestual é muito importante para vários problemas de barreiras de comunicação na sociedade actual, facilitaria a comunicação entre surdos e ouvintes, na educação do ensino especial seria o factor importante em todas as escolas do país. Dito isto de forma resumida, a Língua Gestual faz parte na comunidade Surda, é fundamental que Sociedade actual (não) tenha barreiras comunicativas para todas as situações nos Serviços Públicos;
8. É sua primeira Língua;
9. A criança surda é surda e não ouve. A LGP é uma língua visual que permite à criança surda ir desenvolvendo cognitivamente à imagem e uma criança ouvinte em relação à língua oral;
10. De facto, a capacidade cognitiva e visual das crianças surdas ficaram "preparadas" para receber diversos vocabulários para expressar adequadamente de uma forma precoce, consoante níveis de capacidade visual e de modelo positivo e pró-ativo;
11. Porque se vamos aprender os conceitos, os nomes, então também vamos aprender a LGP e LP ao mesmo tempo, assim evoluiremos muito;
12. Como outros desde nascença passa ter já a comunicação visual;

13. É mais importante antes a pré-escolar tem 6 meses, para poder aprender a comunicar desde cedo igual aos ouvintes;
14. A idade entre 12 meses a cerca de 4 anos é a fase mais importante para a aquisição da linguagem. Deve ser dada à criança Surda nessa idade, a oportunidade de contactar com a sua língua natural (LGP);
15. Quanto mais cedo maior será o acesso da criança à linguagem e comunicação;
16. Sinceramente, depende das pessoas, para aqueles que tem mesmo dificuldade em falar, ouvir, é recomendado aprender cedo a língua gestual;
17. Se necessário a criança a adquirir ou não a LGP ou Oralidade, varia de caso a caso, sabendo que nas famílias o contexto é muito peculiar...;
18. Quanto mais cedo, mais adquire a língua e o seu desenvolvimento;
19. Quanto mais cedo aprender a LG facilmente adquire a língua e desenvolve melhor;
20. Porque é importante de comunicar através da LGP como a 1ª Língua Materna;
21. Com LGP consegue desenvolver capacidades”.

Os Surdos da nossa amostra são maioritariamente defensores da LGP e favoráveis à sua aprendizagem precoce.

## 16. Educação pré-escolar

Frequentou creche ( 0-3 anos) (28 respostas)

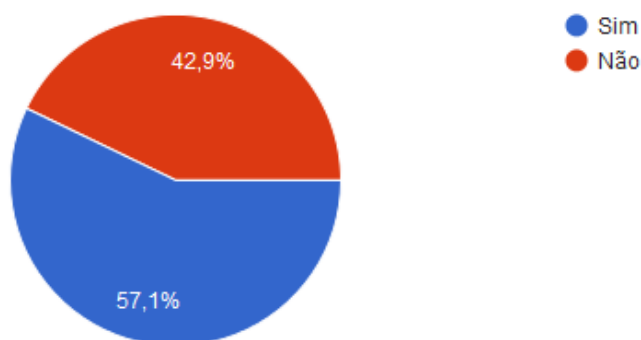


Figura 9 – Frequência da Creche

### Frequentou Jardim de infância (3- 6 anos) (28 respostas)

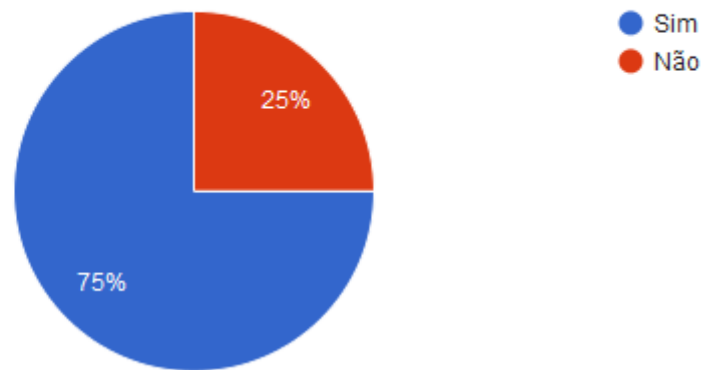


Figura 10 – Frequência do Jardim de Infância

A aprendizagem precoce da LGP só é possível, na maioria dos casos, quando as crianças têm acesso à creche e ao jardim de infância, uma vez que na família, por falta de apoio institucional, os pais raramente têm condições e meios para aprender a LGP e comunicar com os filhos nesta língua. O desenvolvimento linguístico e cognitivo tem aqui melhores condições e será a via do sucesso se oferecer a LGP às crianças Surdas.

As figuras 9 e 10 não exprimem a realidade atual, uma vez que são adultos todos os respondentes. Nem garantem que tenham proporcionado a LGP às crianças que hoje são os adultos inquiridos, mas traduzem uma evolução muito favorável nas décadas recentes, dado que a generalização do ensino pré-escolar é muito recente no nosso país.

O acesso precoce à LGP é uma condição necessária para a igualdade e a inclusão das crianças Surdas.

### **17. Como se sentiu ao longo do percurso escolar? (28 respostas)**

Esta é outra questão que traduz a grande diversidade humana. Muitas pessoas têm sentimentos diferentes em situações semelhantes, outras têm de enfrentar situações muito diferentes ao longo da vida. É o caso dos Surdos, que ora encontram ambientes favoráveis e de igualdade real, ora encontram situações adversas e mesmo hostis.

Muito respondentes afirmam que foram felizes no seu percurso escolar, sem reservas, outras afirmam as discriminações que sofreram, outras ainda enfrentaram situações de felicidade e situações de discriminação.

Cerca de 50% das respostas afirmam um percurso feliz sem reservas, cerca de 25% põem o foco na discriminação e muitos alternaram momentos felizes e infelizes.

Vejam-se as seguintes respostas:

- “Um pouco de tudo: apesar de algumas discriminações, nunca me deitou abaixo, sinto que fui feliz, não tenho nada a reclamar. Tive muitos amigos e continuei a vida sempre em frente!!
- Já fui discriminada várias vezes, e ultrapassava assim que pude. Havia alturas que fui feliz.
- Por vezes de parte e outras em grupo!
- De certeza forma fui feliz ao longo do percurso escolar, apesar de haver alguma parte de discriminação, mas nada me prejudicou, sempre tive mente positiva.
- Feliz, mas sabia que era diferente dos outros.
- Ao longo da pré-escolar, não compreendia nada. Desde 1º ciclo a 3º ciclo, estava integrada com os ouvintes e surdos, e só me sentia bem com os colegas surdos, às vezes sentia-me feliz e outras vezes não. No ensino secundário, senti-me sozinha e não compreendia a conversa dos colegas ouvintes.
- Nos recreios, fui bem recebido pelos colegas, era feliz, nas aulas tinha dificuldade em perceber o que a professora dizia, mas após explicar a matéria, essa professora vinha ter comigo explicar outra vez.
- Dependia dos dias gozavam ou não queriam estar comigo porque não me percebiam
- Há duas coisas: feliz e infeliz”.

Outras respostas revelam alguma ambiguidade. Se não traduzem sentimentos de felicidade, revelam ao menos sentimentos de confiança:

- Normal
- Tive de me mostrar tremendamente mais empenhado e com espírito de sacrifício...mas consegui!
- Sinceramente não me lembrava como foi neste percurso. Portanto sempre andei a brincar com outras colegas para tentar apanhar o ritmo com as colegas.
- Senti-me sempre capaz e nunca desisti.

### 18. Com que idade iniciou o 1º Ciclo? (26 respostas)

Quadro 8 – Idade no 1ºCiclo

Idade	Nº de respondentes
6	14
7	6
6/7	1
8	1
8/9	1
9	1
3	1
+ - 4	1

O quadro 8 revela já uma certa normalidade em relação a períodos anteriores da história da educação dos Surdos. A maioria dos respondentes iniciou a escolaridade obrigatória na idade legal, com raras exceções provavelmente devidas e justificadas por razões de atraso na aquisição da língua.

As duas últimas respostas parecem inconsequentes porque a lei não permite a entrada no 1º ciclo antes dos 6 anos, salvo em casos excepcionais, que não contemplam os 3 e 4 anos de idade.

### 19. Com que idade chegou ao Ensino Secundário? (27 respostas)

A interpretação do quadro 9 obriga a repensar os vários ciclos de escolaridade e os níveis etários que os enquadram. As respostas a esta questão revelam alguma dificuldade em distinguir a escolaridade pós-primária e a idade normal de entrada no 2º ciclo, 6º e 7ºanos, no 3º ciclo, 7º, 8º e 9ºanos, e no ensino secundário, do 10 ao 12ºanos.

A idade normal de entrada no 10º ano corresponde aos 16 anos, sendo possível entrar com 15. Entre os 6 e os 15 anos situam-se o 2º e o 3º ciclos. Muitos ainda confundem ensino secundário com ensino pós-primário, a antiga 4ª classe.

No campo oposto, a partir dos 18 anos, teremos respondentes que sofreram atrasos, bem frequentes nos Surdos em períodos anteriores, ou que frequentaram cursos noturnos, como é o caso do respondente que iniciou o secundário aos 33 anos.

Independentemente da diversidade de interpretações, estamos perante uma relativa diversidade e disparidade de situações no ingresso no ensino secundário, tal como acontece no ensino superior. A leitura do quadro 9 mostra essa disparidade.

Quadro 9 – Idade no Ensino Secundário

Idade	Nº de respondentes
6	1
9	1
11	1
12	1
13	1
15	5
16	7
17	1
18	3
18 ou 19	1
19	1
20	3
33	1

## 20. Quais foram as suas principais dificuldades (28 respostas)

Das 28 respostas, 13 referem explicitamente as barreiras de comunicação. Mas muitas outras respostas têm implícita a mesma dificuldade:

- “...professores que não sabiam LGP”;
- “Dificuldade de português”;
- “Na escola não há intérprete de LGP”;
- “Interpretação e novas palavras ricas”;

- “muita matéria e com alguma dificuldade em entender”;

Outra dificuldade muito referida é a “falta de apoio e de disponibilidade dos professores”, explicitamente referida por 7 inquiridos. Sem impedimento de haver respondentes (2) que afirmaram ter tido todo o apoio necessário.

Apenas uma resposta refere dificuldades em disciplinas específicas:

- “No primeiro ciclo, as dificuldades se baseava na disciplina de matemática e escrita de português. A partir do 2 ciclo a aprendizagem foi melhor, tendo sempre excelentes professores a incentivar”.

Uma resposta refere-se particularmente a problemas de adaptação: “As dificuldades foram, principalmente, adaptação do ambiente de aprendizagem nas escolas diferentes que fui "experimentar" a escola "normal" e a escola dos surdos”.

“Nas disciplinas teóricas, - refere outro inquirido - os professores falam de costas para mim”, o que revela falta de preparação de muitos professores de alunos Surdos, como refere outro inquirido: “... não havia interpretes, os professores não estavam preparados para receber alunos surdos”.

Outra dificuldade que atravessa todo este campo, de forma mais ou menos explícita é a incapacidade dos professores para usarem a língua natural dos Surdos, a LGP. Obviamente, não pode haver educação bilingue de alunos Surdos sem professores bilingues.

## 21. Leitura e escrita

Tem dificuldades na escrita e na leitura? (28 respostas)

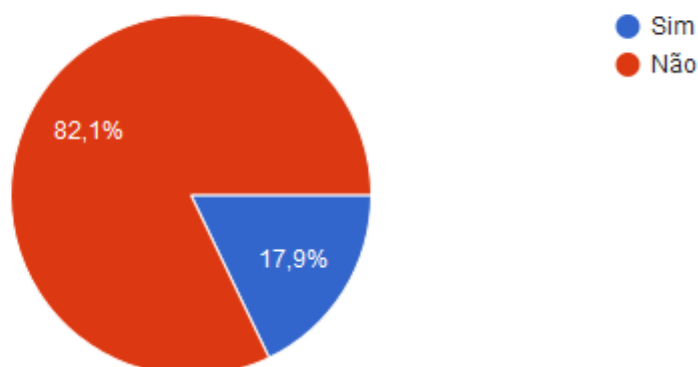


Figura 11 – Escrita e leitura

Não deixa de ser curioso que apenas 17,9% dos inquiridos declare ter dificuldades na escrita e na leitura, contra 82,1%, que declaram o contrário. As transcrições das respostas aos questionários não parecem confirmar os resultados desta figura, o que nos leva a admitir que “ninguém é bom juiz em causa própria”.

**Se a resposta for sim, justifique como ultrapassou estas dificuldades.**

As respostas obtidas foram as seguintes:

1. “Sim foi bocado complicado os professores não estava preparado pra dar aulas educação especial surdos 920”;
2. – (...)
3. “Com muito esforço e dedicação da minha parte e também da família ajudou de alguma forma, também algum apoio especial numa parte do meu percurso escolar”;
4. “Por causa dos apoios e esforço”;
5. “Com muito exercício e insistência”;
6. “Tive que trabalhar muito e pedia muita ajuda”;

7. “Porque no 1º ciclo, foi falha da educação depois passei muitas dificuldades de escrita de português e de leitura. E também como eu não ouço e não apanho todas as palavras. E não apenas por exemplo: "que", "de", "para", "por acaso" ou "verbos" (passado, presente, futuro) não existe os gestos”.

As respostas 1 e 7 limitam-se a atribuir as culpas ao sistema, fugindo à questão, e não deixam de ter razão. As restantes respostas referem os apoios que tiveram, nomeadamente da família, e o grande investimento pessoal, traduzido em esforço, dedicação, trabalho, exercício e insistência.

## **22. Que tipo de estratégias de estudo teve para conseguir terminar o ensino secundário? (26 respostas)**

A palavra mais frequente sobre a temática das estratégias é a palavra *estudar*. Em 26 respostas, é utilizada por 13 inquiridos, o que significa que o trabalho pessoal é muito valorizado. Em muitos casos a palavra estudar aparece ligada a um esforço acrescido, um esforço suplementar do Surdo para atingir os objetivos:

- “Estudar como deve ser, não chumbei nenhum ano no secundário”;
- “Tive que estudar quase o dobro que os alunos ouvintes”;
- “Tinha que estudar muito mais do que colegas ouvintes”;
- “Estudar muito mais que colegas ouvintes em casa”;
- “Estudar muito para alcançar os objetivos”;
- “Tive que estudar muito, decorar muitas coisas”;
- “Tive que esforçar muito e estudar o dobro do que um ouvinte”;
- “Estudar e reforçar...”.

Existe claramente a consciência de que na escola atual, pensada e organizada para os ouvintes, os Surdos encontram muito mais dificuldades, tem de desenvolver um esforço redobrado numa escola que não fala a sua língua.

Alguns respondentes parecem não ter compreendido o significado da palavra estratégias quando respondem “não sei” ou “não me lembro”.

Para outros, as estratégias estão ligadas à leitura:

- “Estudo baseado em livros, materiais em que a língua portuguesa escrita estava presente”;
- “Ler livros, jornais e pedia toda ajuda possível”.

O recurso a apoios diversos continua a ser uma estratégia muito referida pelos Surdos:

- “Com o apoio de aula de português muito vezes para conseguir terminar”;
- “Tive apoios na Escola e fora as Explicações”;
- “Sem dúvida, foi através de apoio de professor de Educação Especial na altura para apoiar complementarmente as minhas necessidades”;
- “Principalmente o apoio dos professores”;
- “Tive que estudar muito, decorar muitas coisas e contar com o apoio da minha família e de colegas ouvintes”;
- “por exemplo, tive dificuldades em estudar de matemática, tive a explicação, e noutras disciplinas como era surdo e integrado numa turma de surdos, os professores explicavam as coisas mais claras, tinha percebido e estudava em casa”;
- “Suporte literário, apontamentos de colegas e orientações no final de cada aula de forma a que pudesse melhorar ainda mais as minhas aptidões, sempre busquei ultrapassar as minhas limitações”;
- “muitos apoios individuais com o professor de disciplina e também do ensino especial”;
- “Intérprete de LGP, Educação Especiais e Aula de apoio”.
- “Projedor e intérprete”.

Os depoimentos mostram ainda a necessidade de recorrer a uma grande diversidade de apoios, que os ouvintes muitas vezes também precisam. Mas nos Surdos é quase uma constante, que revela que os Surdos não estão preparados para enfrentar a escola dos ouvintes, na língua dos ouvintes, nem a

família e a escola estão preparadas para dar aos Surdos as condições de igualdade que dão aos ouvintes. A inclusão, tantas vezes legislada e proclamada, muitas vezes não existe na prática, na realidade das nossas famílias e das nossas escolas.

### **23. Escolas de Referência para alunos Surdos**

#### **Que aspetos positivos existem nas Escolas de Referência para Alunos Surdos?**

Das 25 respostas à pergunta acima formulada, esta merece especial destaque. De facto, como já referido anteriormente, não pode haver ensino bilingue sem professores bilingues, nem pode haver igualdade de oportunidades enquanto os Surdos não forem educados na sua língua.

A maioria das respostas põe a tónica no ensino da LGP, no intérprete de LGP, na existência de professores de LGP, no ensino bilingue, e na comunidade de Surdos comunicando em LGP, convívio em LGP. A boa escola de Surdos é a que comunica em LGP e tem a LGP como língua de ensino.

Muitos alunos ainda não têm acesso às escolas de referência e muitas escolas de referência ainda não reúnem estes requisitos. Daí a descrença e a desconfiança de muitos inquiridos em relação a estas escolas:

- “Apenas a acessibilidade linguística: LGP”;
- “Não posso comentar nada de específico porque não andei numa escola de referência para surdos”;
- “Aspetos positivos, a minha opinião, não tem”;
- “Não existem muitos”;
- “Não sei”;
- “Alguns tem aspetos positivos e outras não...”;
- “Não frequentei mas creio mesmo que há muita coisa a modificar...”;
- “não fui esse mas o meu tempo era antigo que não tem interpretes e nem LGP e nem Bilingue...”.

Como pode ver-se, existem muitas reservas e muitas desconfianças em relação às escolas de referência. Mas há também Surdos que não aceitam o

modelo bilingue como modelo único, com a LGP como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua. Ainda há quem defenda o modelo oralista:

“Não posso responder a isso, estive integrada numa Escola Normal, sem referência para alunos surdos... (deviam colocar outras opções que não só meramente a LGP, mas sim a Oralidade como primeira língua do Aluno surdo”.

#### **24. Concorda com o modelo bilingue, ou seja, Língua Gestual Portuguesa como 1ª língua e Língua Portuguesa escrita, e se possível oral, como 2ª língua?**

Das 27 respostas a esta questão, 20 exprimem o “sim”, “concordo”, “completamente”. O modelo bilingue conquistou a grande maioria dos estudantes informados. Mas subsistem ainda dúvidas e reservas, como pode ver-se nos depoimentos seguintes:

- “Gostaria de ver os resultados estatísticos desse método. Com base nesses resultados, poderei comentar algo. Aprender primeiro português escrito não comprometeu o meu nível de lgp de momento. Por isso não tenho opinião certa, porque nenhum aluno é igual. Todos são diferentes”.
- “Não e todo mas dependente do surdo”;
- “Não sei”;
- “No meu caso, eu aprendi a falar oralmente em primeiro lugar e depois em LGP, concordo, desde que o português não vá enfraquecer-se. Porque a LGP tem glosa e no início eu ficava baralhada porque é diferente, mas não queria falhar o português, então comecei a falar e a gestualizar ao mesmo tempo e tem sido bom até agora”;
- “Depende, honestamente acredito que a língua portuguesa/oral seria a boa escolha como a primeira língua, porque mais tarde aprende a língua gestual e fica mais fácil, pois a língua portuguesa escrita ou oral deve-se resolver o mais cedo possível para no futuro não ter maior dificuldade em perceber, ler a escrita, escrever, etc....”;

- “Discordo, liberdade de escolha na hora de determinar uma língua a cada criança surda no seio familiar, não se impõe, escolhe-se qual o melhor caminho a dotar”.

Estas respostas exprimem dúvidas e convicções que remetem para o tempo e as circunstâncias relacionadas com as experiências de aprendizagem anteriores à LGP ou em situações diferenciadas de níveis de audição e de surdez, o que não está explícito em cada resposta.

O último depoimento aponta a liberdade de escolha dos pais, alegando que a língua não se impõe, escolhe-se. A verdade é que há imposições necessárias. Ninguém deixa aos pais a liberdade de escolher se os filhos devem ou não frequentar a escola, que é obrigatória, hoje, em todo o mundo civilizado. Esta é a forma de garantir um direito da criança, como a LGP constitui um direito da criança Surda profunda congénita de ter uma língua acessível de forma natural e espontânea.

Para muitas crianças Surdas, a LGP é a única acessível em tempo útil, a condição para um acesso mais rápido à linguagem e por isso também um acesso mais eficaz à Língua Portuguesa.

## **25. Considera as estratégias utilizadas nas escolas as mais adequadas para o ensino dos Surdos? (23 respostas)**

Em 23 respostas, apenas 7 são claramente afirmativas na aprovação das estratégias de ensino de alunos Surdos.

Vários alunos respondem claramente “não” (1), “não sei” (3), “não respondo” (1), “N/D” (1), outros respondem de forma ambígua, do tipo “Depende” (1), “Algumas” (1), “Sim e não” (1).

Alguns respondentes apresentam as suas dúvidas ou as razões da sua rejeição:

- “... acho que a forma como não exigem desde as primeiras aulas o conhecimento adquirido de cada disciplina, igualando o sistema de ensino normal, prejudica o desenvolvimento do aluno”;

- “As estratégias que é não deviam dar "sopas" aos alunos surdos a passar o ano facilmente porque os professores olham para eles como se fossem coitados. E aprender mais português escrita”;
- “Algumas estratégias utilizadas por parte de professores de ensino especial não considero fiável para o ensino dos Surdos”;
- “... deveria seguir-se, adequadamente, o Programa Curricular devidamente atualizado para responder as necessidades dos alunos surdos”;
- “Precisa de mais colaboração entre os docentes das disciplinas normais e docentes de LGP para ultrapassar as dificuldades de ensino”;
- “Acho que os alunos a partir do 5º ano deveriam ser mais autónomos e não tão dependentes dos intérpretes”;
- “Sim e não. Devem parar de dar matérias fáceis, podiam dar matérias iguais a ouvinte mas adaptadas (e não mais fácil)”.

Mais uma vez estamos perante uma grande diversidade de pontos de vista, de dúvidas e de rejeição de práticas na educação dos Surdos. O ensino dos Surdos está longe de estar estabilizado e a informação sobre as boas práticas não é consensual. Os preconceitos sobre os Surdos e a surdez são ainda muito frequentes mesmo entre pais e professores, o que dificulta a generalização de uma cultura de escola que responda aos dados da investigação científica.

## 26. Surdos profundos congênitos

Acha que o Surdo profundo congênito tem condições para adquirir a língua falada?

(27 respostas)

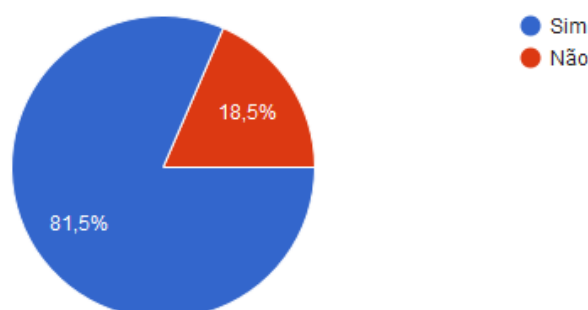


Figura 12 – Aquisição da língua falada

### Se a resposta for não. Justifique. (6 respostas)

1. “Depende de quem aprende o mais cedo na terapia de fala, assim pode conseguir. Depende quem tenha vontade de aprender”;
2. “Nao ouve nada, e nao consegue a comunicar com as pessoas ouvintes”;
3. “Porque dificuldade ouvir.. nem pode falar.. tem voz surdo”;
4. “Não posso responder que desconheço os factos de que existe ou não possibilidade de ter sucesso na língua falada. Mas não é um obstáculo, pois, qualquer pessoa surda pode, se entender, aprender esta língua falada, de acordo com a sua vontade livre e soberana”;
5. “Respondi não, porque na maioria das vezes torna-se impossível, mas depende do Surdo, do acompanhamento que lhe for feito e do seu empenho. Penso que deveria investir nesta questão a opção "depende"”;
6. “Desperdício de tempo mas chegar a falar vai conseguir”.

A figura 12 parece exprimir algum otimismo por parte dos Surdos ou algum predomínio de surdez adquirida pós-linguística. As reservas que encontramos nas 6 justificações acima transcritas parecem traduzir a voz do bom senso e da experiência. A última justificação encerra uma grande lição: “Vai conseguir falar, mas que desperdício de tempo”. Falamos da “fala” e não

da “escrita”, que é visual e perfeitamente acessível ao Surdo profundo escolarizado.

## 27. Bilinguismo

O facto de ser bilingue ajuda a superar as dificuldades? (28 respostas)

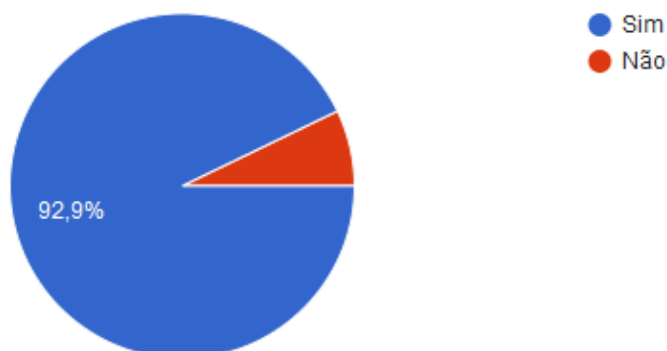


Figura 13 – Bilinguismo supera as dificuldades?

O modelo de educação bilingue para os alunos Surdos tem dois pressupostos: a aceitação da LGP como língua natural dos Surdos portugueses, logo como primeira língua, a única acessível nos primeiros anos de vida; o reconhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua, a língua de comunicação com a comunidade ouvinte e a língua de acesso ao conhecimento e cultura universal, na sua forma escrita.

A figura 13 mostra que os Surdos têm clara esta perceção e que a aceitam na sua grande maioria.

## 28. Em que tipos de escolas deviam ser integradas os alunos Surdos?

Entre as 25 respostas, 12 são claramente a favor das escolas de referência (EREBAS). Três respondentes defendem as escolas regulares, com apoio de NEE, dois defendem “todas as escolas” ou “qualquer escola”, dois não sabem, outros têm dificuldade em fazer uma opção clara:

- “Dependendo sempre da escolha do aluno surdo. Isso é-lhe permitido (escolher)?”;
- “Depende de estratégia definida”;

- “Depende da capacidade do aluno, pois há alunos implantados que podem frequentar escolas regulares, e há alunos que precisam de todos os apoios da escola de referência”.

A opção pelo modelo de escola vai muito ao encontro da figura 13 e da opção pelo modelo da educação bilingue. Mas depende também da cultura de escola dos respondentes, que muitas vezes corresponde ao período anterior à emergência das línguas gestuais e à afirmação da LGP como língua oficial da comunidade Surda.

## 29. Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS)

As Escolas de Referência respondem às necessidades e características dos Surdos?

(28 respostas)

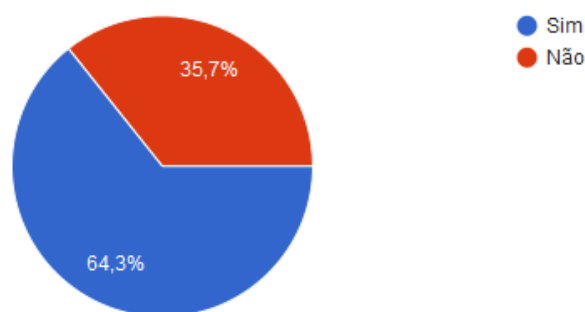


Figura 14 – Eficácia das EREBAS

### Se a resposta for não. Justifique em que falham. (11 respostas)

1. “Falham muito na prática e execução de estratégias/ metodologia pedagógica”;
2. “Ninguém conseguiu ser bom bilingue. Existem sempre falhas...”;
3. “Sistema de educação é pobre para dar "sopas" aos alunos surdos. Deviam ser mais exigentes para aos alunos surdos”;
4. “Pois por vezes não integrem na comunidade "normal"”;
5. “Governo não tem dinheiro, e não quer”;
6. “Muitas falhas. que falta material... falta LGP...”;

7. “Há muita coisa a rever e a melhorar”;
8. “A resposta é sim e não. Depende de estratégia definida para os alunos surdos que podem e recebem a educação de qualidade e de excelência para preservar identidade histórica pertencente da Comunidade Surda e de recursos humanos e materiais adequados, independentemente de tipo de escolas, desde que hajam esta estratégia devidamente esclarecida”;
9. “Apesar de ter respondido sim, considero fundamental a aplicação da escrita da língua gestual”;
10. “Resposta tardia às necessidades básicas: falta de técnicos, terapeutas e professores especializados durante o início do ano letivo. Perde-se a habilidade de adquirir conhecimento por ausência de meios adequados ao desenvolvimento estudantil da criança surda”;
11. “Nem todas as escolas respondem as necessidades e características dos alunos surdos”.

A leitura da figura 14 e das 11 respostas relativas à capacidade das EREBAS para responder às necessidades dos alunos Surdos mostra claramente que não basta fazer a lei, por melhor que ela seja, o que não é o caso, mas é preciso também cumpri-la, pô-la em prática. Sem professores de LGP, substituídos por “técnicos” provisórios colocados tardiamente, sem professores bilíngues, sem cobertura nacional do ensino de Surdos, deixando muitos fora das EREBAS, não é possível ter uma educação de qualidade para alunos Surdos. Não basta falar de inclusão, é preciso praticá-la. A verdade é que muitos alunos Surdos continuam a ser discriminados por serem Surdos, como mostra a figura 15.

### 30. Discriminação na escola dos ouvintes

Já foi discriminado no seu percurso escolar por professores e colegas por ser Surdo?

(28 respostas)

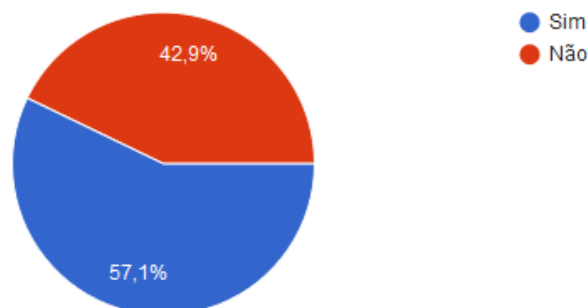


Figura 15 – Discriminação no percurso escolar

A figura 15 mostra que 57,1% dos inquiridos já se sentiram discriminados por serem Surdos, sendo que 42,9% não sofreram essa discriminação. O tipo de comunicação que os respondentes Surdos utilizam na sua comunicação com a comunidade ouvinte, vem ao encontro deste sentimento de discriminação. De facto, os Surdos desta amostra comunicam com a comunidade ouvinte, na sua grande maioria, na língua portuguesa falada (67,9%), enquanto 21,4% utilizam a língua portuguesa escrita. A figura 16 mostra que apenas 10,7% comunicam com os ouvintes através da LGP ou da mímica.

Muitos professores e colegas ouvintes discriminam os alunos Surdos e em geral ignoram e rejeitam a sua língua. São raros os professores bilingues e mais raros ainda os alunos bilingues. Raras também são as escolas que oferecem a LGP aos alunos ouvintes como forma de aproximação com os Surdos. A figura 16 fala por si. A língua natural dos Surdos continua em grande parte ignorada pela escola e pelos professores.

Que tipo de comunicação utiliza com a comunidade ouvinte? (28 respostas)

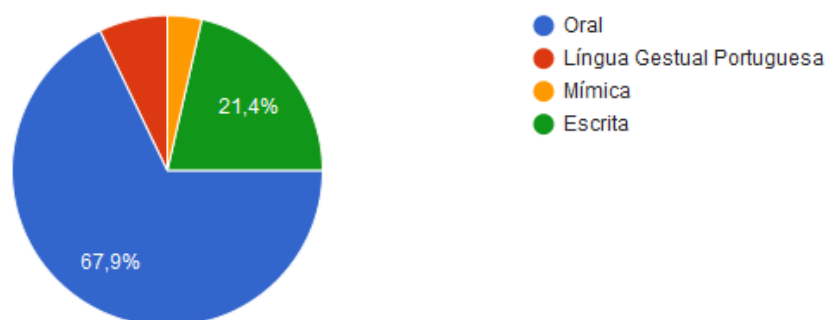


Figura 16 – Comunicação com a comunidade ouvinte

### 31. Projeto de Vida

**Qual era o seu sonho que tinha para o futuro? Conseguiu concretizá-lo? (28 respostas)**

Alguns inquiridos respondem simplesmente “Sim” ou “Não”, sem explicitar o sonho das suas vidas, quer se tenha cumprido ou não, ou estando em vias de se alcançar.

Outros enunciam objetivos vagos ou meramente académicos, cumpridos ou por cumprir:

- “É ter uma licenciatura, ter um bom futuro. E estou a conseguir atingir os meus objetivos”;
- “Consegui chegar aqui em concretizar vários sonhos”;
- “Ser feliz”;
- “Sim, mas no futuro existirão mais sonhos a concretizar-se”;
- “Não sei, só é muito importante trabalhar, e vida”;
- “Sim. Mas agora não consegui e decidi escolher outro”;
- “Aos 64 anos ainda continuo a sonhar... todos os sonhos que tive consegui realizar... o sonho comanda a vida...”;
- “Citando minha frase preferida "Não se vence na vida sem lutas". Os objetivos ainda estão abertos para atingir cada passo”;

- “Tenho muitos sonhos para realizar, mas sim consegui um dos objetivos, tenho muito que aprender”;
- “Futuro será difícil e teremos de continuar a lutar...”;
- “Se a principal barreira era comunicação, logo envolve também no mercado de trabalho, isso é, ainda não consegui concretizar o meu sonho”.

Um respondente apresenta todo um quadro de vida ligado ao ensino, à LGP e à educação especial:

“Ser Docente de Língua Gestual Portuguesa, Tirar Mestrado de Ensino dos Surdos, de alguma forma gostaria de estar colocado (está difícil hoje em dia) em alguma Escola com o Ensino dos Surdos, Mudar em alguns aspetos no ensino especial e o programa curricular da Língua Gestual Portuguesa e Conseguir mudar aspetos negativos na vida quotidiana do Surdo como exemplo: barreiras de comunicação nos serviços públicos”.

Os sonhos explícitos, traduzidos em profissões concretas, apresentam-se no quadro 10:

Quadro 10 - Sonhos explícitos

Bancário	1
Professor	2
Docente de LGP	1
Jogador de futebol	1
Designer	1
Informático	1
Informático (criar um software educativo que permita efetuar registos escritos em SignWriting)	1
Arquiteto	1
Veterinário	2
Teatro	1
Cineasta	1

## 32. Tecnologias de Apoio

### Utilizou tecnologias de apoio? Quais?

Transcrevem-se as respostas dos 26 inquiridos:

1. Aparelhos auditivos
2. Aparelhos auditivos

3. Aparelhos auditivos
4. Aparelho auditivo
5. Aparelho auditivo
6. Aparelhos auditivos.
7. Aparelhos auditivos.
8. Um implante Coclear e uma Prótese auditiva
9. Leitura labial
10. Aparelhos auditivos
11. Aparelhos
12. Implante coclear
13. Sim aparelhos auditivos digitais
14. Só e melhor aparelhos auditivos
15. Nada
16. Sim, os dois, mas agora já não os uso.
17. Não
18. Aparelho auditivo e implante coclear
19. Aparelhos auditivos
20. Sim. Aparelhos auditivos.
21. Aparelhos auditivos até aos 18 anos
22. Aparelho Auditivo e Implante Coclear
23. Aparelho auditivo
24. Aparelhos auditivos
25. Aparelhos auditivos e Implante Coclear.
26. Usava aparelhos auditivos

Dos 26 respondentes, 22 declaram ter usado aparelhos auditivos. Um fez implante coclear e 4 usaram aparelhos e também fizeram implante. Duas notas merecem destaque:

- Implantes cocleares e sobretudo aparelhos auditivos foram quase uma passagem obrigatória para os Surdos. Apenas 3 não recorreram a estes artefactos, um deles referindo que “utilizou” leitura labial;
- Muitos afirmam que já não usam ou que usaram até à data X, o que pode significar que a LGP pode dispensar aparelhos e implantes.

O quadro 11 permite captar melhor esta dimensão.

### 33. Com que idade começou a utilizar tecnologias de apoio?

Quadro 11 – Idade do uso de tecnologias de apoio

Idade em anos	Nº de utilizadores
1,5	1
2	4
3	9
4	3
5	1
6	1
7	3
9	1
10	1
15	1
23	1
Desde cedo	1

Os respondentes (24) nem sempre associam o tipo de tecnologia à idade do início da sua utilização.

Quando o fazem apresentam datas diferentes:

- “Com o Implante comecei aos 3 anos e a Prótese comecei aos 15 anos”;
- “Aparelhos auditivos aos 3 e depois aos 10 anos o implante coclear”;
- “Aparelhos desde os 18 meses de idade, Implante Coclear aos 23 anos!”
- “3 nos aparelhos e 9 no implante”.

Há respondentes que indicam o período de uso sem explicitar o tipo de tecnologia: “5 até 14”, “4 até 6 anos”.

Apenas um inquirido refere um implante tardio: 23 anos.

### 34. Utilidade das tecnologias de apoio

Acha que foram úteis? (25 respostas)

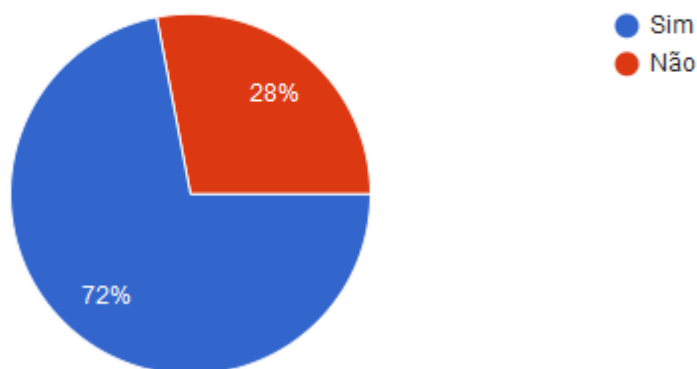


Figura 17 – Utilidade das tecnologias de apoio

A figura 17 dá larga vantagem aos utilizadores que consideram úteis as tecnologias de apoio.

### 35. Ensino Superior

Habilitações académicas (25 respostas)

Quadro 12 – Habilitações académicas

Doutoramento	2 (1 a finalizar)
Mestrado	1 (fim da dissertação)
Licenciatura	18
3º ano da licenciatura	1
12º ano do secundário	2
Controle das emoções e Busca pelo aperfeiçoamento	1

O quadro 12 mostra que a grande maioria dos inquiridos são licenciados, um é doutorado e outro está a finalizar o doutoramento, um está a finalizar a dissertação de mestrado, um frequenta o 3º ano da licenciatura e dois têm apenas o 12º ano do ensino secundário.

A última resposta – “Controle das emoções e Busca pelo aperfeiçoamento” – poderá referir-se ao título da dissertação de mestrado.

### 36. Curso que frequentou no Ensino Superior

Quadro 13 – Cursos de Ensino Superior

Lic. em Ensino da LGP	14
Lic. em Psicologia	2
Lic. em Informática de Gestão	1
Lic. Ciências de Educação	1
Lic. Ciências de Engenharia	1
Lic. Gestão e Administ. Hoteleira	1
Lic. Direito	1
Lic. Design de Comunicação	1
Lic. Educação Social	1
Lic. Multimédia	1
ESE de Coimbra	2 (Ensino LGP)

A maioria dos 26 respondentes frequentou ou frequenta a licenciatura em ensino da LGP, 16 no total, incluindo os dois da ESE de Coimbra.

Um dos inquiridos concluiu três cursos de licenciatura: “Ciências de Engenharia, Língua Gestual Portuguesa e Ciências de Educação”.

Dois inquiridos respondem “não” e “não respondo”, acrescentando este último que não frequentou o curso de LGP.

Nunca é demais recordar que os Surdos foram excluídos da escola pública até há pouco tempo e antes das LG's raramente iam além do ensino primário. Esta amostra comprova que a história dos Surdos está a mudar.

### 37. Impreparação dos professores de Surdos

Questionados sobre a preparação dos professores para trabalhar com alunos Surdos, a resposta dos inquiridos representada na figura 18, a seguir, é bem clara: apenas 22,2% ficou com uma ideia favorável dos professores, 37% condescendem com um “mais ou menos” e a maioria tem uma imagem francamente desfavorável. Este quadro reflete bem o que foi a história da educação dos Surdos e da sua integração nas escolas regulares, nas UAEAS e nas EREBAS. A boa doutrina nasceu, mas não foram criadas condições, nomeadamente na formação de professores. Alguns excelentes profissionais da educação dos Surdos não são suficientes para encobrir a falta de preparação da

maioria dos professores que trabalham nesta área sem formação, sem experiência e sem integração nas escolas. O quadro seguinte é um bom espelho da realidade.

### Os seus professores estavam preparados para ensinar alunos Surdos?

(27 respostas)

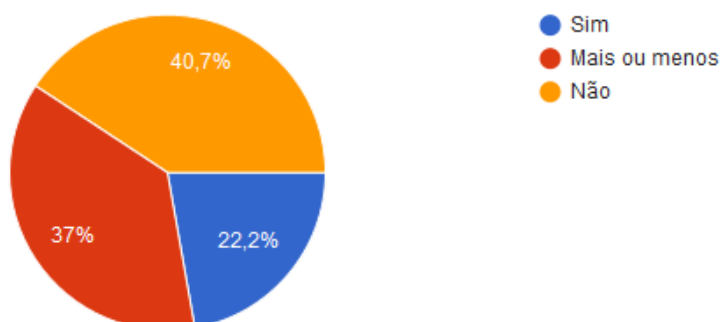


Figura 18 – Preparação dos professores

### 38. O papel do intérprete de LGP

#### Teve sempre acompanhamento de intérprete em todas as disciplinas?

(27 respostas)

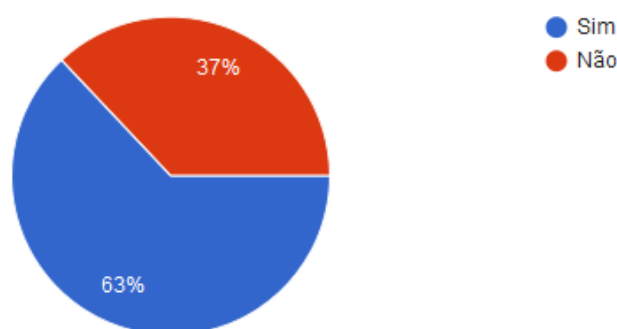


Figura 19 – Acompanhamento de intérprete nas várias disciplinas

A educação bilingue de alunos Surdos deveria supor que todos os docentes de Surdos fossem bilingues, comunicando ao mais alto nível na língua natural dos Surdos – a LGP – e também na Língua Portuguesa, a língua do país e da comunidade ouvinte. A realidade é bem diferente e os Surdos não têm nem professores bilingues nem ao menos intérpretes em número suficiente para cobrir as necessidades. Há EREBAS sem LGP por falta de docentes. E a generalidade das disciplinas são lecionadas na Língua Portuguesa, muitas

vezes sem intérprete. As respostas dos inquiridos são bem claras nesta matéria:

**Se a resposta for não. Justifique. (9 respostas)**

1. “A escola não tem essa acessibilidade”;
2. “Nunca tive intérprete”;
3. “O problema é intérprete que me dá resumo do que os professores falam uma frase enorme e intérprete só dá 4 gestos e já é suficiente”;
4. “Não havia intérpretes no meu tempo”;
5. “Em algumas cadeiras não tinha Interpretete de LGP”;
6. “Até à conclusão da primeira licenciatura a profissão de intérprete era inexistente. Na Pós-graduação, embora existissem intérpretes, eu não tive, pois nessa fase a universidade do Porto ainda não contratava intérpretes. A partida do mestrado e já no doutoramento, foi-me facultado intérpretes para todas as unidades curriculares”;
7. “Não precisei”;
8. “Tive algumas disciplinas que não tive intérprete por haver mais turmas com alunos surdos”;
9. “Estudei numa instituição privada, foi me negado a bolsa e teve que ser por minha conta”.

**39. A presença de intérprete é fundamental? Justifique.**

Em 25 respostas a esta questão, 21 são claramente sim, muitas vezes acrescentando um “claro”, “é fundamental”, “muito importante”, porque é a única forma de compreender o professor; ou ainda uma explicação mais longa: “Sim, é muito importante para que os Surdos percebam o que os professores explicam as matérias nas aulas, porque sem intérprete muitos estariam perdidos e a dificuldade aumentava”. Outro ainda é mais taxativo: “Sempre é em qualquer escola e qualquer ensino desde que esteja presente um aluno surdo mesmo com o implante”.

Alguns respondentes põem condições:

- “Se for profissional capaz e bem formado ética e profissionalmente, sim, é importante”;
- “Depende... cada caso é um caso”;
- “Depende de intérprete”.

Dois inquiridos respondem “não sei”, acrescentando um deles: “nunca experimentei. Mas penso que ajudaria, sim”. Trata-se porventura de um respondente anterior à LGP e aos intérpretes de LGP.

#### **40. Como comunicava com os seus colegas ouvintes em situação de trabalho de grupo?**

Em 25 respostas há uma grande diversidade na forma de comunicar, traduzindo situações e estádios diferenciados. Temos oralidade, LGP, mímica, escrita, intérpretes, por vezes simultâneas. Em 14 respostas predomina a LGP, em 11 respostas privilegia-se a oralidade, associada à escrita. Por vezes há recurso ao intérprete (2).

Duas respostas são particularmente significativas:

- “Eramos todos surdos”;
- “No meu curso superior não havia colegas ouvintes”.

A particularidade está em que neste caso não se refere o modo de comunicação, nem é necessário, está implícito, os Surdos entre si comunicam sempre em LGP ou por mímica.

Algumas respostas traduzem situações de maior complexidade comunicativa, numa espécie de “salve-se quem puder”:

- “De todas as formas possíveis”;
- “Oralmente e pedia lhes para falarem com calma”;
- “Acompanho com a intérprete de LGP e com os colegas ouvintes”;
- “Mímica, escrita e oral”.

#### **41. Como eram os seus métodos de estudo em casa? (24 respostas)**

1. Estudar, ler e decorar
2. Estudar, ler e decorar
3. Leitura
4. Leitura de livros, apontamentos e exercícios diários
5. Agarrar o livro e estudar.
6. Estudava diariamente
7. Não sei.
8. Comunicar com a Comunidade Surda, e comunicar com os colegas em LGP.
9. Através das tecnologias em casa (oovoo)...
10. Sempre a ler e pesquisar pela net.
11. Os que considere mais consentâneos
12. Não sei qual é o segredo de sucesso. Só esforço e persistência ajudam-me estudar de uma maneira faseada e organizada de acordo com as necessidades académicas.
13. Tenho sebtas e isso ajudam-me a resumir por palavras minhas.
14. N/D
15. Procurar mais materiais e esclarecer dúvidas na Internet e colaborar com colegas Surdos.
16. Sempre fui uma pessoa muito organizado, estudava muito, lendo livros, apontamentos...
17. Leitura, resumos esquemas, ver os Dvds
18. Estudar, nada de mais.
19. Leitura obrigatória da matéria dada.
20. Ler e escrever muitas vezes para decorar
21. Revia e reescrevia a matéria
22. Leio os textos e fazer os resumos.
23. Não estudava muito. Tenho boa capacidade, o que me ajuda um pouco.
24. Normal

Como se vê, os métodos de estudo e de trabalho seguidos no ensino superior não são significativamente diferentes dos do ensino secundário (Ver

o nº 22 das pp. 68-70: “Que tipo de estratégias de estudo teve para conseguir terminar o ensino secundário?”).

A mesma insistência no estudo, na leitura, nos livros, nos apontamentos, nos resumos: “Estudar, ler e decorar”, “Agarrar o livro e estudar”, “Sempre a ler e pesquisar pela net”, “Estudar, nada de mais”. Estes são apenas alguns exemplos, que se repetem nas 24 respostas.

As diferenças mais significativas, estão no maior nível de autonomia, que dispensa os apoios recorrentes do ensino secundário, e um maior recurso à net como fonte de informação e de pesquisa.

As respostas dos inquiridos são bem significativas.

#### **42. Alguma vez teve apoio/ajuda fora das aulas quer da parte de colegas ou familiares para superar as dificuldades? (26 respostas)**

As respostas a este item confirmam as conclusões do item anterior: “Não”, “Nenhuma”, “Nenhum”, “Nunca”, “Jamais”, repetem-se 15 vezes, seguidos de respostas como “pouquíssimas”, “Apenas a colaboração dos colegas”. Em relação ao ensino secundário, os inquiridos, agora no ensino superior, ganharam maior autonomia e dispensam mais as ajudas mesmo da família. Ganha espaço a colaboração com os colegas.

“Sim”, “Sempre” aparecem 9 vezes, ligando as ajudas sobretudo ao trabalho com os colegas e menos aos familiares, com apenas uma referência.

As “explicações (de portugueses)” aparecem apenas uma vez, assim como os intérpretes, também com uma única citação: “No doutoramento pude usufruir contei da parte tutorial de intérpretes”.

#### **43. Conseguiu terminar todas as disciplinas de cada semestre ou teve que deixar algumas para mais tarde?**

Em 26 respostas, 14 afirmam ter conseguido fazer com sucesso todas as disciplinas de cada semestre sem atrasos; 12 confessam ter sofrido algumas reprovações ou ter deixado cadeiras para trás, embora a maioria tenha concluído com mais ou menos dificuldades.

Um respondente alega que perdeu algumas disciplinas devido à reestruturação curricular do processo de Bolonha, que obrigou a fazer uma série de novas disciplinas.

Outro alega que passou a ter sucesso a partir do momento em que pôde contar com as intérpretes.

De resto, temos os habituais problemas de sucesso/insucesso que não são diferentes dos ouvintes, sobretudo quando se trata de trabalhadores estudantes.

## Conclusões

Do cruzamento de dados dos capítulos 4 e 5 é possível tirar algumas conclusões sobre o pensar e o sentir dos Surdos relativamente à sua educação para o sucesso. Passaremos em revista, mais uma vez, as categorias de análise seguidas nesses dois capítulos, naquilo que se considere relevante para apoiar conclusões seguras e creíveis.

Sobre o fator **idade**, no quadro da dimensão temporal e cronológica da educação dos Surdos, diríamos que os Surdos que agora frequentam cursos superiores ou que os concluíram em tempos recentes, não são ainda em geral a nova geração de alunos que cresceram na sua língua natural. A língua de sinais surgiu com muito caminho andado, com os atrasos e perturbações da ausência da língua materna. Isso fica bem patente em Laborit e Matlin e mais recentemente em Maia e na amostra de Surdos que responderam ao inquérito por questionário.

Apesar de tudo, há um dado indesmentível: o número de alunos Surdos que agora chega ao ensino superior seria impensável com a geração de Laborit, deslumbrada quando descobriu que nos Estados Unidos já havia uma universidade para Surdos. A situação em Portugal não era diferente da que se verificava em França: eram raros os Surdos que iam além do ensino primário. Como eram raros os Surdos diagnosticados sem atrasos comprometedores.

Hoje temos Surdos em várias universidades e escolas superiores, com uma representação geográfica considerável, independentemente do sexo, do tipo e grau de surdez.

Em Portugal, o fator que mais contribuiu para este aumento dos alunos Surdos no ensino superior terá sido a emergência da **Língua Gestual Portuguesa**. Se é verdade que muitas crianças Surdas ainda estão privadas da sua língua natural, pelas razões já apontadas, é também verdade que a partir do reconhecimento oficial da LGP, em 1997, tem vindo a aumentar progressivamente o número de crianças que beneficiam da sua língua natural.

Quando o sistema nacional de intervenção precoce (SNIPI) e o pré-escolar para crianças Surdas tiverem cobertura nacional, sem deixar ninguém de

fora, por certo que o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos Surdos começará a aproximar-se dos ouvintes.

A grande maioria dos inquiridos aprendeu a LGP na **escola** ou no **colégio** e nas **associações de Surdos**. Mas os depoimentos dos Surdos mostram que a escola que temos está muito longe de corresponder às características e necessidades dos Surdos. Primeiro porque os próprios pais podem impedir os filhos de frequentar as escolas de Surdos, condenando-os a atrasos perfeitamente evitáveis. Depois porque o modelo de educação bilingue das EREBAS não é cumprido por várias razões: não tem cobertura nacional, não tem professores bilingues na grande maioria das disciplinas, não tem intérpretes em número suficiente, não tem professores de LGP, substituídos por “técnicos” provisórios colocados fora de prazo, não tem professores especialistas em número suficiente para promover uma “pedagogia da surdez”, assente na visão e no olhar. Há muitos professores incompetentes, não por culpa própria, mas porque o ME e as escolas não disponibilizam os meios para a sua formação especializada. A maioria dos Surdos descobre a LGP muito tarde, depois dos 7/8 anos, porque a escola não cumpre a sua dimensão inclusiva e não educa os Surdos de acordo com a sua capacidade sensorial. Os Surdos continuam em grande parte excluídos na sua própria família e na sua própria escola.

Esta situação elimina ou diminui a **comunicação gestual** das interações com a família, com a escola, com a sociedade. Como afirma Laborit, a proibição da língua de sinais e a imposição da língua falada afastam muitos alunos Surdos da escola ou limitam a sua permanência no sistema. Ela própria foi vítima dessa situação.

Os filhos de pais Surdos ou que têm familiares Surdos têm a vida mais facilitada. A comunicação entre Surdos é sempre mais fácil, mesmo quando recorrem apenas ao “sinal doméstico”. O problema está em que a grande maioria de Surdos têm pais ouvintes, muitas vezes incapazes de comunicar ou até de aceitar os filhos Surdos, como aconteceu com Marlee Matlin.

Esta incapacidade de muitas **famílias** para comunicar com os filhos Surdos, não impede que o ambiente e o afeto familiar sejam o espaço privilegiado de motivação e de acompanhamento por excelência. Quando os pais não

desistem dos próprios filhos e têm toda a disponibilidade afetiva para os motivar e para lhes dar confiança, o resultado é sempre mais favorável ao sucesso. O depoimento de Maia é exemplar. Mas são também significativos os testemunhos dos Surdos inquiridos, com um grande relevo para a importância do apoio familiar.

Sobre a **importância da LGP no sucesso escolar dos Surdos**, são ainda muito divididas as opiniões dos inquiridos, pela simples razão de que muitos ainda não tiveram acesso à sua língua natural em tempo útil. A verdade é que para muitos outros, a LGP foi a chave do sucesso. A investigação recente mostra que o aumento de Surdos no ensino superior é concomitante com a expansão da LGP e com o seu reconhecimento oficial na legislação portuguesa.

Daí a importância atribuída pelos inquiridos à **aprendizagem precoce da LGP**. Os Surdos da nossa amostra são maioritariamente defensores da LGP e favoráveis à sua aprendizagem precoce. Nas famílias de pais ouvintes, o serviço de intervenção precoce, para a faixa dos zero aos três anos, e o jardim de infância, a partir dos três anos, são determinantes para o sucesso dos Surdos.

A imagem do Surdo como deficiente e como atrasado mental não desapareceram totalmente. O preconceito tem vindo a reduzir-se, ao nível da família, da sociedade e mesmo da escola. A palavra **exclusão**, tantas vezes referida na legislação, com nuances de discriminação e de humilhação, não desapareceram totalmente. E serão mais difíceis de combater quando é a própria escola que discrimina, que reserva para os ouvintes benefícios que não dá aos Surdos. Os professores de LGP não têm direito a pertencer a um quadro docente definitivo e estável, mas os professores de Português, de Inglês, de todas as línguas do currículo, de todas as disciplinas, esses têm. Onde está a equidade?

Contudo, os avanços na legislação e a consagração da LGP já acessível a uma parte importante dos Surdos permitiu melhorar o **percurso escolar** dos Surdos. O que não impede que continuem a verificar-se atrasos significativos nesta amostra que agora chegou ao ensino superior. As novas gerações poderão encontrar esse percurso mais acessível se forem derrubadas as barreiras já identificadas.

Ao nível das **dificuldades** encontradas o grande relevo é dado ao facto de na escola bilingue os professores não serem bilingues e de essa falha não

ser compensada com **intérpretes** em número suficiente. O que o Surdo precisa é de ter acesso às matérias de ensino na sua língua e isso está muito longe de ser uma realidade.

A falta da língua gestual tem um impacto negativo na aprendizagem da **leitura e da escrita**, como bem salientou Laborit. A língua materna é a que permite concetualizar e compreender, dar nomes às pessoas, aos objetos e aos conceitos. Quando isso não foi consolidado na primeira língua, em tempo útil, a aprendizagem da segunda língua é sempre mais difícil. A leitura e a escrita, sendo atividades visuais, são perfeitamente acessíveis ao Surdo, salvo se não conhece os nomes e os conceitos na sua própria língua. Sem LGP esta aprendizagem torna-se muito mais difícil.

As **estratégias de ensino e de aprendizagem** reforçam a necessidade de incrementar a aprendizagem da leitura e da escrita, porquanto os alunos Surdos referem como atividades fundamentais o estudo, a leitura de livros, de jornais, a pesquisa na internet, os apontamentos dos colegas, tudo dirigido ao domínio avançado da leitura e da escrita. O propósito explicitado por Laborit – “ler muito, escrever muito” – tem aqui toda a oportunidade.

**O modelo de escola para alunos Surdos** na lógica dos decisores políticos ouvintes é um problema resolvido e traduz-se neste momento na educação bilingue em escolas de referência para alunos Surdos. A maioria dos inquiridos é favorável a este modelo, mas a verdade é que lhe apontam um grande número de deficiências que impedem a verdadeira inclusão e sobretudo o sucesso dos Surdos.

Depois de um longo período em que os Surdos foram impedidos de frequentar a escola pública, surgiram no país muitas escolas de educação especial para alunos Surdos, geralmente designados Institutos, primeiro concentrados em Lisboa e Porto, depois em vários distritos. Eram escolas só de Surdos, mas a língua de ensino era a Língua Portuguesa, com proibição da língua gestual. Sobretudo, eram de carácter assistencial, que a classe média sempre recusou.

Após a emergência e reconhecimento da LGP como língua oficial, integraram-se os surdos nas escolas de ouvintes (EREBAS), com o propósito de dar espaço à língua natural dos Surdos, mas a verdade é que são escolas de

ouvintes para ouvintes, que acolhem alunos Surdos com uma extrema carência de meios. Os alunos Surdos ficam sempre condicionados aos serviços para ouvintes, à língua dos ouvintes, aos professores de ouvintes.

Qual será afinal o melhor modelo de escola para Surdos? Qual a escola de Surdos que melhor cumpre a inclusão real, a escola de ouvintes, pensada e concebida de acordo com as características sensoriais dos ouvintes ou uma escola de Surdos, pensada e concebida para Surdos pelos Surdos, com todos os meios e requisitos indispensáveis à pessoa Surda, incluindo a LGP como língua de ensino e de aprendizagem?

Este debate tem sido frequente entre os ouvintes, mas nunca foi assumido como debate a promover entre os Surdos.



## Referências bibliográficas

Almeida, L. S., Soares A. P. & Ferreira, J. A. (1999). *Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do ensino superior: Construção/validação do questionário de vivências acadêmicas*. Braga: CEEP, Relatório de Investigação.

Almeida, D., Cabral, E., Filipe, I., Morgado, M. (2009). *Educação Bilingue de Alunos Surdos. Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: DGIDC.

Baptista, J. (2008). *Os surdos na escola. A exclusão pela inclusão*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Baptista, J. (2011) (Coord.); Santiago, A.; Almeida, D.; Antunes, P.; Gaspar, R.: *Programa de Português Língua Segunda para Alunos Surdos. Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Baptista, J. (2016), “A Pátria dos Surdos”. In *Cadernos da Saúde*. Lisboa: Instituto de Ciências da Saúde (no prelo).

Bisol, C.; Valentini, C.; Simioni, J.; e Zanchin, J. (2010), Estudantes Surdos no Ensino Superior: Reflexões sobre a Inclusão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p.147-172. São Paulo SP Brasil: Fundação Carlos Chagas.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Cechinel, L. (2005). *Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Superior: Um estudo do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio de acesso ao conhecimento científico*. Univali: Universidade do Vale do Itajaí.

Chamblee, C. (1998). Bringing Life To Reading And Writing For At-Risk College Students. *Journal Of Adolescent And Adult Literacy*, 41(7), 532-537.

Conselho Nacional de Educação. Recomendação n.º 1/2014 sobre Políticas Públicas de Educação Especial.

Daroque, S. (2011), *Alunos Surdos no Ensino Superior: uma discussão necessária*. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas.

*Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação – Na área das necessidades educativas especiais (1994)*.

[http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com\\_docstation/19/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/19/fl_9.pdf)

Diário da República. Lei n.º 1/97 1ª Série-A n.º 218, de 20/09/1997.

[http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item\\_id&value=275095](http://bdjur.almedina.net/item.php?field=item_id&value=275095)

Dorziat, A. “Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica”. In: SKLIAR, C. (Org.) (1999). *Atualidade da educação bilingue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, pp. 27-40.

Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Porto: Lusodidacta.

Foster, S.; Long, G.; Snell, K. “Inclusive instruction and learning for deaf students in postsecondary education”. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, Oxford, v.4, n.3, p.225-235, Summer, 1999.

Gurgel, T. (2010). *Práticas e Formação de Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais no Ensino Superior*. Piracicaba-SP: Universidade Metodista de Piracicaba.

Jordan, I. K. *Can Do Careers for Deaf People. Deaf people can do anything, except hear*. Disponível em:

<http://www.educ.kent.edu/fundedprojects/tspt/unitexam-ples/Can%2520Do%2520Careers-9-05-05.ppt>

Jorge, A. & Ferreira, J. (2007), “Transição de alunos surdos para o ensino superior”. In *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano 41-3, 2007, 335-357. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Laborit, E. (2000): *O Grito da Gaivota*. Biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês. Lisboa: Editora Caminho.

Lima, R. e Gonçalves, M. (Orgs) (2006). *Sujeitos, escola e representações*. Florianópolis: Insular.

Machado, P. (2008). *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: ED. Da UFSC.

Mantoan, M. T. (2003). *Inclusão Escolar. O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna.

Moresi, E. (2003). *Metodologia da Pesquisa*. Programa de Pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação da Universidade Católica: Brasília.

Pinheiro, M. R. (2003). *Uma época especial. Suporte social e vivências acadêmicas na transição e adaptação ao ensino superior*. Dissertação de Doutorado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Pires, E. (2008) “O sucesso escolar de alunos com surdez neurossensorial severo/profunda: A educação em tempos de inclusão/exclusão.” Mestrado em Educação na Universidade Católica de Goiás. Goiânia.

Sampaio, I. e Santos, A. (2002). “Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção”. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.7, n.1, p.31-38.

Saviani, D. (2001). *Escola e Democracia*. Campinas: Autores Associados.

Skliar, C. (1998). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.

Souza, R. (2012), Prefácio. In Coelho, O. & Klein, M. (Coord.) (2013), *Cartografias da Surdez. Comunidades, Línguas, Práticas e Pedagogia*. PORTO: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Col. Livpsic.

Spires, H.; Williams, J.; Jackson, A. & Huffman, L. (1998/1999). Leveling The Academic Playing Field Through Autobiographical Reading And Writing. *Journal Of Adolescent And Adult Literacy*. 42(4), 296-304.

Vasconcelos, N. *As Especificidades na Inclusão de Surdos Universitários*. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG).

[Http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/arquivo11.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/arquivo11.htm).

Recolhido em 15/02/2011 – Data da consulta (06/01/2015).

Virole, B. (2005). *Adolescence et surdit e*. Disponível em: <http://www.benoitvirole.com>. Acesso em: 16 janeiro 2006.



## Anexos

### I - Questionário aos Surdos

### II – Transcrição das respostas ao inquérito

#### ANEXO I

#### Questionário aos Surdos

<b>Caraterização dos inquiridos</b>	Idade Gênero Profissão Localidade
<b>1. SURDEZ</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tipo de surdez: Congénita ou Adquirida</li><li>• Grau de surdez</li><li>• Com que idade foi diagnosticada?</li><li>• Tem familiares surdos?</li><li>• Quem?</li></ul>
<b>2. LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Em que contexto aprendeu a LGP?</li><li>• Com que idade aprendeu LGP?</li><li>• A sua família comunica consigo em LGP?</li><li>• Que familiar comunica consigo em LGP?</li></ul>
<b>3. APOIO FAMILIAR</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• O que fez a sua família quando descobriu a surdez?</li><li>• Como foi a relação com os seus pais, durante o seu percurso escolar?</li></ul>
	<ul style="list-style-type: none"><li>• Que papel teve a LGP no seu sucesso escolar? Teria chegado onde chegou sem a Língua Gestual?</li><li>• Considera importante a aprendizagem precoce da Língua Gestual?</li><li>• Justifique a resposta anterior.</li><li>• Frequentou creche (0-3 anos).</li><li>• Frequentou Jardim de Infância (3-6 anos).</li><li>• Como se sentiu ao longo do percurso escolar?</li><li>• Com que idade iniciou o 1ºCiclo?</li></ul>

<p><b>4. PERCURSO ESCOLAR</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com que idade chegou ao Ensino Secundário?</li> <li>• Quais foram as suas principais dificuldades?</li> <li>• Tem dificuldades na escrita e na leitura?</li> <li>• Se a resposta for sim. Justifique como ultrapassou estas dificuldades.</li> <li>• Que tipo de estratégias de estudo teve para conseguir terminar o ensino secundário?</li> <li>• Que aspetos positivos existem nas Escolas de Referência para alunos Surdos?</li> <li>• Concorda com o modelo bilingue, ou seja, Língua Gestual Portuguesa como 1ª língua e Língua Portuguesa escrita, e se possível oral, como 2ª língua?</li> <li>• Considera as estratégias utilizadas nas escolas as mais adequadas para o ensino dos Surdos?</li> <li>• Acha que o Surdo profundo congénito tem condições para adquirir a língua falada?</li> <li>• Se a resposta for não. Justifique.</li> <li>• O facto de ser bilingue ajuda a superar as dificuldades?</li> <li>• Quais são os maiores obstáculos para os alunos Surdos?</li> <li>• Já foi discriminado no seu percurso escolar por professores e colegas por ser Surdo?</li> </ul>
<p><b>5. QUE MODELO DE ESCOLA PARA SURDOS?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em que tipo de escolas deviam ser integradas os alunos Surdos?</li> <li>• As Escolas de Referência respondem às necessidades e características dos Surdos?</li> <li>• Se a resposta for não. Justifique em que falham.</li> </ul>
<p><b>6. COMUNICAÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que tipo de comunicação utiliza com a comunidade surda?</li> <li>• Conseguir conviver com a comunidade ouvinte ou sente-se excluído?</li> </ul>
<p><b>7. PROJETO DE VIDA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual era o seu sonho que tinha para o futuro? Conseguiu concretizá-lo?</li> </ul>

<p><b>8. TECNOLOGIAS DE APOIO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilizou tecnologias de apoio? Quais?</li> <li>• Com que idade começou a utilizá-las?</li> <li>• Acha que foram úteis?</li> </ul>
<p><b>9. ENSINO SUPERIOR</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Habilitações académicas.</li> <li>• Curso que frequentou no Ensino Superior?</li> <li>• Como acompanhou as matérias ao longo das aulas no Ensino Superior?</li> <li>• Os seus professores estavam preparados para ensinar alunos Surdos?</li> <li>• Teve sempre acompanhamento de intérprete em todas as disciplinas?</li> <li>• Se a resposta for não. Justifique.</li> <li>• A presença de intérprete é fundamental? Justifique.</li> <li>• Como comunicava com os seus colegas ouvintes em situação de trabalho de grupo?</li> <li>• Como eram os seus métodos de estudo em casa?</li> <li>• Alguma vez teve apoio/ajuda fora das aulas, quer da parte de colegas ou familiares para superar as dificuldades?</li> <li>• Conseguiu terminar todas as disciplinas de cada semestre ou teve que deixar algumas para mais tarde?</li> </ul>

## ANEXO 2

### Transcrição das respostas ao inquérito

#### Idade (24 respostas)

1. 31
2. 31
3. 31
4. 31
5. 30
6. 30
7. 33
8. 33
9. 38
10. 38
11. 32
12. 32
13. 22
14. 42
15. 35
16. 25
17. 24
18. 48
19. 64
20. 45
21. 40
22. 29
23. 37
24. 28

#### Género (27 respostas)

1. Feminino
2. Feminino
3. Feminino
4. Feminino
5. Feminino

6. Masculino
7. Masculino
8. Masculino
9. Masculino
10. Masculino
11. Masculino
12. Feminino
13. Feminino
14. Masculino
15. Masculino
16. Feminino
17. Masculino
18. Feminino
19. Masculino
20. Feminino
21. Masculino
22. Feminino
23. Feminino
24. Feminino
25. Feminino
26. Masculino
27. Masculino

**Profissão (26 respostas)**

1. Docente de LGP
2. Docente de LGP
3. Docente de LGP
4. Desempregado
5. Desempregado
6. Estudante
7. Técnica de Backoffice Farmácia
8. Estudante - universitária
9. Docente
10. Colaboradora empresa
11. Assistência técnica
12. Design, Artista Plástica, Formador de LGP, e Animador

13. Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa
14. Professor de LGP e Empregado de Escritório
15. Gestor de atividades associativas e formativas
16. Jurista
17. estudante
18. desempregado
19. Professor de LGP
20. Funcionário do Continente
21. Designer Gráfica
22. Formadora LGP
23. Prof. de Língua Gestual Portuguesa
24. Educadora Social
25. Freelancer
26. Funcionário

**Localidade (26 respostas)**

1. Porto
2. Porto
3. Porto
4. Porto
5. Porto
6. Porto
7. Lisboa
8. Lisboa
9. Lisboa
10. Lisboa
11. Pombal
12. Lisboa
13. Lamego
14. Braga
15. Viseu
16. Coimbra
17. Leiria
18. Ponta Delgada - Ilha de S. Miguel - Açores
19. Vila Nova de Gaia e Águas Santas
20. Aveiro

21. Montijo
22. Póvoa de Varzim
23. Leiria
24. Seixal
25. Ermesinde
26. Funchal

**Tipo de Surdez (28 respostas)**

1. Congénita (De nascença)
2. Congénita (De nascença)
3. Congénita (De nascença)
4. Congénita (De nascença)
5. Congénita (De nascença)
6. Congénita (De nascença)
7. Congénita (De nascença)
8. Congénita (De nascença)
9. Congénita (De nascença)
10. Congénita (De nascença)
11. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
12. Congénita (De nascença)
13. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
14. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
15. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
16. Congénita (De nascença)
17. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
18. Congénita (De nascença)
19. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
20. Congénita (De nascença)
21. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
22. Congénita (De nascença)
23. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
24. Congénita (De nascença)
25. Congénita (De nascença)
26. Congénita (De nascença)
27. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)
28. Adquirida (Ficou Surdo mais tarde)

**Grau de Surdez (28 respostas)**

1. Surdez Profunda
2. Surdez Profunda
3. Surdez Profunda
4. Surdez Profunda
5. Surdez Profunda
6. Surdez Profunda
7. Surdez Severa
8. Surdez Profunda
9. Surdez Profunda
10. Surdez Profunda
11. Surdez Profunda
12. Surdez Profunda
13. Surdez Profunda
14. Surdez Profunda
15. Surdez Profunda
16. Surdez Profunda
17. Surdez Profunda
18. Surdez Profunda
19. Surdez Profunda
20. Surdez Profunda
21. Surdez Profunda
22. Surdez Profunda
23. Surdez Profunda
24. Surdez Severa
25. Surdez Profunda
26. Surdez Profunda
27. Surdez Profunda
28. Surdez Severa

**Com que idade foi diagnosticada? (26 respostas)**

1. 2 anos
2. 2 anos
3. 2 anos
4. 2 anos
5. 2 anos

6. 3
7. 3
8. 3
9. 2
10. 2
11. 3 anos
12. 7 meses
13. 3anos
14. 3 meses
15. entre os 3 a 4 anos de idade
16. 7 anos
17. aos 7 anos atropelado por um acidente
18. 13
19. +/- 1 ano
20. bebé... nasci...
21. 0
22. Aos seis meses
23. nao me recordo
24. 18 meses de idade
25. 1 ano
26. 2 a 3 meses

**Tem familiares Surdos? (28 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Não
4. Sim
5. Sim
6. Não
7. Sim
8. Não
9. Não
10. Não
11. Sim
12. Não
13. Não

14. Sim
15. Não
16. Não
17. Não
18. Sim
19. Sim
20. Não
21. Não
22. Não
23. Não
24. Sim
25. Não
26. Não
27. Não
28. Sim

**Quem? (12 respostas)**

1. Irmão/Irmã
2. Outro
3. Mãe
4. Pai
5. Irmão/Irmã
6. Outro
7. Outro
8. Outro
9. Irmão/Irmã
10. Irmão/Irmã
11. Irmão/Irmã
12. Outro

**Língua Gestual Portuguesa**

**Em que contexto aprendeu a LGP? (28 respostas)**

1. Escola
2. Escola
3. Escola

4. Escola
5. Escola
6. Escola
7. Escola
8. Escola
9. Escola
10. Amigos
11. Amigos
12. Amigos
13. Escola
14. Escola
15. Na escola
16. Na escola
17. Com amigos
18. Com a minha mãe
19. Em casa
20. Casa
21. Associação APS e escola
22. Escola Secundia
23. Licenciatura de LGP
24. Associação
25. Dentro do movimento associativo
26. Colégio (interno) tinha menos 1 ano
27. Associação de Surdos de Évora
28. Escola

**Com que idade aprendeu LGP? (28 respostas)**

1. 3 anos
2. 3 anos
3. Bebe
4. Bebe
5. 4 anos
6. 4 anos
7. 10
8. 10
9. 22

10. 22
11. 21
12. 19
13. 13 anos
14. 5
15. 18 anos
16. 19
17. 18
18. 14
19. a partir dos 15 anos
20. 8/9
21. 7
22. Colégio
23. aos 9 anos (libras) aos 16 (LGP)
24. 15 anos
25. 12 anos
26. 6 anos
27. 2 anos
28. 3

**A sua família comunica consigo em LGP? (28 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Não
4. Sim
5. Sim
6. Não
7. Não
8. Sim
9. Não
10. Não
11. Não
12. Não
13. Não
14. Não
15. Sim

16. Não
17. Não
18. Não
19. Não
20. Não
21. Sim
22. Não
23. Não
24. Não
25. Não
26. Não
27. Não
28. Não

**Que familiar comunica consigo em LGP? (16 respostas)**

1. Irmão/Irmã
2. Outro
3. Mãe
4. Pai
5. Outro
6. Irmão/Irmã
7. Irmão/Irmã
8. Outro
9. Outro
10. Outro
11. Irmão/Irmã
12. Irmão/Irmã
13. Irmão/Irmã
14. Irmão/Irmã
15. Outro
16. Pai

**O que fez a sua família quando descobriu a surdez? (28 respostas)**

1. Ajuda medica
2. Ajuda medica
3. Ajuda medica

4. Ajuda médica
5. Ajuda médica
6. Ajuda médica
7. Medico
8. Medico
9. Professores
10. A família é toda surda
11. Procurou a ajuda médica
12. pelos professores.
13. Procurou locais onde pudessem ser adaptados e adequados a minha surdez
14. Foi ao médico em Porto
15. A minha família procurou ajuda em vários especialistas médicos ligado à área da Surdez, e optaram por aparelhos auditivos e sempre actualizados. Ao logo dos anos tive terapia da fala até ao ensino básico.
16. procuro Escola Surdos
17. Contactou através de conhecidos para levar a associação de pais das crianças surdas na altura
18. Foi procurar se havia uma escola de referência
19. tenho um irmão mais velho é surdo e meus pais e medico já sabiam...
20. De imediato passei a frequentar sessões de terapia da fala. Devo lembrar que nessa altura não era permitida a LG.
21. Ajuda médica, terapia da fala, escolas e pais de crianças surdSempre as
22. foram lutar pelo futuro de filho surdo, para no futuro ter escola especializada, antigamente em leiria nao havia ainda associacao de surdo, nem escola especializado para surdos.
23. Na década 80 não havia informações, a minha família buscou a oralidade como primeira língua.
24. procurou uma escola onde tivesse apoio
25. Procurou ajuda médica, pediu informações no infantário onde eu frequentava e a mulher do dono do infantário trabalhava na escola de surdos.
26. médico
27. Ajuda médica e escola especial
28. Pai procura e buscar de informação

**Como foi a relação com os seus pais, durante o seu percurso escolar? (27 respostas)**

1. relação foi boa, apesar de não poderem ajudar nas tarefas escolares
2. Colocaram-me sempre numa escola normal
3. Os meus pais ajudaram-me sempre tudo! com os estudos, a motivação, sempre estimulou a minha autoconfiança e auto-estima.
4. Foi boa a comunicação.
5. Boa.
6. Ajudaram as tarefas
7. Motivaram-me para enfrentar o obstáculo que mostra que não sou coitado.
8. ajudavam em tudo e em relação à comunicação desde que descobriram tiveram sempre cuidados em relação à leitura labial
9. Na minha Família ajudaram-me.
10. De facto minha mãe como professora do ensino básico e secundária, teve algum conhecimento ligado ao ensino especial, e ajudou-me muito no meu percurso escolar, e estimulou de várias formas e perspectivas de igualdade e que conseguiria de alguma forma boas notas.
11. Não houve relação, não me deixou LGP
12. Sempre aprendi sozinho e tinha muita autonomia e as vezes eles ajudaram-me um pouco, mas não conhecem bem o que é ser surdo
13. Normalíssima
14. Foram decisivamente pro-ativos para incentivar e promover o mundo de conhecimento para acompanhar e ensinar diversos vocabulários, além de horário escolar, sobretudo, apoio familiar foi fundamental para meu percurso académico.
15. Boa, eles apoiaram-me e ainda apoiam-me, principalmente a mãe que esteve comigo a "ensinar"-me tudo o que ela sabia para que eu teria um bom futuro.
16. eu fiquei no colégio quase 12 anos e depois 1969 primeira vez contato meus pais e seguir todas verão (Jul a Set) viajei até Angola até 1975... não sei nada
17. Os meus pais ajudaram-me nos trabalhos escolares na altura do ensino Secundário. Antes disso, foi a minha avó que me dava apoio.
18. Motivaram-me de forma a conseguir sempre atingir patamares mais elevados. Para isso sempre colaboraram comigo nas mais variadas formas: sempre que tinha dúvida com uma palavra esclareciam-me de imediato, levando-me a melhorar muito o meu português.
19. Meus pais sempre me ajudaram, apoiaram e participaram, principalmente a minha mãe, com mímicas, escrita e leitura labial.

20. levou-me a escola de terapia da fala, comunicou comigo como normal mas diferente dos outros é claro.Nada alarmante.
21. Perfeitamente normal
22. a relação dos meus pais foi bom sempre me ajudaram nas tarefas escolares
23. nunca tive problemas ao longo do meu percurso escolar, sempre tive muita ajuda, apoios, interprete nas aulas.
24. Os meus pais não sabiam como comunicar comigo, e também preocupavam me muito comigo. Aos 4 anos, levaram me ao colégio araújo do porto, que são só para as pessoas surdas. Aprendi muito pouco de Língua Portuguesa, por isso tenho dificuldades de português. Nas tarefas, eu arrumava tal como, cozinha, limpar a sala de aula, etc. Quando passei para o 5º ano, fui a escola normal como ouvintes e tive aula de apoio (Português, Matemática, História, etc) e fazia os trabalhos de casa na biblioteca na escola com os meus colegas. Estudei até ao superior e tirei o curso de educação social. Na faculdade, estive sempre perdida da matéria pois foi sempre atrasada de uma aprendizagem porque a interprete de Língua Gestual Portuguesa só regressava em janeiro...Mas fiz esforçar me muito e até consegui fazer tudo.
25. Constante, sempre houve altos e baixos
26. Muito esforçar por estar longe do filho na escola

### **Percurso Escolar**

#### **Que papel teve a LGP no seu sucesso escolar? Teria chegado onde chegou sem a Língua Gestual? (24 respostas)**

1. Não tive LGP na escola
2. Nenhum. Lgp não interferiu no meu sucesso escolar
3. Aprendi a compreender as coisas inicialmente, depois tive terapia da fala e eu e a minha mãe fomos deixando a LGP e falar mais oralmente.
4. Aprendi entender conceitos abstratos em Lgp e consegui comparar e separar duas linguas: lgp e lp. Sem lgp, nao teria chegado como agora.
5. Muito importante. Sem lgp n teria chegado agora
6. Interessante
7. Sim
8. sim porque a minha primeira língua foi oral e não LGP
9. Coimbra

10. Nos primeiros anos depois de ficar surdo não tinha nenhuma LGP e só comunicava com os colegas na mimica e na oralidade pela minha escola era proibida de aprender a LGP. Mas tarde fui para outra escola e vi vários surdos a comunicar através a LGP e não conseguia aproximar deles e mais tarde aos 14 olhei para a minha identidade e percebi o que ser surdo e depois esforcei-me muito e aprendi rápido.
11. Foi indiferente
12. Definitivamente o bilinguismo (LGP e língua portuguesa) forma-se como essência do sucesso escolar. Ou seja, não imagino sem LGP para chegar onde se conhece as idiossincrasias culturais-linguísticas que permitiu-se um "voz gestual" para expressar e para comunicar.
13. A LGP teve um impacto positivo em mim, foi com ela que eu pude aprender imensa coisa valiosa, a cultura surda da qual me identifico
14. Sou CODA sou L1 também Lmaterna
15. Só tive acesso a LGP a partir do 12º ano. Se tivesse acesso a LGP ao longo do percurso escolar, teria chegado com maior sucesso, em relação aos conhecimentos gerais e informações.
16. Papel muito importante, contudo penso que chegaria onde cheguei mas implicando, quase de certeza, o dobro do tempo. Mas, considero também muito importante a presença de intérpretes de LGP.
17. Foi fundamental. Não conseguiria licenciar-me se não fosse a LGP
18. foi importante, na faculdade percebi melhor através de interprete , provavelmente sem interprete, teria muito mais dificuldade.
19. Sempre integrei com ouvintes, através da Oralidade...
20. No tempo em que estava a estudar não tinha intérprete, mas se tivesse podia até tirar melhor notas porque tive muitas dificuldades em compreender a aula devido a não perceber o que a professora dizia.
21. Acho que não. A língua gestual ajudou-me muito no meu percurso escolar. Sem a intérprete as aulas, não conseguiria acompanhar as aulas.
22. Sim. Eu tinha estudando na escola secundária e a interprete de LGP só acompanhava-me algumas disciplinas... Antigamente não havia intérprete de LGP e professores de LGP.
23. Teria chegado de qualquer forma, a LGP sempre é a minha língua, mesmo que eu não seja surdo.
24. Aprendi LGP na escola o que me ajudou a abrir muitas portas, mas teria chegado ainda abrir mais portas sem LGP e com Língua Portuguesa escrito.

**Considera importante a aprendizagem precoce da Língua Gestual? (28 respostas)**

1. Sim
2. Não
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Sim
7. Sim
8. Sim
9. Sim
10. Sim
11. Não
12. Sim
13. Sim
14. Sim
15. Sim
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Sim
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Sim
25. Sim
26. Sim
27. Sim
28. Sim

**Justifique a resposta anterior (21 respostas)**

1. Melhor aprendizagem de contextos, noções do dia a dia, comunicação principal
2. O esforço desde criança me levou aonde estou agora, igualando desta forma a minha escrita em Português com a maioria das pessoas ouvintes

3. Porque acho que é fundamental começar falar em LGP para aprender melhor as coisas ou seja compreender melhor
4. Compreender conceitos abstratos, conseguir comparar duas línguas: lp e lgp
5. Em toda circunstância alguma todos deveriam ter a Língua Gestual
6. Não ouviu nada mas não consegui converver as pessoas ouvintes que nao sabem LGP.
7. A aprendizagem da Língua Gestual é muito importante para vários problemas de barreiras de comunicação na sociedade actual, facilitaria a comunicação entre surdos e ouvintes, na educação do ensino especial seria o factor importante em todas a escolas do país. Dito isto de forma resumida, a Língua Gestual faz parte na comunidade Surda, é fundamental que Sociedade actual tenha barreiras comunicativas para todas as situações nos Serviços Públicos.
8. è sua primeira Língua
9. A criança surda é surda e não ouve. A LGP é uma língua visual que permite à criança surda ir desenvolvendo cognitivamente à imagem e uma criança ouvinte em relação à língua oral
10. De facto, a capacidade cognitiva e visual das crianças surdas ficaram "preparadas" para receber diversos vocabulários para expressar adequadamente de uma forma precoce, consoante níveis de capacidade visual e de modelo positivo e pró-ativo.
11. Porque se vamos aprender os conceitos, os nomes, então também vamos aprender a LGP e LP ao mesmo tempo, assim evoluiremos muito.
12. como outros desde nascença passa ter já a comunicação visual
13. É mais importante antes a pré escolar tem 6 meses, para poder aprender a comunicar desde cedo igual aos ouvintes.
14. A idade entre 12 meses a cerca de 4 anos é a fase mais importante para a aquisição da linguagem. Deve ser dada à criança Surda nessa idade, a oportunidade de contactar com a sua língua natural (LGP).
15. Quanto mais cedo maior será o acesso da criança à linguagem e comunicação
16. Sinceramente, depende das pessoas, para aqueles que tem mesmo dificuldade em falar, ouvir, é recomendado aprender cedo da lingua gestual.
17. Se necessário a criança a adquirir ou não a LGP ou Oralidade, varia de caso a caso, sabendo que nas famílias o contexto é muito peculiar...
18. quanto mais cedo, mais adquire a língua e o seu desenvolvimento.
19. Quanto mais cedo aprender a LG facilmente adquire a língua e desenvolve melhor.

20. Porque é importante de comunicar através da LGP como a 1ª Língua Materna.
21. Com LGP consegue desenvolver capacidades.

**Frequentou creche (0-3 anos) (28 respostas)**

1. Sim
2. Não
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Não
7. Não
8. Sim
9. Sim
10. Sim
11. Não
12. Não
13. Não
14. Não
15. Não
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Sim
20. Não
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Não
25. Não
26. Não
27. Sim
28. Sim

**Frequentou Jardim de infância (3-6 anos) (28 respostas)**

1. Sim
2. Sim

3. Não
4. Sim
5. Sim
6. Sim
7. Não
8. Sim
9. Sim
10. Sim
11. Não
12. Sim
13. Não
14. Não
15. Não
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Sim
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Não
25. Sim
26. Sim
27. Sim
28. Sim

**Como se sentiu ao longo do percurso escolar? (28 respostas)**

1. Feliz
2. Feliz
3. Feliz
4. Bem e feliz
5. Um pouco de tudo: apesar de algumas discriminações, nunca me deitou abaixo, sinto que fui feliz, não tenho nada a reclamar. Tive muitos amigos e continuei a vida sempre em frente!!

6. Já fui discriminada várias vezes, e ultrapassava assim que pude. Havia alturas que fui feliz.
7. Discriminada por usar a lgp pois naqueles tempos a lg era proibida.
8. Normal
9. Discriminado
10. Discriminado
11. Discriminação é óbvio. A sociedade que nos rodeia não sabe o que significa uma palavra "compreensão".
12. Por vezes de parte e outras em grupo!
13. Acho que é discriminado, e sofrimento.
14. de certeza forma fui feliz ao longo do percurso escolar, apesar de haver alguma parte de discriminação, mas nada me prejudicou, sempre tive mente positiva.
15. Sempre bem disposto, sempre tive uma boa relação com os professores k ajudaram muito e também bom relacionamento com os colegas.
16. Tive de me mostrar tremendamente mais empenhado e com espírito de sacrifício... ,mas consegui!
17. Sinceramente não me lembrava como foi neste percurso. Portanto sempre andei a brincar com outras colegas para tentar apanhar o ritmo com as colegas.
18. Feliz mas sabia que era diferente dos outros.
19. Ao longo da pré-escolar, não compreendia nada. Desde 1º ciclo a 3º ciclo, estava integrada com os ouvintes e surdos, e só me sentia bem com os colegas surdos, às vezes sentia-me feliz e outras vezes não. No ensino secundário, senti-me sozinha e não compreendia a conversa dos colegas ouvintes.
20. Alegria que qualquer criança sente quer seja Surda e ouvinte. Para mim, nessa fase não me apercebi que era diferente dos outros.
21. Feliz, sempre estive com colegas surdos
22. Nos recreios, fui bem recebido pelos colegas, era feliz, nas aulas tinha dificuldade em perceber o que a professora dizia, mas após explicar a matéria, essa professora vinha ter comigo explicar outra vez.
23. Perfeitamente integrada, como qualquer criança normo-ouvinte.
24. Dependia dos dias gozavam ou não queriam estar comigo porque não me percebiam
25. sempre fui bem recebida pelos colegas e professores.
26. Há duas coisas: feliz e infeliz
27. Senti-me sempre capaz e nunca desisti.
28. Feliz, gozar, apoiar

**Com que idade iniciou o 1º Ciclo? (26 respostas)**

1. 6
2. 6
3. 6
4. 6
5. 6
6. 6
7. 6
8. 6
9. 6 anos
10. 6 anos
11. 6 anos
12. 6 anos
13. 6 anos
14. 6 anos
15. 7
16. 7
17. 7
18. 7
19. 3 anos
20. 6/7 anos
21. 9 anos
22. 8 ou 9 anos
23. 7 anos
24. sete
25. 8 anos
26. +-4 anos

**Com que idade chegou ao Ensino Secundário? (27 respostas)**

1. 16
2. 16
3. 16
4. 16
5. 16
6. 15
7. 15

8. 15
9. 20
10. 20
11. 16 anos
12. 16 anos
13. 18 anos
14. 18 anos
15. 12
16. 6
17. 11 anos
18. 19 anos
19. 33 anos (noturno)
20. 17 anos
21. 13
22. 18 ou 19 anos
23. 15 anos
24. vinte
25. 15 anos
26. 9 anos
27. 18

**Quais foram as suas principais dificuldades (28 respostas)**

1. Falta de apoio/disponibilidade por parte dos professores
2. No primeiro ciclo, as dificuldades se baseava na disciplina de matemática e escrita de português. A partir do 2 ciclo a aprendizagem foi melhor, tendo sempre excelentes professores a incentivar
3. Tive algumas dificuldades em comunicação e falta de apoio dos professores.
4. Falta de apoio dos prof q n saibam a lgp
5. Falta de apoio de professores
6. Barreiras de comunicacao e falta acessibilidade
7. Falta de apoio
8. Barreiras de comunicação
9. Dificuldade de português.
10. tinha todo o apoio escolar e esforçava por mim mesmo
11. Na escola nao ha interprete de LGP.

12. Algumas dificuldades de comunicação, mas os professores sempre tiveram de parte atenção especial a mim, pois quando não percebia o professor repetia determinada matéria.
13. a comunicação na Sociedade
14. Nenhuma dificuldade, porque sempre já estava habituado e sempre esforcei-me de olhar pelos professores na oralidade e ajudaram e deram-me sempre materiais de apoio.
15. barreira da comunicação
16. As dificuldades foram, principalmente, adaptação do ambiente de aprendizagem nas escolas diferentes que fui "experimentar" a escola "normal" e a escola dos surdos.
17. Interpretação e novas palavras ricas.
18. não...
19. As principais dificuldades foram as barreiras de comunicação e falta de apoio.
20. Nas disciplinas teóricas, os professores falarem de costas para mim.
21. A comunicação, não havia interpretes, os professores não estavam preparados para receber alunos surdos
22. A maior dificuldade foi e sempre será a barreira de comunicação.
23. nenhuma
24. barreira de comunicação
25. muita matéria e com alguma dificuldade em entender
26. Barreiras de Comunicação
27. Barreiras de comunicação
28. Falta de apoio, barreiras de comunicação e falta mais esclarecido na aula

**Tem dificuldades na escrita e na leitura? (28 respostas)**

1. Não
2. Não
3. Não
4. Não
5. Não
6. Sim
7. Não
8. Não
9. Não
10. Não

11. Não
12. Não
13. Não
14. Não
15. Não
16. Não
17. Não
18. Não
19. Sim
20. Não
21. Sim
22. Não
23. Não
24. Sim
25. Não
26. Sim
27. Não
28. Não

**Se a resposta for sim. Justifique como ultrapassou estas dificuldades. (7 respostas)**

1. Sim foi bocado complicado os professores nao estava preparado pra dar aulas educação especial surdos 920
2. -
3. Com muito esforço e dedicação da minha parte e também da família ajudou de alguma forma, também algum apoio especial numa parte do meu percurso escolar
4. Por causa dos apoios e esforço.
5. Com muito exercício e insistência.
6. tive que trabalhar muito e pedia muita ajuda.
7. Porque no 1º ciclo, foi falha da educação depois passei muitas dificuldades de escrita de português e de leitura. E também como eu não ouço e não apanho todas as palavras. E não apenas por exemplo: "que", "de", "para", "por acaso" ou "verbos" ( passado, presente, futuro) não existe os gestos.

**Que tipo de estratégias de estudo teve para conseguir terminar o ensino secundário? (26 respostas)**

1. Estudo baseado em livros, materiais em que a língua portuguesa escrita estava presente
2. Estudar como deve ser, não chumbei nenhum ano no secundário
3. Tive que estudar quase o dobro que os alunos ouvintes, pedindo ajuda aos professores, para me orientarem.
4. Tinha que estudar muito mais do que colegas ouvintes.
5. Estudar muito mais que colegas ouvintes em casa
6. Com o apoio de aula de português muito vezes para conseguir terminar
7. Estudar
8. Ler livros, jornais e pedia toda ajuda possível
9. Não sei.
10. Tive apoios na Escola e fora as Explicações.
11. não me lembro
12. Trabalho como empregado de armazém e depois de 5 meses deixei e voltei a estudar um curso profissional para ser Formador de LGP
13. Esforço e dedicação...
14. Sem dúvida, foi através de apoio de professor de Educação Especial na altura para apoiar complementarmente as minhas necessidades.
15. Estudar muito para alcançar os objetivos e usar os médicos que me facilitam lembrar a matéria.
16. simples
17. Principalmente o apoio dos professores.
18. Como qualquer pessoa, estudando normalmente.
19. Tive que estudar muito, decorar muitas coisas e contar com o apoio da minha família e de colegas ouvintes
20. por exemplo, tive dificuldades em estudar de matemática, tive a explicação, e noutras disciplinas como era surdo e integrado numa turma de surdos, os professores explicavam as coisas mais claras, tinha percebido e estudava em casa.
21. Suporte literário, apontamentos de colegas e orientações no final de cada aula de forma a que pudesse melhorar ainda mais as minhas aptidões, sempre busquei ultrapassar as minhas limitações.
22. Tive que esforçar muito e estudar o dobro do que um ouvinte.
23. muitos apoios individuais com o professor de disciplina e também do ensino especial

24. Intérprete de LGP, Educação Especiais e Aula de apoio.
25. Projetor e intérprete
26. Estudar e reforçar, também trabalhar com colegas sobre matérias

**Que aspetos positivos existem nas Escolas de Referência para Alunos Surdos?  
(25 respostas)**

1. Apenas a acessibilidade linguística : LGP
2. Não posso comentar nada de específico porque não andei numa escola de referência para surdos.
3. Um dos aspectos positivos, é ter intérprete.
4. Tem apoios uteis para alunos surdos.
5. Ter apoios especializados
6. Ter bilingue e interprete de L.G.P. Se os professor de qualquer disciplina fosse bilingue seria perfeitos para os alunos surdos.
7. Aspectos positivos, a minha opinião, não tem.
8. Não existem muitos
9. Nao sei.
10. De alguma forma é de ter Ensino de Língua Gestual Portuguesa, também Apoio Individual, a inclusão dos surdos entre turmas dos ouvintes.
11. Alguns tem aspetos positivos e outras não...
12. Não frequentei mas creio mesmo que há muita coisa a modificar...
13. Não posso responder pois não fui aluno deste modelo de escola de referência. Sem embargo, a escola de referência tem vantagens, designadamente, a existência de professores de LGP e de interpretes de LGP, contrariamente de inexistente o meu percurso na altura.
14. O facto de termos intérprete, apoios especiais e estarmos rodeados dos amigos surdos é muito bom, não sentimos solitários.
15. nao fui esse mas o meu tempo era antigo que não tem interpretes e nem LGP e nem Bilingue...
16. Apoios individuais e intérpretes de LGP. Informações mais completas para os alunos.
17. Entre eles posso destacar a presença de: formadores de LGP, intérpretes de LGP, psicólogos, professores de ensino especial, auxiliares da ação educativa com conhecimentos de LGP e o convívio com surdos e ouvintes promovendo trocas culturais. O ensino bilíngue é essencial.
18. Aulas de LGP, Interpretes, professores de apoio

19. Boa, mas antigamente nao tinha interprete que era unica negativa.
20. Não posso responder a isso, estive integrada numa Escola Normal, sem referên-  
cia para alunos surdos.... (deviam colocar outras opções que não só meramente  
a LGP, mas sim a Oralidade como primeira língua do Aluno surdo.
21. A Língua Gestual e ter professores especializadas para alunos surdos
22. mais apoios, professores que sabem LGP, interpretes e prof de LGP
23. Aula de LGP.
24. Professores de LGP e Intérpretes de LGP
25. Convívio, mais apoio, intérpretes de LGP

**Concorda com o modelo bilingue, ou seja, Língua Gestual Portuguesa como 1<sup>a</sup>  
língua e Língua Portuguesa escrita, e se possível oral, como 2<sup>a</sup> língua? (27 res-  
postas)**

1. Sim.
2. Sim.
3. Sim.
4. Sim.
5. Sim
6. Sim
7. Sim
8. sim
9. sim
10. Concordo
11. Gostaria de ver os resultados estatísticos desse método. Com base nesses resul-  
tados, poderei comentar algo. Aprender primeiro português escrito não compro-  
meteu o meu nível de lgp de momento. Por isso não tenho opinião certa, porque  
nenhum aluno é igual. Todos são diferentes.
12. Sim, concordo.
13. Concordo.
14. concordo
15. Não e todo mas dependente do surdo.
16. Nao sei.
17. Concordo de alguma forma.
18. Sim
19. Isso não é bilinguismo, por isso sim e não
20. Completamente

21. No meu caso, eu aprendi a falar oralmente em primeiro lugar e depois em LGP, concordo, desde que o português não vá enfraquecer-se.. Porque a LGP tem glosa e no início eu ficava baralhada porque é diferente, mas não queria falhar o português, então comecei a falar e a gestualizar ao mesmo tempo e tem sido bom até agora.
22. sim, concordo mas crianças ouvintes também porque pais ou familiares surdos
23. Completamente.
24. Sim concordo
25. Depende, honestamente acredito que a lingua portuguesa/oral seria a boa escolha como a primeira lingua, porque mais tarde aprende a lingua gestual e fica mais facil, pois a lingua portuguesa escrita ou oral deve-se resolver o mais cedo possivel para no futuro nao ter maior dificuldade em perceber, ler a escrita, escrever, etc...
26. Discordo, liberdade de escolha na hora de determinar uma lingua a cada criança surda no seio familiar, não se impõe, escolhe-se qual o melhor caminho a dotar.
27. Sim concordo. Comunicação oral é indispensável para surdos comunicar a quem quiser.

**Considera as estratégias utilizadas nas escolas as mais adequadas para o ensino dos Surdos? (23 respostas)**

1. Sim.
2. Sim.
3. Sim.
4. Sim
5. Sim
6. Não
7. Não sei. Não experiência nesta área, mas acho que a forma como não exigem desde as primeiras aulas o conhecimento adquirido de cada disciplina, igualando o sistema de ensino normal, prejudica o desenvolvimento do aluno.
8. Mais ou menos.
9. Boas
10. Saber a LGP para todos os quem trabalham na escola para facilitar a comunicação com os surdos.
11. As estratégias que é não deviam dar "sopas" aos alunos surdos a passar o ano facilmente porque os professores olham para eles como se fossem coitados. E aprender mais português escrita.

12. Não sei.
13. Algumas estratégias utilizadas por parte de professores de ensino especial não considero fiável para o ensino dos Surdos.
14. não respondo
15. Depende...
16. Depende de nível diferenciado de percurso e aprendizagem de alunos surdos nas diferentes escolas. Mas desde que deveria seguir-se, adequadamente, o Programa Curricular devidamente atualizado para responder as necessidades dos alunos surdos.
17. N/D
18. Algumas. Precisa de mais colaboração entre os docentes das disciplinas normais e docentes de LGP para ultrapassar as dificuldades de ensino.
19. Acho que os alunos a partir do 5º ano deveriam ser mais autónomos e não tão dependentes dos intérpretes.
20. Discordo, podia ser melhorado e muito.
21. não sei
22. São Interprete de LGP, Professores de LGP e Professores Ouvintes fluentemente falada de LGP (Português, História, Matemática, etc)
23. Sim e não. Devem parar de dar matérias fáceis, podiam dar matérias iguais a ouvinte mas adaptadas (e não mais fácil).

**Acha que o Surdo profundo congénito tem condições para adquirir a língua falada? (27 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Sim
7. Sim
8. Não
9. Sim
10. Sim
11. Não
12. Sim
13. Não

14. Sim
15. Sim
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Não
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Sim
25. Sim
26. Não
27. Sim

**Se a resposta for não. Justifique. (6 respostas)**

1. Depende de quem aprende o mais cedo na terapia de fala, assim pode conseguir. Depende quem tenha vontade de aprender.
2. Não ouve nada, e não consegue a comunicar com as pessoas ouvintes.
3. Porque dificuldade ouvir.. nem pode falar.. tem voz surdo
4. Não posso responder que desconheço os factos de que existe ou não possibilidade de ter sucesso na língua falada. Mas não é um obstáculo, pois, qualquer pessoa surda pode, se entender, aprender esta língua falada, de acordo com a sua vontade livre e soberana.
5. Respondi não, porque na maioria das vezes torna-se impossível, mas depende do Surdo, do acompanhamento que lhe for feito e do seu empenho. Penso que deveria investir nesta questão a opção "depende".
6. Desperdício de tempo mas chegar a falar vai conseguir.

**O facto de ser bilingue ajuda a superar as dificuldades? (28 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Sim

7. Sim
8. Sim
9. Sim
10. Sim
11. Sim
12. Sim
13. Sim
14. Não
15. Sim
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Sim
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Não
25. Sim
26. Sim
27. Sim
28. Sim

**Quais são os maiores obstáculos para os alunos Surdos? (24 respostas)**

1. A própria comunicação
2. Comunicação, principalmente
3. Os maiores obstáculos são a comunicação, a compreensão dos professores sobre os alunos surdos, etc.
4. Compreender os conceitos e não conseguir produzir as frases em lp por escrito
5. Compreender as palavras, não conseguir expressar as frases e ter dificuldades em ler
6. Por reforços de alunos surdos.
7. Os maiores obstáculos e tirar "preguiças" dos alunos surdos e tem parar de fingir o papel de coitados.
8. Não aceitarem os apoios que podem oferecer durante o percurso escolar
9. Não sei.

10. Barreiras de comunicação, Dificuldades de Aprendizagem, Autonomia.
11. não respondo
12. Barreira da comunicação e fraco conhecimento da língua portuguesa
13. Decisivamente, a língua escrita foi um grande lapso e uma área crítica e crónica para resolver esta questão precisando encontrar umas soluções vitais para responder uma estratégia adequada e proporcional às circunstâncias concretas dos alunos surdos e ao grau de suas capacidades adaptadas.
14. Interpretação dos textos.
15. N/D
16. Falta de apoio e comunicação.
17. A barreira comunicativa e linguística.
18. A língua portuguesa
19. é tentar perceber o que os professores explicam nas aulas, fazer os trabalhos sem ajuda.
20. Significado de abstracção, subjectivos e gramática assim como verbos conotativos na primeira e terceira pessoa. Melhorar a escrita...
21. É o português escrito
22. Comunicação através oralidade e Escrita de Português.
23. Barreiras e falta de informação
24. Comunicação

**Em que tipos de escolas deviam ser integradas os alunos Surdos? (25 respostas)**

1. Escolas de referências mas com a prática ativa de estratégias bilingue
2. Na minha opinião, todas. Se uma cidade tiver alunos surdos, criam-se unidades de apoio, ao contrário do aluno se deslocar para uma escola longe da sua terra natal.
3. Deverá ser na escola de referência, mas os alunos deverão ser integrados na turma ouvinte, pois ajuda imenso a evoluir os seu português escrito e muito mais.
4. Escolas de referências
5. EREBAS
6. Escolas referências
7. Escolas de referência
8. Em qualquer escola pois o próprio professor tem de investigar e adaptar a todas as necessidades de que um aluno surdo tenha o maior sucesso
9. Não sei.
10. Escolas de Referências e Escolas regulares com apoio NEE

11. Escola Regular
12. Depende e penso que é melhor que seja nas escolas de referencias que tem mais apoios
13. Dependendo sempre da escolha do aluno surdo. Isso é-lhe permitido (escolher)?
14. Depende de estratégia definida
15. Escolas de Referências
16. N/D
17. Escolas de Referências.
18. Escolas de referências, de preferencia perto da sua residência.
19. Depende da capacidade do aluno, pois há alunos implantados que podem frequentar escolas regulares, e há alunos que precisam de todos os apoios da escola de referência.
20. Escolas de Referencias.
21. Escolas Regulares, Escolas regulares com apoio de NEE
22. escola de referência
23. Escolas de Referências
24. Uma qualquer que seja a mais adequada
25. Escolas regulares com apoio de NEE

**As Escolas de Referência respondem às necessidades e características dos Surdos? (28 respostas)**

1. Não
2. Sim
3. Sim
4. Não
5. Sim
6. Sim
7. Sim
8. Sim
9. Não
10. Não
11. Não
12. Sim
13. Não
14. Sim
15. Não

16. Não
17. Sim
18. Sim
19. Sim
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Não
24. Sim
25. Não
26. Sim
27. Sim
28. Sim

**Se a resposta for não. Justifique em que falham. (11 respostas)**

1. Falham muito na prática e execução de estratégias/ metodologia pedagógica
2. Ninguém conseguiu ser bom bilingue. Existem sempre falhas...
3. Sistema de educação é pobre para dar "sopas" aos alunos surdos. Deviam ser mais exigentes para aos alunos surdos.
4. Pois por vezes não integrem na comunidade "normal"
5. Governo não tem dinheiro, e não quer.
6. Muitas falhas. que falta material... falta LGP...
7. Há muita coisa a rever e a melhorar
8. A resposta é sim e não. Depende de estratégia definida para os alunos surdos que podem e recebem a educação de qualidade e de excelência para preservar sua identidade histórica pertencente da Comunidade Surda e de recursos humanos e materiais adequados, independentemente de tipo de escolas, desde que hajam esta estratégia devidamente esclarecida.
9. Apesar de ter respondido sim, considero fundamental a aplicação da escrita da língua gestual.
10. Resposta tardia às necessidades básicas: falta de técnicos, terapeutas e professores especializados durante o início do ano lectivo. Perde-se a habilidade de adquirir conhecimento por ausência de meios adequados ao desenvolvimento estudantil da criança surda.
11. Nem todas as escolas respondem as necessidades e características dos alunos surdos

**Já foi discriminado no seu percurso escolar por professores e colegas por ser Surdo? (28 respostas)**

1. Não
2. Sim
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Sim
7. Sim
8. Não
9. Sim
10. Sim
11. Sim
12. Sim
13. Não
14. Não
15. Não
16. Não
17. Não
18. Não
19. Sim
20. Não
21. Não
22. Não
23. Sim
24. Sim
25. Não
26. Sim
27. Sim
28. Sim

**Comunicação**

**Que tipo de comunicação utiliza com a comunidade ouvinte? (28 respostas)**

1. Oral
2. Oral

3. Oral
4. Escrita
5. Escrita
6. Escrita
7. Língua Gestual Portuguesa
8. Escrita
9. Oral
10. Oral
11. Oral
12. Oral
13. Oral
14. Oral
15. Oral
16. Mímica
17. Escrita
18. Oral
19. Oral
20. Oral
21. Escrita
22. Oral
23. Oral
24. Oral
25. Oral
26. Oral
27. Língua Gestual Portuguesa
28. Oral

**Consegue conviver com a comunidade ouvinte ou sente-se excluído? (25 respostas)**

1. Consigo conviver com a comunidade ouvinte
2. Sim. Em caso de sentimento de exclusão, identifico assim as pessoas boas
3. Depende como as pessoas são. Há alturas que me sinto excluída e outras sinto muito integrada.
4. Prefiro ser excluída mas consigo conviver c ouvintes.
5. Consigo conviver com ouvintes mas prefiro ser excluída
6. Consigo conviver com comunidade ouvinte

7. não há exclusão
8. So sempre sozinho.
9. Consigo conviver com a comunidade ouvinte , mas de alguma forma por vezes sinto excluído quando não perceber terminadas conversas e fico meio perdido.
10. sim, tenho os dois mundo,
11. Sinto me bem que comunico várias vezes com os ouvinte e sempre dou me bem com ele e eles nunca me descremam e compreendem se eu ser surdo.
12. Sinto-me bem. A minha comunidade é a comunidade onde vivo, a comunidade que me rodeia, seja a comunidade surda ou a ouvinte.
13. Normal
14. Sim, consigo, não é fácil quando eles falam rápido ou estamos no sítio barulhento.
15. Conseguir conviver
16. Raramente convivo com os ouvintes.
17. Meio termo.
18. Consigo, mas sinto que as vezes as pessoas têm pena e acham os surdos coitados.
19. comunidade não sei, diria mais com amigos e familiares conhecidos á muito tempo.
20. Sim consigo viver na comunidade, por sinal, que não é ouvinte, mas sim a minha verdadeira comunidade.
21. Sim consigo
22. Sim consigo conviver bem com a comunidade ouvinte embora prefira estar com a comunidade surda
23. Sim.
24. Só umas horas, o resto é para esquecer.
25. O preconceito ainda existe, e nenhum Surdo consegue conviver bem com ouvintes como com surdos.

### **Projeto de Vida**

#### **Qual era o seu sonho que tinha para o futuro? Conseguiu concretizá-lo? (28 respostas)**

1. Não consegui concretiza-lo
2. Ser bancária. Não, para obter a licenciatura de gestão bancária teria de frequentar uma escola privada e não tinha meios financeiros.

3. É ter uma licenciatura, ter um bom futuro. E estou a conseguir atingir os meus objectivos.
4. Sim
5. Consegui chegar aqui em concretizar varios sonhos.
6. Nao consegui concretizar meu sonhoerae auxiliar veterinária nas clinicas
7. Ser professor e nada
8. Ser feliz.
9. Ser jogador de futebol. Não porque há barreira por eu ser surdo
10. Sim mas não futuro existirão mais sonhos a concretizar se
11. Nao sei, so é muito importante trabalhador, e vida.
12. Ser Docente de Língua Gestual Portuguesa, Tirar Mestrado de Ensino dos Surdos, de alguma forma gostaria estar colocado (está difícil hoje em dia) em alguma Escola com o Ensino dos Surdos, Mudar em alguns aspectos no ensino especial e o programa curricular da Língua Gestual Portuguesa e Conseguir mudar aspectos negativos na vida quotidiana do Surdo como exemplo: barreiras de comunicação nos serviços públicos.
13. queria ser Policia, infelizamente não deu -me
14. Sim. Mas agora não consegui e decidi escolher outro.
15. Aos 64 anos ainda continuo a sonhar... todos os sonhos que tive consegui realizar... o sonho comanda a vida...
16. Citando minha frase preferida "Não se vence na vida sem lutas" Os objetivos ainda estão abertos para atingir cada passo.
17. Tenho muitos sonhos para realizar, mas sim consegui um dos objectivos, tenho muito que aprender.
18. Futuro será difícil e teremos continuar lutar...
19. Designer. Não consegui concretizá-lo, por causa das dificuldades na Língua Portuguesa.
20. Conseguir criar um software educativo que permita efetuar registos escritos em SignWriting de forma automática a partir da LG.
21. Meu sonho era ser professora e ter uma família. Sim consegui.
22. Era ser arquiteto ou informático. Nao.
23. Sim consegui e irei concretizar muito mais, porque não existe limitações para sonhos grandes!
24. Era ser policia mas não consegui concretiza lo
25. Não. Sonhava com muitas profissões, principalmente ser veterinária.
26. Teatro. Não.

27. Cineasta. Estou a caminho.
28. Se a principal barreira era comunicação, logo envolve também no mercado de trabalho, isso é, ainda não consegui concretizar o meu sonho.

### **Tecnologias de Apoio**

#### **Utilizou tecnologias de apoio? Quais? (26 respostas)**

1. Aparelhos auditivos
2. Aparelhos auditivos
3. Aparelhos auditivos
4. Aparelho auditivo
5. Aparelho auditivo
6. Aparelhos auditivos.
7. Aparelhos auditivos.
8. Um implante Coclear e uma Prótese auditiva
9. Leitura labial
10. Aparelhos auditivos
11. Aparelhos
12. Implante coclear
13. sim aparelhos auditivos digitais
14. Só e melhor aparelhos auditivos
15. nada
16. sim, os dois, mas agora já não os uso.
17. Não
18. Aparelho auditivo e implante coclear
19. Aparelho auditivos
20. Sim. Aparelhos auditivos.
21. Aparelhos auditivos até aos 18 anos
22. Aparelho Auditivo e Implante Coclear
23. aparelho auditivo
24. aparelhos auditivos
25. Aparelhos auditivos e Implante Coclear.
26. Usava aparelhos auditivos

#### **Com que idade começou a utilizá-las? (24 respostas)**

1. 3
2. 3

3. 3
4. 2 anos
5. 2 anos
6. 2 anos
7. 7
8. 7
9. 7
10. 3 anos
11. 3 anos
12. Com o Implante comecei aos 3 anos, e a Prótese comecei aos 15 anos.
13. Desde cedo
14. 2
15. 6
16. 5 até 14
17. aparelhos auditivos aos 3 e depois aos 10 anos o implante coclear
18. 4 até 6 anos
19. 4 ou 5 anos
20. Aos 4 anos de idade.
21. Aos 3 anos
22. 3 ou 4 anos.
23. Aparelhos desde os 18 meses de idade, Implante Coclear aos 23 anos!
24. 3 nos aparelhos e 9 no implante.

**Acha que foram úteis? (25 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Sim
4. Sim
5. Não
6. Sim
7. Não
8. Sim
9. Sim
10. Sim
11. Sim
12. Não

13. Não
14. Sim
15. Não
16. Sim
17. Sim
18. Não
19. Sim
20. Sim
21. Sim
22. Sim
23. Sim
24. Não
25. Sim

### **Ensino Superior**

#### **Habilitações académicas (25 respostas)**

1. Licenciatura
2. Licenciatura
3. Licenciatura
4. Licenciatura
5. Licenciatura
6. Licenciatura
7. Licenciatura
8. Licenciatura
9. Licenciatura
10. Licenciado
11. Licenciado
12. 3 ano (a decorrer)
13. Licenciatura
14. 12
15. Licenciatura de língua gestual portuguesa Técnico de multimedia
16. Lic. Arte e Design
17. Mestrado - fim da Dissertação
18. Licenciatura e Pós Guardação
19. licenciatura
20. Doutoramento (a finalizar)

21. Controle das emoções e Busca pelo aperfeiçoamento
22. Licenciatura de Lecionação em LGP
23. Doutoramento.
24. licenciatura
25. 12º ano - curso artes visuais

**Curso que frequentou no Ensino Superior (26 respostas)**

1. Lgp
2. Lgp
3. Língua Gestual Portuguesa
4. Língua Gestual Portuguesa
5. Psicologia
6. Informática de Gestão
7. Gestão e Administração Hoteleira
8. Nao
9. Língua gestual
10. não respondo - tendo em conta não foi LGP
11. ESEC
12. Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa - Ramo Leccionação
13. Curso de Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa na UCP
14. Curso de LGP
15. Docência da LGP
16. Direito
17. Psicologia
18. ESECoimbra
19. Ciências de Engenharia, Língua Gestual Portuguesa e Ciências de Educação.
20. Docente de Língua Gestual Portuguesa
21. Língua gestual e portuguesa
22. Design de Comunicação
23. Curso de Língua Gestual Portuguesa
24. Educação Social
25. Multimédia
26. LGP

**Como acompanhou as matérias ao longo das aulas no Ensino Superior? (25 respostas)**

1. Aulas, materiais de apoio escritos e livros
2. Frequentando as aulas e estudando
3. Com a intérprete de LGP e alguma ajuda dos professores.
4. Interpretes, materiais de apoios
5. Interprete e materiais de apoio
6. Apoio nas horas extra
7. Estudar é óbvio.
8. todas elas com fotocópias e apoio dos colegas e professores
9. Algum há intérprete de LGP
10. Intérprete de LGP, livros bons adequados
11. SIM
12. Com esforço, empenho, auto-investigação
13. Com apoio dos livros e de apontamentos de colegas e de professores
14. Levar os powerpoints para as aulas, prestar atenção às interpretes e apontar tudo o que puder no rascunho.
15. simples e Interprete LGP
16. Tinha acesso a LGP através de Intérpretes de LGP e apoio dos colegas.
17. Na primeira licenciatura, sem recurso a Interprete de LGP, por esse motivo foi um processo mais demorado. Os outros dois cursos já me foi proporcionado intérpretes de LGP.
18. Com ajuda dos interpretes, colegas e professores .
19. com apontamentos e estudos.
20. Ouvindo, aprontando e estudando.
21. tinha interprete
22. intérprete de LGP e estudo das matérias dadas pelos profs
23. Intérprete de LGP.
24. Apontamentos e projetor
25. Com intérprete de LGP nas salas de aulas

**Os seus professores estavam preparados para ensinar alunos Surdos? (27 respostas)**

1. Não
2. Não
3. Não

4. Mais ou menos
5. Mais ou menos
6. Não
7. Mais ou menos
8. Não
9. Não
10. Não
11. Sim
12. Sim
13. Mais ou menos
14. Mais ou menos
15. Sim
16. Não
17. Mais ou menos
18. Mais ou menos
19. Não
20. Sim
21. Sim
22. Não
23. Sim
24. Mais ou menos
25. Mais ou menos
26. Não
27. Mais ou menos

**Teve sempre acompanhamento de intérprete em todas as disciplinas? (27 respostas)**

1. Não
2. Não
3. Sim
4. Sim
5. Sim
6. Sim
7. Não
8. Não
9. Não

10. Sim
11. Sim
12. Sim
13. Não
14. Sim
15. Sim
16. Sim
17. Sim
18. Sim
19. Não
20. Sim
21. Sim
22. Não
23. Sim
24. Não
25. Sim
26. Não
27. Sim

**Se a resposta for não. Justifique. (9 respostas)**

1. A escola não tem essa acessibilidade
2. Nunca tive intérprete
3. O problema é intérprete que me dá resumo do que os professores falam uma frase enorme e intérprete só da 4 gestos e já é suficiente
4. Não havia interpretes no meu tempo
5. Em algumas cadeiras não tinha Interprete de LGP
6. Até à conclusão da primeira licenciatura a profissão de interprete era inexistente. Na Pós-graduação, embora existissem intérpretes, eu não tive, pois nessa fase a universidade do Porto ainda não contratava intérpretes. A partida do mestrado e já no doutoramento, foi-me facultado intérpretes para todas as unidades curriculares.
7. Não precisei
8. Tive algumas disciplinas que não tive interprete por haver mais turmas com alunos surdos.
9. Estudei numa instituição privada, foi me negado a bolsa e teve que ser por minha conta.

**A presença de intérprete é fundamental? Justifique. (25 respostas)**

1. sim
2. sim
3. Sim, para quem não consiga acompanhar as aulas sem o recurso à LGP
4. Não sei. Nunca experimentei. Mas penso que ajudaria, sim.
5. Para algumas cadeiras sim. Porque assim eu posso acompanhar melhor a matéria dada na aula.
6. Sim e para esclarecer as duvidas.
7. Sim. E para esclarecer as duvidas.
8. É fundamental
9. Depende de intérprete.
10. sempre é em qualquer escola e qualquer ensino desde que esteja presente um aluno surdo mesmo com o implante
11. Nao sei.
12. Sim é, facilita a matéria dada na aula.
13. é fundamental porque e uma boa comunicação que nós merecem..
14. Sim é sempre fundamental que é muito importante para os surdos que o interprete de lgp é uma ponte de comunicação que facilita os surdos a perceber.
15. Se for profissional capaz e bem formado ética e profissionalmente sim é importante
16. Sim para podermos comunicar adequadamente nas sessões e reuniões de orientações no âmbito do doutoramento.
17. Sim, para perceber a matéria .
18. Sim, pk eu não ouvir que professores fale e traduzir para lgp ...
19. Sim claro. Para poder acompanhar a matéria e as aulas.
20. É fundamental porque através delas nos é permitido um acesso rápido à informação.
21. Sim
22. Sim, é muito importante para que os surdos percebam o que os professores explicam as materias nas aulas, porque sem interprete muitos estariam perdidos e a dificuldade aumentava.
23. Depende... cada caso é um caso.
24. Sim. Porque é importante aprender e adquirir da matéria.
25. O intérprete traduz as falas do professor para LGP (minha língua nativa)

**Como comunicava com os seus colegas ouvintes em situação de trabalho de grupo? (25 respostas)**

1. Oral
2. Oral
3. LGP
4. LGP
5. Oral e escrito
6. Comunicava oralmente.
7. Lgp, mimica e escrita
8. Lgp e mimca
9. oral e escrita
10. Nao.
11. LGP e outros oral
12. Pela oralidade, as vezes teve um apoio com o interprete de lgp
13. De todas as formas possíveis :-)
14. Mímica e escrita
15. Oralmente e pedia lhes para falarem com calma .
16. Normal pk era todos Lic em LGP (mistura)
17. Através da LGP e às vezes mímica.
18. Na primeira licenciatura, sem interprete, com alguma dificuldade dai para a frente com a presença de interprete. No mestrado os meus colegas de grupo sabiam LGP.
19. Eramos todos surdos
20. no meu curso, comunicava com eles por lingua gestual ou oralizar.
21. A falar....!
22. comunicava em gestos ou falava
23. Acompanho com a interprete de LGP e com os colegas ouvintes.
24. Mimíca, escrita e oral.
25. No meu curso superior não havia colegas ouvintes.

**Como eram os seus métodos de estudo em casa? (24 respostas)**

1. Estudar, ler e decorar
2. Estudar, ler e decorar
3. Leitura
4. Leitura de livros, apontamentos e exercícios diários
5. Agarrar o livro e estudar.

6. estudava diariamente
7. Não sei.
8. Comunicar com a Comunidade Surda, e comunicar com os colegas em LGP.
9. através das tecnologias em casa (oovoo)....
10. Sempre a ler, e pesquisar pela net.
11. Os que considere mais consentâneos
12. Não sei qual é o segredo de sucesso. Só esforço e persistência ajudam-me estudar de uma maneira faseada e organizada de acordo com as necessidades académicas.
13. Tenho sebtas e isso ajudam-me a resumir por palavras minhas.
14. n/D
15. Procurar mais materiais e esclarecer dúvidas na Internet e colaborar com colegas Surdos.
16. Sempre fui uma pessoa muito organizado, estudava muito, lendo livros, apontamentos...
17. Leitura, resumos esquemas, ver os Dvds
18. estudar, nada de mais.
19. Leitura obrigatória da matéria dada.
20. ler e escrever muitas vezes para decorar
21. revia e reescrevia a matéria
22. Leio os textos e fazer os resumos.
23. Não estudava muito. Tenho boa capacidade, o que me ajuda um pouco.
24. Normal

**Alguma vez teve apoio/ajuda fora das aulas quer da parte de colegas ou familiares para superar as dificuldades? (26 respostas)**

1. Não
2. Não
3. Não
4. Não
5. Não
6. Não.
7. Não.
8. Sim
9. Sim
10. Não.

11. Não.
12. Sim, tive.
13. Nenhuma
14. sempre
15. nunca
16. Nenhum
17. Jamais
18. Sim especialmente os colegas
19. Sim, tenho explicações de português cujo objetivo é enriquecer o português e perceber melhor a interpretação.
20. nao
21. Apenas com a colaboração dos colegas.
22. Sim, de alguns familiares. No doutoramento pude usufruir contei da parte tutorial de intérpretes.
23. sim
24. pouquissimas
25. Sim.
26. Não

**Conseguiu terminar todas as disciplinas de cada semestre ou teve que deixar algumas para mais tarde? (26 respostas)**

1. Sim
2. Sim
3. Sim consegui.
4. Sim consegui.
5. Tive de deixar algumas para mais tarde
6. Chumbei algumas disciplinas, devido ao seu grau de dificuldade. Além de que apanhei o ano do Bolonha, e tive de fazer as novas disciplinas do novo plano curricular do Bolonha, que me deixou sobrecarregada de disciplinas para concluir.
7. Tive que deixar algumas para trás.
8. Nao consegui
9. Terminei todas
10. deixava sempre para mais tarde algumas
11. Ja nao passa a disiplina de estagio por 2 vezes. Agora, ja passava outro estagio de projecto Arte.

12. Algumas disciplinas para mais tarde mas já tudo concluído.
13. consegui terminar todas...
14. Sim consegui terminar todas
15. Sempre terminei tudo na hora
16. Só nos casos raros que deixei algumas
17. Fiz todas as cadeiras mas sim tenho algumas disciplinas reprovadas.
18. consegui terminar todos
19. Deixei algumas para mais tarde.
20. Sim desde o momento em que passei a poder contar com as intérpretes de LGP.
21. Consegui terminar tudo
22. sim consegui
23. consegui terminar todas as disciplinas
24. Sim consegui terminar todas as disciplinas de cada semestre.
25. Não, fui com calma a terminar tudo.
26. Consegui terminar cada semestre